



Universidade de Brasília  
Faculdade da Ceilândia  
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

**POLIAMAR É POSSÍVEL: saúde, cuidados e famílias.**

Márcia Cristina de Souza Santana

Brasília – DF, novembro de 2015.



Universidade de Brasília  
Faculdade da Ceilândia  
Curso de Graduação em Saúde Coletiva

POLIAMAR É POSSÍVEL: saúde, cuidados e famílias.

Márcia Cristina de Souza Santana

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosamaria Giatti Carneiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Saúde Coletiva da Faculdade de  
Ceilândia/FCe da Universidade de Brasília/UnB  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Bacharel em Saúde Coletiva.

Banca Examinadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Grandi V. Bastos (UnB/FCe)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Badim Marques(UnB/FCe)

Brasília – DF, novembro de 2015.

Márcia Cristina de Souza Santana

**POLIAMAR É POSSÍVEL: saúde, cuidados e famílias.**

Data de Defesa: 16/11/2015

Resultado:

BANCA EXAMINADORA:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosamaria Giatti Carneiro

---

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Larissa Grandi V. Bastos

---

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Badim Marques

---

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

*Ao meu companheiro de vida, de carreira profissional e acadêmica, Eloízio F. do Nascimento. Certamente, em ti encontrei o incentivo, a motivação e apoio incondicional necessário para alcançar mais esta meta.*

## **AGRADECIMENTOS**

*Aos integrantes do Movimento Pró Universidade Pública de Ceilândia (Mopuc) por reivindicarem uma universidade acessível à comunidade local.*

*À Universidade de Brasília, à direção, ao excelente corpo docente do curso de Saúde Coletiva e demais cursos, aos servidores administrativos da Faculdade de Ceilândia por proporcionarem um ensino superior de qualidade.*

*À professora Rosamaria Giatti Carneiro pelo olhar diferenciado na orientação deste trabalho, pela confiança, pelos ensinamentos e correções que contribuíram para meu crescimento, pelo profissionalismo, e expertise investidos nesta obra.*

*Minhas considerações à banca, professoras Larissa Grandi e Silvia Badim, pelo aceite da avaliação deste trabalho.*

*Aos meus pais, Jairo e Maria Amélia, por terem educado os quatro filhos, em especial à minha mãe, meu braço direito, que contribuiu e contribui significativamente para além de minha jornada acadêmica.*

*Aos meus filhos, Jéssica e Guilherme pela compreensão e apoio durante estes quatro anos e meio em que tive que abdicar de alguns momentos juntos.*

*À minha irmã, Tânia Cristina, pela consideração e apoio.*

*Aos moderadores do grupo Poliamor Brasília-DF, Alice Sales e Leandro Viana, aos integrantes do grupo e sujeitos desta pesquisa que gentilmente contribuíram para realização deste trabalho.*

*Aos colegas e amigos da 7ª turma de Saúde Coletiva em especial Danylo Vilaça, Valmir Lopes, Jorge Henrique, Hayssa Ramos, Tâmara Rios, Núbia Patrícia, Sheyla Cardoso, Laísa Almeida, Ana Carolina, Carla Rayane, Ana Terra, Géssika Cavalcante, Michele Cordeiro, Luana Galeno, e à xará, amiga, irmã, Márcia França, que me incentivou desde o início do projeto “PoliTCC”, que dedicou parte do seu tempo para me ceder apoio didático e técnico.*

*Às colegas e amigas do curso de enfermagem Laire Camargo, Samara Leopoldino, Flávia Meireles, Thais Damasceno, Maisa Vaz, Maria Célia, Luiza Bonach e ao colega Lucas Barbosa.*

*Às colegas e amigas do curso de fisioterapia Thais Paiva, Priscila Andrade, Nayara Bittencourt e Thília Cerqueira.*

*A todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.*

*Gratidão.*

**A Maçã**  
(Raul Seixas)

Se esse amor  
Ficar entre nós dois  
Vai ser tão pobre amor  
Vai se gastar...

Se eu te amo e tu me amas  
Um amor a dois profana  
O amor de todos os mortais  
Porque quem gosta de maçã  
Irá gostar de todas  
Porque todas são iguais...

Se eu te amo e tu me amas  
E outro vem quando tu chamas  
Como poderei te condenar  
Infinita tua beleza  
Como podes ficar presa  
Que nem santa num altar...

Quando eu te escolhi  
Para morar junto de mim  
Eu quis ser tua alma  
Ter seu corpo, tudo enfim  
Mas compreendi  
Que além de dois existem mais...

Amor só dura em liberdade  
O ciúme é só vaidade  
Sofro, mas eu vou te libertar  
O que é que eu quero  
Se eu te privo  
Do que eu mais venero  
Que é a beleza de deitar...

Quando eu te escolhi  
Para morar junto de mim  
Eu quis ser tua alma  
Ter seu corpo, tudo enfim  
Mas compreendi  
Que além de dois existem mais...

Amor só dura em liberdade  
O ciúme é só vaidade  
Sofro, mas eu vou te libertar  
O que é que eu quero  
Se eu te privo  
Do que eu mais venero  
Que é a beleza de deitar...

## RESUMO

O “Poliamor” como prática relacional não monogâmica visa permitir maior liberdade na escolha de parceiros afetivos e/ou sexuais, bem como nas possibilidades de arranjos conjugais buscando a igualdade entre os gêneros. As atuais transformações no contexto familiar, cuja bancada religiosa insiste em impor o Estatuto da Família no molde mononormativo, ou seja, sistema relacional cuja norma padrão é a monogamia, em pleno século XXI, resultaram nesta pesquisa qualitativa de inspiração etnográfica na área da Saúde Coletiva. Buscou-se mapear o perfil de adeptos ao poliamor e de famílias poliafetivas a partir do grupo virtual Poliamor Brasília-DF da rede social *facebook*, bem como compreender a dinâmica de suas práticas, o cuidado com a sua saúde de forma geral, os reflexos na sociedade contemporânea mediante a falta de (re) conhecimento do poliamor e ao que lhe é pertinente, bem como instigar o debate acerca dessas novas famílias no interior do Sistema Único de Saúde (SUS) no âmbito da promoção, prevenção e recuperação da saúde.

**Palavras-Chave:** Poliamor. Família. Cuidado. Saúde. Reconhecimento.

## **ABSTRACT**

The "Polyamory" as non-monogamous relational practice seeks to allow greater freedom in choosing affective and/or sexual partners as well as the possibilities of marital arrangements seeking gender equality. The current transformations within the family, whose religious bench insists on imposing the Family Statute in mono normative mold, it means, relational system whose default norm is monogamy, in the XXI century, resulted in this qualitative study of ethnographic inspiration in the field of Public Health. The study attempted to map the profile of supporters of "poliamor" and poli affective families from the virtual group "Poliamor Brasília-DF" of the social network Facebook, as well as understand the dynamics of their practices, care for your health in general, the effects on the contemporary society by the lack of knowledge of polyamory what is relevant to them and provoke debate about these new families within the Unified Health System (SUS) in promoting , prevention and recovery of health.

**Key-words:** Polyamory. Family. Care. Health. Recognition.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

<b>CEP</b>	Comitê de Ética em Pesquisa
<b>DF</b>	Distrito Federal
<b>DST</b>	Doenças Sexualmente Transmissíveis
<b>EUA</b>	Estados Unidos da América
<b>FCE</b>	Faculdade de Ceilândia
<b>IH</b>	Instituto de Humanas
<b>LGBTTT</b>	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trasvestis, Transexuais e Transgêneros
<b>MS</b>	Ministério da Saúde
<b>MST</b>	Movimento Sem Terra
<b>OAB</b>	Ordem dos Advogados do Brasil
<b>OMS</b>	Organização Mundial da Saúde
<b>Prouni</b>	Programa Universidade para Todos
<b>RENOTE</b>	Revista Novas Tecnologias na Educação
<b>RLi</b>	Rede de Relações Livres
<b>STF</b>	Supremo Tribunal Federal
<b>SUS</b>	Sistema Único de Saúde
<b>TCC</b>	Trabalho de Conclusão de Curso
<b>TCLE</b>	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
<b>TV</b>	Televisão
<b>UECE</b>	Universidade Estadual do Ceará
<b>UFRGS</b>	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
<b>UFRJ</b>	Universidade Federal do Rio de Janeiro
<b>UNB</b>	Universidade de Brasília
<b>USP</b>	Universidade de São Paulo

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** – Dia Internacional do Poliamor ..... p. 21
- Figura 2** – Diagrama de Venn no perfil em 2015 .....p. 36
- Figura 3** – Capa do grupo Poliamor BSB no *facebook* em 2015.....p. 37
- Figura 4** – Capa do grupo Poliamor Brasília no *facebook* em 2015.....p. 38
- Figura 5** – Arranjos Conjugais no Poliamor ..... p. 50

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> – Frequência de Poliencontros realizados de julho de 2014 a setembro de 2015.....	p.41
---	------

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	<b>13</b>
<b>Capítulo I</b> .....	<b>15</b>
A monogamia preterida: nova trajetória para o relacionamento .....	15
Poliamor pode ser.....	16
Poliamor e outros relacionamentos não monogâmicos: diferenças fundamentais .....	19
A gênese do movimento poliamoroso.....	20
O poliamor está “saindo do armário”.....	22
“A arte imita a vida, que imita a arte que... imita a vida”:E a saúde, como fica? .....	24
<b>Capítulo II</b> .....	<b>27</b>
Notas metodológicas .....	27
Campo para pesquisa e ferramentas necessárias – “o todo é maior que a soma das partes” .....	29
O Poliamor no campo da Saúde Coletiva.....	31
A descoberta do grupo Poliamor Brasília-DF.....	36
“Quando será o próximo poliencontro?”.....	39
Aspectos éticos da pesquisa .....	42
Elementos relevantes para saúde e bem-estar das famílias plurais.....	43
<b>Capítulo III</b> .....	<b>47</b>
“Prazer sou pesquisadora em Saúde Coletiva” .....	47
O perfil dos adeptos e simpatizantes do poliamor .....	49
“Por que um único amor quando se pode viver amores únicos?” .....	50
Uma família poli “trisal”: a relação familiar, o cuidado, a saúde.....	52
Uma família poli + um: a relação familiar, o cuidado, a saúde.....	55
Da monogamia ao poliamor.....	58
Amor e Sexo: Entre ouTras Coisas frente ao poliamor.....	61
Saúde e preconceito social: o mundo particular do poliamor.....	70
A ética como compromisso no poliamor .....	76
Saúde e bem-estar para além dos limites jurídicos: “A ausência de Lei não pode justificar o não reconhecimento do poliamor”. .....	78
Movimento político para uns, viver em paz para outros.....	82
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>86</b>
<b>Referências</b> .....	<b>90</b>
<b>Apêndice</b> .....	<b>94</b>
<b>Anexos</b> .....	<b>97</b>

## Introdução

Nas sociedades orientais e ocidentais existem maneiras diferentes das pessoas se relacionarem e constituírem suas famílias. Um dos fatores que exerce grande influência neste processo é o cultural. Como se sabe, as tradições de uma tribo indígena são diferentes das sociedades muçulmana, indiana e chinesa, por exemplo. As mudanças no contexto político e econômico no decorrer dos séculos levaram às transformações sociais, até mesmo algumas das tradições milenares têm passado por processos de “ressignificação” de suas práticas (LINSSEN; WIK, 2012, p. 75).

As constantes transformações na sociedade têm direcionado diversos estudos científicos às investigações que possibilitem compreender a origem das famílias, fatores que influenciam no contexto de suas práticas, as consequências nas políticas públicas. O caminho científico é vasto e em alguns contextos os estudos são escassos nesta área, como no caso de “famílias poliafetivas”. Desta forma, este trabalho tem por ambiente de pesquisa de campo o discurso do poliamor e a sua interface com a saúde na atualidade. Nesse sentido buscou-se delinear o perfil dos adeptos e simpatizantes do poliamor da cidade de Brasília, que fazem parte do grupo virtual na rede *facebook* conhecida como “Poliamor Brasília-DF”.

O objetivo Geral consta da análise do poliamor e sua interface com a saúde; descrever as concepções de amor, sexo, saúde, felicidade e família que circulam no grupo Poliamor Brasília-DF e compreender a sua relação com a noção de saúde e bem-estar. Posteriormente, especificar o conceito do poliamor no âmbito geral e para o grupo Poliamor Brasília-DF; mapear os marcadores sociais da diferença que caracterizam o universo poliamoroso, Idade, gênero, raça/cor, profissão/ocupação, escolaridade, religião, padrão socioeconômico; compreender seus valores, códigos, conceitos, práticas, pontos de vista e percepções.

A família como organismo formador da sociedade é o objeto principal deste estudo, em particular a família poliafetiva. A relevância do tema para Saúde Coletiva surge da necessidade de conhecer o indivíduo “poliamorista” e a sua coletividade, considerando o meio em que está inserido levando em

conta o processo histórico e social. Segundo Bosi e Paim (2010, p. 2036), é preciso que o graduando esteja comprometido com “valores e princípios vinculados à democracia, autonomia das pessoas, solidariedade, justiça, emancipação, equidade, dignidade humana, respeito à diferença, entre outros”, e que o conhecimento adquirido, seja capaz de desenvolver habilidades que o leve a um posicionamento “ético-político, comprometido com a defesa da vida e da saúde enquanto direito”. Sendo assim, este trabalho direciona a uma reflexão necessária sobre comportamentos e atitudes dos profissionais da área da saúde assim como as implicações e barreiras no sistema de saúde diante deste “novo” formato familiar.

O recorte deste trabalho é voltado à saúde e ao bem-estar dos sujeitos poliafetivos, os aspectos psicológicos na escolha de seus relacionamentos amorosos e afetivo-sexuais. Trazendo à visibilidade acadêmica, o arranjo não monogâmico, a perspectiva do poliamor mostra como são percebidas a saúde e o cuidado da família composta por Marília, Marcelo e Marcos e da família composta por Flávia e Fernando. Estes mesmos pontos, bem-estar, o cuidado, entre outros, serão observados e confrontados com a percepção de uma família poliamorosa participante da série documental “Amores Livres” apresentada em episódios na rede de televisão (TV) GNT semanalmente, além de relacionar estes aspectos com as bibliografias.

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) está organizado em três capítulos. O primeiro traz o conceito de poliamor no âmbito geral e para o grupo Poliamor Brasília-DF, diferenciando-o de outras formas não monogâmicas de relacionamentos. O segundo detalha a metodologia adotada, a importância do tema para a Saúde Coletiva e para pesquisadora enquanto graduanda, o caminho percorrido até a descoberta do objeto de pesquisa de campo e os aspectos éticos da pesquisa. O terceiro capítulo versa sobre o perfil dos adeptos ao poliamor e as famílias plurais, sua relação com a sociedade monogâmica contemporânea, a compreensão que estes sujeitos têm sobre sexo, amor, saúde, cuidado, o movimento poliamoroso e a busca por reconhecimento social e jurídico.

## Capítulo I

### A monogamia preterida: nova trajetória para o relacionamento

A história que nos é ensinada, desde os primeiros anos escolares, mostra que a cultura ocidental, na qual estamos inseridos, chegou ao Brasil com o modelo europeu no período colonial. Com base em princípios tradicionalmente cristãos, passa a ditar a normatização das uniões afetivas arraigando a monogamia como norma padrão. Sendo assim, por muito tempo, a sexualidade, bem como as relações amorosas e afetivas, foram controladas por seguimentos religiosos e políticos, que impunham as regras a serem seguidas por homens e mulheres (EMMERICK, 2010). E ainda o é, nos tempos atuais, em defesa da família monogâmica e tradicional composta por pai, mãe e filhos. Porém, percebe-se no cotidiano conjugal que em determinados casos a monogamia constituída a partir do contrato matrimonial (casamento civil); declaração de união estável; acordo verbal entre os parceiros e o casamento religioso tem sido preterido por arranjos não monogâmicos como veremos neste trabalho.

Dentre os tipos de relacionamentos não monogâmicos, o “poliamor” vem ganhando destaque nas rodas de conversa, nos livros de psicanálise, nos estudos acadêmicos, nos programas de TV, nos jornais e outras redes midiáticas, as quais serão mencionadas logo mais adiante, por estar provocando transformações sociais, inclusive nas configurações familiares. Para não ser caracterizado como trapaça ou “puladinha de cerca”, o poliamor tem algumas características semelhantes às da monogamia<sup>1</sup> como a premissa do compromisso, da honestidade, da franqueza, mas há um diferencial em sua essência, a busca pela igualdade entre os gêneros, marcando seu caráter feminista. “No poliamor é indispensável que a possibilidade de mais de um relacionamento amoroso simultâneo seja tanto de homens quanto de mulheres” (PILÃO; GOLDENBERG, 2012, p.64). No intuito de melhor compreender a

---

<sup>1</sup> Monogamia é o termo utilizado para designar a união entre duas pessoas, exigindo de ambas um relacionamento exclusivo, ou seja, sem a possibilidade de envolvimento extraconjugal e que pressupõe compromisso mútuo. Espera-se de modo geral que no relacionamento monogâmico haja fidelidade e honestidade entre os cônjuges, prática socialmente reconhecida e de cunho religioso.

construção do relacionamento na perspectiva do poliamor compartilharei algumas definições, antes disto, faz-se necessário explicar quanto ao uso das palavras derivadas do poliamor e sua importância.

Percebi que os autores utilizam termos diferentes para se referirem aos adeptos do poliamor e ao que lhe é pertinente. De acordo com a língua portuguesa, as palavras com sufixos “oso” e “ista” têm funções distintas quanto ao agente que pratica a ação e o adjetivo do agente e/ou suas práticas. Sendo assim, dentista e manobrista são agentes, portanto a pessoa que “pratica” o poliamor é “poliamorista”; bondoso, carinhoso e “poliamoroso” são adjetivos inerentes aos seus agentes, assim como a “poliafetividade” e o “poliamorismo” referem-se à prática de relacionamento nos ditames do poliamor.

Para Ritchie e Barker (2006, p. 589-594), os termos linguísticos aplicados ao contexto do poliamor servem para definir o relacionamento, caracterizar sentimentos e comportamentos, por consequência fortalecer o pleito por reconhecimento identitário e de direitos. Matheus França (2015, p. 148; 149), utiliza em seu artigo o termo “poliamantes”, já Pilão e Goldenberg (2012, p. 65; 70) fazem uso dos termos “poliamorista” e “poliamoroso”, estas expressões servem tanto para diferenciar as práticas do poliamor de outros tipos de relacionamentos não monogâmicos (poligamia, swing, relação livre e relação aberta), quanto do monogâmico. Com base no que foi exposto, as expressões serão utilizadas neste TCC seguindo o mesmo padrão dos teóricos.

## **Poliamor pode ser**

Segundo o Poliamor BSB <sup>2</sup>:

Um tipo de relação em que cada pessoa tem a liberdade de manter mais do que um relacionamento ao mesmo tempo. Não segue a monogamia como modelo de felicidade, o que não implica, porém, a promiscuidade. Não se trata de procurar obsessivamente novas relações pelo fato de ter essa possibilidade sempre em aberto, mas sim de viver naturalmente tendo essa liberdade em mente. O Poliamor pressupõe uma total honestidade no seio da relação. Não se trata de enganar nem magoar ninguém. Tem como princípio que

---

<sup>2</sup>Poliamor BSB é a página oficial no *site facebook* do grupo de adeptos e simpatizantes do poliamor em Brasília-DF, fundado em julho de 2014, com aprovação dos seus administradores pode-se participar do grupo fechado Poliamor Brasília-DF.

todas as pessoas envolvidas estão a par da situação e se sentem confortáveis com ela.

### More ThanTwo<sup>3</sup>:

A palavra “poliamor” é baseada no grego e no latim, que significa “muitos amores” (literalmente, poli muitos + amore amor). O poliamor é um relacionamento romântico que envolve mais de duas pessoas.

### The PolyamorySociety<sup>4</sup>:

Poliamor é a filosofia e a prática de amar várias pessoas simultaneamente de forma honesta, responsável e ética sem possessão. Enfatiza que a escolha de seus parceiros é consciente e não aceita a norma social no que diz respeito a amar apenas uma única pessoa. O Poliamor abraça a igualdade sexual e todas as orientações sexuais para um círculo ampliado de intimidade conjugal e amor, essa ligação nem sempre envolve sexo.

### Dicionário Priberam:

**po-li-a-mor** |ô|  
(*poli- + amor*)

Substantivo masculino

Relacionamento de cariz romântico e sexual que se estabelece simultaneamente entre vários parceiros, com conhecimento e consentimento de todos os envolvidos (ex.: o poliamor não deve ser confundido com a poligamia).

### Loving More<sup>5</sup>:

Poliamor se refere a relacionamentos emocionalmente interligados que envolvam abertamente três ou mais pessoas portando-se com honestidade, integridade e respeito. Alguns exemplos de relações poli: Um casal pode ter outros parceiros emocionalmente conectados. Três, quatro ou mais pessoas podem viver todos juntos ligados como uma família, criar os filhos e ter conexões emocionais e sexuais entre todos

<sup>3</sup>More ThanTwo (Mais de Dois) é um site que trata de assuntos relacionados ao poliamor, cujos principais idealizadores e ativistas são Franklin Veaux e EveRickert. Disponível em: <<https://www.morethantwo.com/>>. Acesso em 27 set. 2014.

<sup>4</sup>The PolyamorySociety (A Sociedade Poliamor) é uma organização não governamental americana sem fins lucrativos que apoia, defende e promove ações de interesses de adeptos do poliamor e famílias poliamorosas, fundada em 1996 em Washington. Disponível em: <<http://www.polyamorysociety.org/page6.html>>. Acesso em 27 set. 2014.

<sup>5</sup>Loving More (Amando Mais) é um movimento social desde 1994 com o propósito de fornecer informações e educação de apoio à prática poliamorosa através de conferências em vários países do mundo, uma de suas fundadoras, pioneira e militante do pensamento poliamoroso foi Deborah Anapol, autora do livro de maior referência sobre poliamor, **Polyamory: The New Love Without Limits**. Loving More Polyamory Events. Disponível em: <<http://www.lovemore.com/conferences/>>. Acesso em: 16 set. 2014.

ou algumas combinações dentro do grupo. Alguém pode ter vários parceiros românticos distantes que veem apenas ocasionalmente.

Percebe-se que o conceito de poliamor não é unânime, porém, há pontos em comum: o consenso, a liberdade e a honestidade. Em linhas gerais, trata-se de uma forma de relacionamento afetivo que afirma ser possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e manter uma relação de compromisso e responsabilidade, sem domínio/posse sobre quem se ama, opondo-se à monogamia, ou seja, sem exclusividade afetiva ou sexual.

Os poliamorosos, ou poliamoristas, como são chamados os adeptos desses relacionamentos e ideias, buscam construir acordos no relacionamento de forma que não haja traição e mentira, partindo do ponto da sinceridade em dizer ao parceiro (a) que está gostando ou tem interesse em uma terceira pessoa e que gostaria de abrir o relacionamento para inseri-la, caso ambos aceitem.

À luz de Wolfe (2003) o poliamor, de uma forma geral, é praticado em variações de gênero (heterossexual, bissexual, homossexual, transexual, etc.) e número (três, quatro, cinco ou mais parceiros), sendo classificado por alguns adeptos em escala de hierarquia como relacionamento “primário” e “secundário”, referindo-se ao (a) primeiro (a) parceiro (a) e aos relacionamentos posteriores a este. Portanto, formam-se configurações poliamorosas entre heterossexuais com bissexuais, somente entre heterossexuais, somente entre homossexuais, heterossexuais com transexuais, entre outras possibilidades. Além de numa relação poliamorosa, um ou mais de um dos parceiros optarem por ser monogâmicos, enquanto que os outros são não monogâmicos (mono/poli).

Linssen e Wik (2012, p. 185-188) explicam que a combinação mono/poli (alguém “monoamoroso” com outro poliamoroso) seja, talvez, a mais complexa de se estabelecer, alguns casos levam anos até que as partes cheguem a um consenso, sendo necessário descobrir outros interesses que unam os (as) parceiros (as) além do amor e apoio emocional.

Também existe o envolvimento entre todos os parceiros (relação em grupo) e a relação em que os parceiros não “namoram” todos entre si. As

configurações estendem-se em “aberta” (quando novas pessoas podem agregar-se à relação já estabelecida) ou “fechada” (quando não é permitida a inserção de outras pessoas além do já estipulado consensualmente – chama-se polifidelidade)(WOLFE, 2003).Portanto, variados são os arranjos em um relacionamento poliamoroso devido à liberdade que se propõe e a abertura ao diálogo que é fundamental entre os sujeitos.

### **Poliamor e outros relacionamentos não monogâmicos: diferenças fundamentais**

Compilando definições dos *blogs* “AmoresLivres<sup>6</sup>” e “Mundo Poli-Amoroso<sup>7</sup>”, é possível identificar peculiaridades que diferenciam alguns dos tipos de relacionamentos não monogâmicos a seguir.

**Poligamia:** casamento com mais de um homem (poliandria) ou mais de uma mulher (poliginia), associada à religião muçulmana é mais conhecida como poligamia. Reconhecida legalmente em mais de 50 países, cuja regra não é de se ter um harém, como muitos pensam, mas há o limite de quatro esposas para um homem, e este deve dar igual atenção/assistência a todas elas. Tanto a poligamia quanto a bigamia são proibidos no Brasil, estando tipificado em crime no artigo 235 do Código Penal.

**Swing:** baseia-se apenas no sexo com troca de casais ou inserção de mais uma pessoa na relação sexual para quebrar a rotina do casal e colocarem em prática suas fantasias íntimas. O casal não deixa de ser monogâmico, portanto, não é permitido envolvimento afetivo, evitando assim que se repita o encontro com as mesmas pessoas (o que causaria maior possibilidade de afinidade e sentimento amoroso).

A troca de casais chegou à classe média do Ocidente em fins da década de 1970, nos Estados Unidos, embalada pela revolução sexual recente, mas sua prática é antiga em outras civilizações. Os esquimós costumavam deixar suas mulheres emprestadas ao vizinho, quando saíam para caçar. O objetivo era a preservação da mulher, que podia não resistir às baixas temperaturas, sem apoio de alguém. A China também tinha o costume, até a Revolução Cultural, de os maridos, quando se ausentavam, alugarem as esposas. Os filhos que

---

<sup>6</sup> Site Amores Livres. Disponível em: <<https://amoreslivres.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 Jul 2014.

<sup>7</sup> Site Mundo Poli-Amoroso. Disponível em: <<https://mundopoliamoroso.wordpress.com/>>. Acesso em: 30 Jul 2014.

nascessem no período pertenceriam àquele que alugara a mulher. No Tibete, na África e no Havai há registro sobre o costume em questão. As sociedades ocidentais modernas, com seu alto nível de tolerância aparente, convivem com clubes e publicações especializadas. Os casais anunciam suas intenções, com fotos e endereços. Após uma correspondência por e-mail, marcam encontros. Grupos mais organizados e com atividade regular mantêm casas exclusivamente para esse fim. O Clube de Swing da América do Norte calcula que os adeptos da prática, nos Estados Unidos, sejam mais de cinco milhões de pessoas. No Brasil, nos últimos dez anos, aumentou muito o número de casas para esse fim e também o número de casais interessados em participar (LINS, 2007, p. 355).

**Relação Aberta:** relacionamento não monogâmico caracterizado pelo envolvimento sexual com outras pessoas sem ser em grupo ou troca de casal como acontece no swing. O acordo principal neste tipo de relacionamento é o não envolvimento afetivo (se é que isto pode ser possível sempre). Evita-se escolher alguém do mesmo ciclo social, sendo que, o mais importante é haver consenso de ambas as partes e que os acordos sejam bem definidos para evitar problemas.

**Relações Livres:** relacionamentos baseados na autonomia do sujeito, portanto, aos parceiros não é permitido interferir nas demais relações do outro. É livre a forma como a pessoa quer organizar a sua vida com cada um dos seus parceiros, delimitar o grau de afetividade, sexualidade e tempo de duração que cada relação terá ao longo do envolvimento, respeitando as limitações de cada um. Para os praticantes de relações livres, as pessoas não monogâmicas não se rendem às convenções sociais por acreditarem que sejam práticas de submissão e controle, defendem que o relacionamento afetivo/amoroso não deve ser regido ou determinado por nenhuma autoridade como, por exemplo, a igreja e o Estado.

Identificar algumas diferenças nos relacionamentos não monogâmicos faz-se da necessidade de tornar evidente o público alvo desta pesquisa, no caso os poliamoristas. Após conceituar o que é e o que não é poliamor, torna-se possível pensar estético relacionamento e seus arranjos frente às questões inerentes à saúde, o que implica em correlacionar com a Saúde Coletiva.

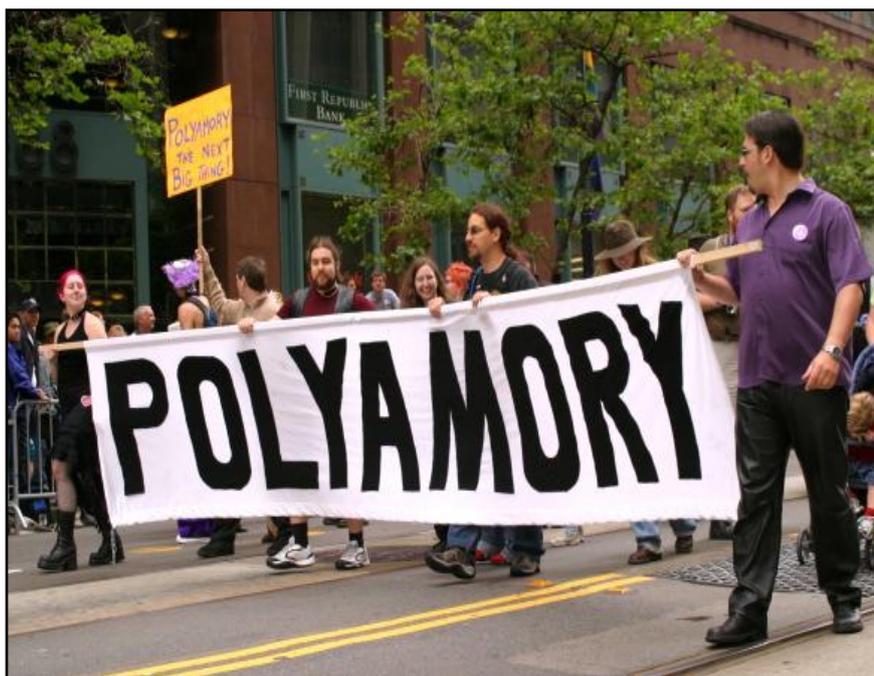
### **A gênese do movimento poliamoroso**

Na temática dos movimentos sociais, Gohn (2011, p. 333) afirma que “são fontes de inovação e matrizes geradoras de saberes” cujas ações coletivas são

manifestadas por meio de mobilizações, abaixo assinados, marchas, passeatas, entre outras redes sociais, incluindo as de comunicação via internet, têm cunho político, social e cultural. Penso que paralelo a este caráter, há a perspectiva psicossocial apontada por Jesus (2012, p.169) que ressalta fatores como “sentimento de injustiça, eficácia de grupo, identidade social e afetividade” que motivam as pessoas a se mobilizarem.

Como fontes de criação de políticas públicas destacam-se os movimentos étnicos (índios e afrodescendentes), estudantil (Programa Universidade para Todos - Prouni), social (Movimento Sem Terra - MST), os de luta por direitos e construção de identidade como o movimento de mulheres e o de LGBTTTs – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros - entre tantos outros movimentos de reconhecimento nacional e internacional como Greenpeace.

**Figura 1** – Dia Internacional do Poliamor.



20 de novembro, Dia Internacional do Poliamor (Polyamory Day).  
Fonte: [poliamores.blogspot.com.br](http://poliamores.blogspot.com.br).

O Poliamor como movimento social e afetivo, destacou-se na década de 1990, adquirindo visibilidade e força nos Estados Unidos da América (EUA), mobilizando também seguidores e militantes na Alemanha e Reino Unido (FREIRE, 2013, p.44). No Brasil, de acordo com Pilão (2012, p. 04), a

comunidade “Poliamor Brasil”, da extinta rede social virtual *Orkut*, é considerada como primeiro espaço *online* de discussão do tema poliamor, criada em maio de 2004. A partir dela surgiram outras redes e *blogs* relacionados às práticas não monogâmicas, formando núcleos em vários estados brasileiros, como exemplo, o Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Fortaleza.

A expressividade nas redes sociais marca o início da reflexão sobre o tabu relacionado ao sexo, ao desejo, aos vários sentimentos que envolvem o ser humano e seus diversificados gêneros. Freire (2013, p. 43) e Lins (2007, p. 339) ressaltam que o poliamor é uma modalidade conjugal cujos envolvidos afetivamente mantêm uma relação de cumplicidade, honestidade e intimidade. Percebo que este padrão se assemelha ao das “juras amorosas” nas relações monogâmicas, porém, os poliamorosos não compartilham do ideal de que a união deve ser única e eterna para que seja bem sucedida. As autoras afirmam que o sexo nos relacionamentos poliafetivos tem sua importância, mas o foco principal não é ter várias experiências sexuais como no swing, e sim, compartilhar experiências de vida e sentimentos entre os companheiros.

Acredito que daqui para frente haverá grande variedade de relacionamentos. No futuro, as pessoas vão experimentar diferentes formas de estar juntas. A prática de relações amorosas virtuais múltiplas abre espaço para se amar várias pessoas ao mesmo tempo também no mundo real. É o que se pode observar com o crescente número de adeptos do poliamor, (LINS, 2007, p. 338).

As pesquisas de Lins (2007) afirmam que ninguém se torna poliamorista de uma hora para outra, há um longo processo de desenvolvimento pessoal, do qual, poucos são capazes. Para a autora esta “conversão” só é possível após uma sistemática revisão de conceitos culturais e emocionais. Entretanto, na leitura dos poliamoristas “qualquer um tem o direito de optar pela monogamia como escolha de vida e acreditam que essa seja a escolha certa para muitas pessoas” (LINS, 2007, p. 348).

### **O poliamor está “saindo do armário”**

No Brasil o tema sobre relacionamentos libertários juntamente com a identidade de gênero tem alcançado dimensões sociopolíticas, destacando-se

através de estudos acadêmicos, redes sociais, programas de TV, jornais e revistas, a exemplo, temos a tese de doutorado “Reinvenções do Vínculo Amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia”, de Marlise Matos (2000), o prefácio “Amor Sem Barreiras” de Leonie Linssen e Stephan Wik (2012), o best-seller “A Cama na Varanda” (2007), “O Livro do Amor Vol.1 da Pré-história à Renascença” (2012) e “O Livro do Amor Vol.2 Do Iluminismo à atualidade” (2012), todos da psicanalista, sexóloga e escritora Regina Navarro Lins<sup>8</sup>, dedicada ao assunto há mais de quatro décadas.

A temática poliafetiva pode ser conferida em filmes sugeridos pelo *blog* Mundo Poli-amoroso, como “Prazer a três” (EUA, 2006), “Vicky Cristina Barcelona” (EUA, 2008), “Eu, Tu, Eles” (Brasil, 2000), “Os 3” (Brasil, 2011). Este acervo conta com o documentário de 15 minutos de duração, produzido no Rio de Janeiro em 2010 com direção de José Agripino, intitulado “Poliamor – Documentário”, o qual relata como é a rotina de pessoas que optaram por ter relações não monogâmicas de forma consensual. “O filme aborda assuntos como amor romântico, poligamia, traição, ciúmes, amor livre, swing, vida de casais, paixão, amor eterno e outros temas relacionados à afetividade e sexualidade<sup>9</sup>”.

Parece que a exemplo do debate sobre a homossexualidade, os relacionamentos afetivos diversos veem ganhando espaços de divulgação que através de mobilizações diretas ou indiretas têm gerado conquistas jurídicas no Brasil e no mundo, a saber, pelas uniões homoafetivas e poliafetivas, levando a discussões cada vez mais sérias e abordagens mais científicas capazes de mobilizar o sistema estatal e de organizações consideradas opressoras como as instituições militares, estas já têm em seus registros nos departamentos pessoais a oficialização de matrimônios entre pessoas do mesmo sexo, o que também desperta nesta pesquisadora o interesse por uma investigação nesta corrente de pensamento.

---

<sup>8</sup>A especialista participou do programa “De Frente com Gabi” na emissora SBT em 22 de maio de 2011, onde discutiu sobre “mudanças nos hábitos sexuais dos brasileiros, preconceito, saúde sexual e outros assuntos”. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/defrentecomgabi/noticias/7892/Casamento-e-onde-se-faz-menos-sexo-diz-sexologa-em-entrevista-para-Gabi.html>> Acesso em: 18 ago 2015.

<sup>9</sup>Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=H3SbBZNotuc>>. Acesso em: 08 Out 2015.

**“A arte imita a vida, que imita a arte que... imita a vida”:  
E a saúde, como fica?**

Argumentos como o de que novelas são prejudiciais à “saúde” da família tradicional brasileira, que certos filmes devem ser evitados para não influenciar as pessoas às práticas consideradas fora da “normalidade” ou do padrão são argumentos que me fazem refletir, uma vez que, mesmo antes de estreadem nas telas do cinema ou da TV, os autores se inspiram muitas vezes em casos reais para depois incrementarem o enredo.

O filme *Eu, Tu, Eles* (Brasil, 2000) dirigido por Andrucha Waddington foi inspirado na história de vida da nordestina Maria Marlene Silva Sabóia (interpretada pela atriz Regina Cazé – personagem Darlene), viveu por 17 anos no interior do Ceará com seus três maridos e filhos. O Jornal Online Folha de S. Paulo<sup>10</sup> registrou a entrevista concedida por Dona Marlene em que relata sua história sofrida, porém, para ela, considerada feliz.

Para ela, viver com três maridos foi surpresa do destino. Entre os homens, houve cumplicidade. Nenhum foi capaz de brigar por ela ou brigar com ela por causa da situação. Os homens foram chegando e se juntando à família, acolhidos por filhos e maridos. Marlene, como é mais conhecida, viveu com Oscar Sabóia da Silva, 69, Francisco Sabóia, 70, e José Eduardo Barbosa, 41. Zé, o último marido a se instalar na casa, foi embora em 1997 depois de brigar com um dos filhos de Marlene e nunca mais se ouviu falar dele [...]

Entrevista parte 3

**Folha Online - A Sra. tem medo de ficar sozinha?**

**Marlene** - Acho que nunca vou ficar sozinha. Tem muita gente aqui em casa. Mas é claro que um dia todo mundo morre. Se meus velhos morrerem, tenho coragem de tocar a vida, como sempre tive, e começar de novo, ao lado dos meus filhos, aqui na minha casa.

**Folha Online - A Sra. é feliz?**

**Marlene** - Sou, e muito. (Folha de S. Paulo, 17 de agosto de 2000).

A saúde da população brasileira, no que diz respeito à convivência em grupos (familiares, escolares, de trabalho, religiosos, etc.), está intimamente ligada a marcadores sociais da diferença como gênero, classe, raça e geração, bem como atrelada à estabilidade financeira, afetividade, comportamentos, estilo de vida e a própria ausência de doença. Estes fatores são facilmente comprovados quando as estatísticas/censos mostram que a falta de estabilidade financeira, falta de afeto/amor/carinho, a violência social e

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u3803.shtml>>. Acesso em 23 Fev 2015.

doméstica, o abuso de álcool e drogas e a presença de enfermidades são alguns dos motivos de separação, divórcio, suicídios, homicídios e crimes passionais. Sendo assim, é essencial analisar a saúde, o cuidado e o bem-estar sob a perspectiva das famílias poliamorosas e adeptos do poliamor, uma vez que há relação com a saúde pública e os resultados encontrados servirão de embasamento para futuras propostas de ação ou intervenções no cuidado social.

Partindo do princípio de que sentimentos como amor, afeto, desejo, raiva, ciúme, alegria, tristeza são inerentes ao ser humano e estão relacionados às circunstâncias e às pessoas, em níveis e intensidades diferentes, há que se pensar no que o poliamor pode refletir positiva ou negativamente na saúde de um modo geral e/ou específico.

Parece ser possível “poliamar”, parece ser possível uma construção familiar plural, sem abrir mão da saúde de forma geral, e ter os mesmos cuidados que se presa em uma configuração familiar tradicional. Estas observações estão registradas nos depoimentos colhidos das famílias poliamorosas às quais fazem parte da metodologia deste trabalho. Contudo, é possível conferir outros detalhes que constam na reportagem de destaque no Jornal local (Correio Braziliense, 13 de maio de 2015), cujas declarações dos adeptos ao poliamor apontam práticas e comportamentos do cotidiano, além de minha participação na entrevista em que levanto a questão da necessidade de ampliação do debate sobre o tema.

Na matéria do jornal mencionado, cujo título é “Liberdade para amar” adeptos do poliamor na Capital Federal, sinalizam transformações futuras na sociedade, o que dialoga com a afirmação de Marlise Matos (2000, p.19) quanto à “dinâmica familiar” ser um processo de “superação ou ultrapassamento de valores” antes normativos e tradicionais, cuja repercussão é reflexo de mudanças comportamentais no decorrer das gerações. A autora se refere a este fenômeno como “alternativas de conjugalidade e transformações nas identidades e culturas de gênero”:

Parcerias homo (gays e lésbicas) e heteroeróticas, acrescidas de novos desafios tais como pactos de “abertura” nos relacionamentos, casamentos não formais ou com algum ritual de passagem particular e idiossincrático, moradias separadas etc.; também modelos de famílias “descasadas”, na ausência da figura do “pai provedor”, a mulher sendo

“cabeça da família” (se casando ou não novamente) ou na situação em que o pai assume o cuidado em tempo integral dos filhos; e ainda em muitas outras alternativas em gestação (MATOS, 2000, p. 19).

Alguns teóricos serão alicerces desta monografia, como Pilão e Goldenberg (2012) que analisam quatro redes sociais poliamoristas em busca de entender o papel da monogamia na construção do poliamor, como se constroem as práticas e conjugalidades poliamoristas por meio de entrevistas e observação participantes. Lins (2007) analisa seus pacientes no consultório de psicanálise e percebe mudanças no comportamento sexual e afetivo geradoras de transformações futuras, no que diz respeito aos tipos de relacionamentos conjugais, elenca elementos que afirmam o que é e o que não é poliamor. A tese de Freire (2013) procura conhecer a partir de ferramentas específicas em que medida os valores, o amor e o ciúme explicam a atitude das pessoas diante do poliamor, os resultados revelaram a compreensão da problemática em torno da dinâmica do poliamor enquanto relacionamento. Por fim, a tese de Rafael Santiago (2014) vem afirmar que o poliamor possui prerrogativas capazes de constituir famílias e que estas merecem reconhecimento e tutela do Estado.

## Capítulo II

### Notas metodológicas

Inicialmente, este trabalho foi pensado sob a perspectiva de aliar revisões bibliográficas à interação virtual com pessoas por meio das redes sociais fora de Brasília, já que era uma das únicas fontes de pesquisa que dispunha até início de 2014. Porém, a possibilidade de fazer algo com mais solidez surgiu quando conheci, na rede social *facebook*, uma página aberta ao público chamada Poliamor BSB, na qual fui incluída posteriormente pela administradora. Desta feita, vislumbrei a oportunidade de textualizar a união de três elementos: o conhecimento científico por meio de revisões bibliográficas; o informativo presente nas redes sociais e o empirismo, na vivência com/dos poliamorosos e adeptos ao poliamor.

Por ser um tema factível, optei pela pesquisa qualitativa, que perpassa a investigação etnográfica, por meio da observação participante dos poliencontros<sup>11</sup> e conversas informais que proporcionaram um campo exploratório de observações livres, iniciado em julho de 2014. As entrevistas com os sujeitos de pesquisa (informantes aos quais chamarei em alguns momentos de interlocutores) ocorreram após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP – Instituto de Humanas da UnB), nos meses de março e maio de 2015. Desta forma, esta pesquisa teve duração de pouco mais de um ano.

Segundo Peirano (1995), a etnografia desafia conceitos do senso comum, já que mostra a realidade vivida pelo sujeito, levando em consideração seus pontos de vista, compreendendo suas peculiaridades a partir de um olhar diferenciado em seu contexto social, o que converge com o que dizem as autoras Eckert e Rocha (2008, p.04) quando sugerem não nos deixarmos levar pelas “armadilhas de explicar o que observamos pelo senso comum”.

---

<sup>11</sup> Poliencontros são encontros presenciais regulares promovidos pela administração do grupo Poliamor BSB, que acontecem em espaços públicos de Brasília. Conforme descrição na página do *facebook*, o espaço virtual e os encontros presenciais promovem diálogos a respeito de temas pertinentes ao poliamor, além de servirem para tirar dúvidas, fazer amizades, compartilhar experiências, desmistificar o tema e fortalecer o movimento social.

Sendo assim, o campo de pesquisa foi constituído inicialmente pela observação participante (QUEIROZ et al, 2007, p. 276-283), que consiste na participação do pesquisador na vivência dos sujeitos, a partir de uma inserção previamente autorizada por eles e cumprindo preceitos éticos. Tendo em vista a observação participante se tratar de um método que extrai da realidade empírica elementos subjetivos relevantes, que resultam em um conteúdo teórico capaz de subsidiar a interpretação do poliamor na perspectiva desses sujeitos, foi possível compreender porque o poliamor é um tipo de relacionamento afetivo que lhes gera bem-estar e saúde, sobretudo, no que tange aos desenhos das famílias, dos cuidados com a saúde e os estigmas que os sucumbem advindos dos sujeitos que constituem a sociedade de modo geral.

Nesse sentido, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico pressupõe um campo exploratório onde o pesquisador exercitará o “olhar”, o “ouvir” e o “escrever” (OLIVEIRA, 2006), utilizando-se de instrumento de coleta de dados e do diário de campo, no qual serão transcritos os relatos pessoais dos interlocutores, dados característicos, as percepções comportamentais, características do espaço de realização dos encontros, conflitos, limitações, anotações referentes à experiência do convívio com os sujeitos de pesquisa e seu ambiente (ECKERT; ROCHA, 2008, p.15).

O diário de campo é uma ferramenta essencialmente utilizada no recorte etnográfico para documentar/registrar tudo que envolva o objeto de pesquisa. No caso em tela, o diário de anotações de campo foi concebido primeiramente a partir dos registros das postagens virtuais da página Poliamor BSB<sup>12</sup> na rede social *facebook* bem como do grupo Poliamor – Brasília-DF<sup>13</sup>, seguido do que foi observado e sentido nos poliencontros e nas conversas individuais com os participantes desta pesquisa. Ainda neste capítulo tratarei de esmiuçar como surgiu este encontro entre pesquisadora e sujeitos de pesquisa, o enlace que culminou na produção deste trabalho científico.

---

<sup>12</sup>Disponível em: <<https://www.facebook.com/poliamorbsb?fref=nf>>. Acesso em: 27 Jul 2014.

<sup>13</sup>Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/747154395346043/>>. Acesso em: 27 Jul 2014.

## **Campo para pesquisa e ferramentas necessárias – “o todo é maior que a soma das partes”<sup>14</sup>**

Iniciei esta obra acadêmica utilizando informações conceituais retiradas de *sites* e *blogs*, o que torna evidente a importância destes espaços cibernéticos para elucidar pontos referentes ao tema em questão. Será por meio desta ferramenta, a internet, que alguns símbolos representativos do coletivo poliamoroso tornar-se-ão visíveis ao leitor. É neste espaço virtual de socialização que pessoas com afinidade de pensamentos, costumes e culturas se conhecem inicialmente, compartilham experiências, textos, vídeos, informações sobre o movimento social poliamor no Brasil e no exterior. Esta modalidade de pesquisa chamada de “netnografia” está pautada no conceito etnográfico, logicamente, adaptada por tratar-se de um espaço da *web* (MONTARDO; PASSERINO, 2006, p.06)<sup>15</sup>, corroborando a legitimidade da pesquisa em tela.

Os leitores já perceberam a ocorrência de usos verbais na primeira pessoa, o que pode estar causando estranhamento em alguns, mas isto é possível porque de acordo com Caprara<sup>16</sup> e Landim<sup>17</sup> (2008, p.07) é permitido utilizar a subjetividade e tempos verbais na primeira pessoa na escrita etnográfica, uma vez que está intrínseca a interpretação pessoal.

A construção “teórico-etnográfica” (PEIRANO<sup>18</sup>, 2014, p.07) deste trabalho surgiu a partir de indagações bastante pessoais, às quais se referiam a comportamentos e atitudes presenciados no cotidiano doméstico e no convívio social. Queria saber porque muitas pessoas se envolviam afetivamente e/ou sexualmente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo.

---

<sup>14</sup> De acordo com o site [www.significados.com.br](http://www.significados.com.br), sinergia é quando dois objetos ou até mesmo duas pessoas agem da mesma forma para atingir um determinado objetivo; Sinergia é o momento em que o todo é maior que a soma das partes. Usei esta definição como analogia para mostrar que tendo o campo disponível para pesquisa e as ferramentas necessárias o objetivo da pesquisa será alcançado.

<sup>15</sup> Artigo publicado na revista RÊNOTE (Revista Novas Tecnologias na Educação), da UFRGS.

<sup>16</sup> Andrea Caprara: Médico e antropólogo. Departamento de Saúde Pública, Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>17</sup> Lucylia Paes Landim: Terapeuta Ocupacional. Doutoranda em Saúde Coletiva, Grupo de Pesquisa Humanidades, Saberes e Práticas em Saúde (UECE/CNPq).

<sup>18</sup> Formada em Ciências Sociais pela UFRJ, mestre em Antropologia Social na Universidade de Brasília, UnB, doutora na Universidade de Harvard. Professora Titular, aposentada, atualmente Pesquisadora Sênior do Departamento de Antropologia da UnB. (Fonte: Currículo Lattes)

Certa ocasião fui presenteada com o livro “Amor Sem Barreiras: As alegrias e os desafios dos relacionamentos abertos e poliamorosos nos dias de hoje” (LINSSEN; WIK, 2012). Minhas inquietações referentes ao tema de relacionamentos amorosos e afetivos foram ainda mais despertadas. Comecei a jornada em busca de respostas, primeiramente por meio da internet na página do *Google*, que em 18 de fevereiro de 2015 resultava em 190.000 referências com o termo poliamor em *blogs*, *facebook*, artigos científicos (nas áreas de Direito, Psicologia, Antropologia e Sociologia), notas de revistas, publicações de jornais etc. Em seguida, comecei a filtrar a pesquisa focando na área da Saúde Coletiva. Para tanto, acessei o Portal de Periódicos da UnB e não houve resultado encontrado, no *Google Acadêmico* obtive 204 resultados, porém, nenhum na área desta graduação. Alguns *blogs* e entrevistas na TV citavam a autora Regina Navarro Lins como referência no assunto de relacionamentos monogâmicos e não monogâmicos, cuja obra mais comentada foi “A Cama na Varanda”.

Diante das leituras preliminares percebi que o envolvimento afetivo ou sexual no contexto não monogâmico não acontecia com todas as pessoas da mesma forma, somente para “variarem seu cardápio sexual”, mas que, em alguns casos, elas se apaixonavam em profundidade por outras pessoas e não abririam mão de algo que lhes proporcionavam prazer e satisfação muito além do contato físico. Pronto, estavam postos os ingredientes que tornariam possível a concretização de um trabalho que envolvesse algo do meu interesse na vida acadêmica, o comportamento humano sob a perspectiva dos relacionamentos. A ansiedade estava posta à pele, sabia que era um desafio aventurar em um assunto tão espinhoso e inédito no campo da graduação de Saúde Coletiva.

Imediatamente fui traçando perfis de possíveis orientadores que pudessem me subsidiar nesta monografia, foi quando ao final de 2013, cursando o 5º semestre da graduação, sentadas em uma mesa de restaurante para almoçarmos que convidei a Professora Rosamaria Giatti<sup>19</sup> para ser orientadora e parceira nesta obra propondo-lhe a ideia do tema poliamor.

---

<sup>19</sup>Professora Adjunta do Curso de Saúde Coletiva da Universidade de Brasília, UnB e do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias em Saúde da FCE/UnB. É

Aceito o desafio, em pouco tempo, a Professora Rosamaria me indicou o livro (tese de doutorado) da autora Marlise Matos (2000) que relatava sobre a construção dos relacionamentos desde os primórdios. Dei continuidade às revisões bibliográficas com *Relacionamentos amorosos: antes, durante e depois*, livro organizado por Thiago Almeida (2013) que dedicou o capítulo 14 ao assunto; a dissertação de mestrado na área de comunicação de Daniel Cardoso (2010), cujo autor é líder do movimento poliamoroso em Portugal; a tese de doutorado na área de psicologia da Universidade Federal da Paraíba de Sandra Elisa Freire (2013); a dissertação de mestrado de Rafael Santiago (2014) na área de Direito Civil da Universidade de Brasília, todos estes trabalhos foram citados no decorrer desta pesquisa e estão devidamente registrados nas referências bibliográficas. Atualmente, aguardo para contemplar a etnografia da dissertação de mestrado em Antropologia de Matheus França, também da UnB (este mestrando está fazendo sua pesquisa com o mesmo grupo Poliamor Brasília-DF ao qual direciono este Trabalho de Conclusão de Curso).

### **O Poliamor no campo da Saúde Coletiva**

Este trabalho tem por ambiente de pesquisa de campo o discurso do poliamor e a sua interface com a saúde na atualidade. Nesse sentido, tratará do envolvimento afetivo/sexual com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, traçando o perfil dos adeptos e simpatizantes do poliamor da cidade de Brasília, que fazem parte do grupo Poliamor Brasília-DF.

Este trabalho busca compreender o que se entende por amor, sexo, saúde e felicidade nesses espaços e entre esse grupo de pessoas, sua relação com a noção de saúde e bem-estar, mapeando também os marcadores sociais da diferença que caracterizam esse universo (idade, gênero, raça/cor, profissão/ocupação, escolaridade, religião, padrão socioeconômico).

Observar, retratar e questionar o cotidiano dos sujeitos na perspectiva de compreender seus valores, comportamentos, códigos, conceitos, práticas,

---

Doutora em Ciências Sociais pelo IFCH da UNICAMP (2011), com concentração em antropologia, e Mestre pela linha de pesquisa "Direito achado na rua" da UnB (2005). (Fonte: Currículo Lattes).

pontos de vista, percepções, pode levar o leitor (e levará), assim como levou a mim, a confrontar visões estigmatizadas sobre comportamento sexual e afetivo entre os gêneros (masculino, feminino, bissexual, heterossexual, homossexual, transexual, pansexual e assexual) com o poliamor, além de atrair para uma reflexão necessária sobre comportamentos e atitudes dos profissionais da área da saúde.

As transformações na composição familiar têm se destacado na mídia por meio dos jornais, programas de rádio, redes sociais, revistas, novelas e filmes, o que desperta a necessidade de continuidade em pesquisas nesta área, enriquecendo o acervo dos trabalhos acadêmicos das Ciências Sociais, possibilitando que outras linhas disciplinares possam ter base científica e empírica para o desenvolvimento de suas vertentes.

Com base no que foi até aqui apresentado, a relevância do tema em tela gera uma discussão sobre a saúde de forma holística para o campo da Saúde Coletiva, já que esta abrange um universo multidisciplinar e se fundamenta na interdisciplinaridade que possibilita a construção de conhecimento amplo de saúde, considerando o contexto social e coletivo e as diferenças no aspecto cultural (BIRMAN, 1996; LUZ, 2011).

A Saúde Coletiva visa capacitar os graduandos na formulação, implementação e avaliação de políticas de saúde bem como a gestão de ações e serviços do SUS, para tanto é preciso conhecer o indivíduo e a coletividade considerando o meio em que está inserido levando em conta o processo histórico e social, Bosi e Paim (2010, p.2036) nos apontam que:

[...] o currículo deve atender o objetivo de desenvolver as competências profissionais gerais e específicas na área de Saúde Coletiva, prevendo situações que levem os alunos a aprender a pensar, ou seja, recriar o conhecimento problematizando-o; aprender a aprender, realizando a tão propalada articulação pesquisa-ensino; aprender a ser, comprometendo-se com valores e princípios vinculados à democracia, autonomia das pessoas, solidariedade, justiça, emancipação, equidade, dignidade humana, respeito à diferença, entre outros; mobilizar e articular conhecimentos, habilidades e valores conduzindo a uma posição ético-política comprometida com a defesa da vida e da saúde enquanto direito, consoante o ideário da Reforma Sanitária, uma vez que Saúde Coletiva, enquanto campo de saberes e práxis não podem ser compreendidos em separado desse projeto de reforma social.

Sendo assim, o tema gerador desta pesquisa instiga o “outro” a pensar, refletir a respeito de comportamentos humanos que fogem do que algumas pessoas julgam que seja lógico, mediante seus “achismos”, ou oriundos de uma construção social ocidental e/ou religiosa, despertar principalmente nos leitores acadêmicos e nos profissionais da área da saúde um olhar diferenciado no que diz respeito à consolidação desta “nova” formação familiar, favorecendo um processo de desconstrução e reconstrução destes “novos” sujeitos no contexto social.

A proposta deste Trabalho de Conclusão de Curso vem de encontro com o posicionamento de Loyola (2012, p. 13) quanto à relevância da produção do conhecimento na área das Ciências Sociais dentro da Saúde Coletiva.

Estamos formando profissionais para os serviços de saúde, mas também pesquisadores e professores, ou seja, pessoas capazes não só de produzirem conhecimentos, mas também de reproduzirem o conhecimento produzido (LOYOLA, 2012, p. 13).

Evidente que este processo de transformação na instituição família poderá implicar em barreiras no contexto hospitalocêntrico e provocar mudanças também em outras áreas. Algumas questões podem ser levantadas aqui: Quais as consequências para o sistema de saúde (público e privado) quanto aos atendimentos nos consultórios ginecológicos, obstétricos e pediátricos? (se nos relacionamentos em que existam filhos há mais de um “pai”, por consideração/afetividade, ou mais de uma “mãe”, como fazer?) Poderão juntos acompanhar as consultas? O parto poderá ser assistido por todos os parceiros (as)? Haverá alguma mudança na prospecção do quadro epidemiológico no que diz respeito às Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)? Os psicólogos da rede pública e privada saberão atender questões inerentes a relacionamentos poliamorosos mantendo a ética profissional diante de suas próprias questões morais? Como é vista/percebida a saúde mental no amor plural? Os profissionais da saúde em geral estão preparados para atender famílias plurais sem que ocorram constrangimentos? Quais as mudanças que poderão ocorrer nas áreas do Direito Civil, Psicologia, Economia e Educação? Será importante acrescentar questões dialógicas, além de textos referenciais nas aulas do Curso de Graduação de Saúde Coletiva? Há pontos que poderão acarretar de alguma forma em custos e gastos para a

Economia da Saúde? Haverá mudanças nos planos de saúde em detrimento da família poliamorosa? Qual impacto dessa formação familiar na sociedade contemporânea em um quadro atual de discussão no Plenário a respeito do Estatuto da Família? Considerando que os agravos à saúde oneram a Economia da Saúde, o possível reconhecimento social deste coletivo poliamoroso trará impacto positivo ou negativo no que diz respeito ao preconceito e discriminação geradores de violência verbal, física e social? Quais as consequências do fenômeno poliamoroso para o universo acadêmico, social, econômico e político? Este fenômeno seria mais um ponto para engrossar a discussão sobre a importância de levar temas referentes às diferenças de gênero para dentro das escolas? Quais os desdobramentos da inserção das famílias plurais no ambiente escolar em cumprimento ao calendário letivo (reuniões de pais, festividades, eventos no geral)? As autoridades representantes do Ministério da Saúde (MS) têm conhecimento de adeptos do poliamor e famílias poliafetivas? De que forma o MS poderia contribuir para o reconhecimento destas famílias e apoiar a visibilidade? O MS teria esse interesse?

Nem todas estas questões podem ser respondidas na estrutura de um trabalho de conclusão de curso, torna-se necessário expandir a pesquisa a outras searas, o que direcionaria a parâmetros de tese. Portanto, o objetivo deste trabalho não é esgotar o assunto que exige tratamento aprofundado e observação minuciosa diante da complexidade que apresenta, mas, será uma ferramenta de reflexão para o leitor desenvolver outras formas de articular o arranjo familiar na perspectiva poliamorosa e a saúde de modo geral.

Minha curiosidade e interesse pelo mundo social é o motor de toda esta pesquisa, portanto, com os “óculos” de sanitarista em formação, há a responsabilidade/dever social e profissional no sentido de prover conhecimento à comunidade acadêmica no que diz respeito aos sujeitos adeptos do poliamor, uma vez que, em decorrência da existência de agrupamentos de pessoas poliamorosas que chegam a constituir famílias é possível que haja mudanças no contexto social essencialmente tradicional e normativo, sendo relevante esta temática nas três grandes áreas da graduação da Saúde Coletiva: Gestão e

Planejamento, Epidemiologia e Ciências Sociais em Saúde, podendo refletir, portanto, no sistema de saúde vigente.

Espera-se que a longo prazo os profissionais da saúde atuem em terreno conhecido, pois assistindo esta comunidade promoverá concomitantemente a visibilidade, o reconhecimento e o cuidado para a manutenção da saúde destes sujeitos no contexto biopsicossocial, visando cumprir os princípios do SUS no que tange a igualdade e equidade. O que também fortalecerá a descaracterização pejorativa que recai sobre estes por meio de estigmas construídos a partir da conveniência da sociedade, que segundo Goffman (1963, p. 06) é chamada de “identidade social virtual”. Estigma e identidade social serão abordados em momento oportuno.

Adeptos ao poliamor e famílias poliamorosas existem, abertamente ou no anonimato, estão compondo a sociedade brasileira e este fato reflete na necessidade de mudanças na corrente de pensamento e no comportamento daqueles que os cercam e prestam serviços de saúde, visando minimizar desconfortos e desigualdades causadas pelo preconceito e discriminação a partir das diferenças culturais mal compreendidas ou não aceitas, as quais podem gerar atitudes de intolerância que alimenta a violência. A família como organismo formador da sociedade é o objeto principal deste estudo, em particular a família poliafetiva.

Várias podem ser as abordagens relacionadas ao poliamor, porém, esta pesquisa tem um recorte voltado à saúde e ao bem-estar dos sujeitos, os aspectos psicológicos na escolha de suas relações amorosas e afetivas. Em suma, o título - **Poliamor é possível: saúde, cuidados e famílias** - traz à visibilidade acadêmica os relacionamentos poliamorosos e mostra como são percebidas a saúde e o cuidado em duas famílias plurais em Brasília, a primeira família é composta por Marcelo, Marília e Marcos (nomes fictícios), a segunda família por Fernando e Flávia (nomes fictícios). Estes mesmos pontos serão observados e confrontados com a percepção de uma das famílias poliamorosas participantes da série documental “Amores Livres”, dirigida por João Jardim, o mesmo diretor de “Lixo Extraordinário”, indicado ao Oscar em 2011, apresentada em episódios na rede de TV GNT, bem como com

informações coletadas nas demais fontes de pesquisa mencionadas no capítulo anterior a este.

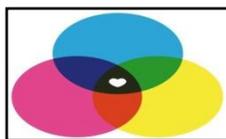
Visando facilitar comparações, identificar divergências e convergências entre as percepções dos sujeitos e das citações bibliográficas, adotou-se a dinâmica de intercalar os depoimentos à conveniência dos tópicos.

### **A descoberta do grupo Poliamor Brasília-DF**

Ao navegar pela internetem busca de pessoas que estivessem dispostas a contribuir para esta pesquisa, enviei *e-mails* e mensagens no *blogRLi* (Rede Relações Livres do Rio Grande do Sul) informando da construção deste trabalho acadêmico e solicitando a contribuição participativa dos seus membros de forma virtual, já que a distância dos estados não proporcionariam encontros presenciais. As mensagens não foram respondidas, então continuei a procura, quando certo logotipo,na foto do perfil, me chamou a atenção por ter como símbolo o Diagrama de Venn<sup>20</sup> com três figuras circulares planas nas cores predominantes rosa, azul e amarelo, cujas intersecções formam outras cores com um coração em branco no centro da intersecção em comum aos três círculos, seguido da descrição Poliamor BSB (Figura 2).

Ao entrar na página oficial, a capa também era interessante por ter a seguinte descrição: “Por que um único amor, quando se pode viver amores únicos?” (Figura 3). Imediatamente fiz contato com a administração deste grupo informando da presente pesquisa, a moderadora Alice Sales respondeu-me e mostrou-se interessada em colaborar, pois um trabalho científico desta natureza proporcionaria melhor divulgação, visibilidade e força ao movimento da cidade local, Brasília-DF.

**Figura 2** – Imagem do Diagrama de Vennno perfil oficial da página do grupoPoliamor BSB no *facebookem* 2015.



**Fonte:** Página oficial do grupo Poliamor BSB.

<sup>20</sup> John Venn criou o diagrama que representa conjuntos numéricos A, B, C, através de planos circulares indicando a união e intersecção entre eles para facilitar a compreensão de pertence ou não pertence. Disponível em: [www.mundoeducacao.com/matematica/diagramas-venn.htm](http://www.mundoeducacao.com/matematica/diagramas-venn.htm).

**Figura 3** – Imagem da capa do perfil oficial do grupo Poliamor BSB no *facebook* em 2015.

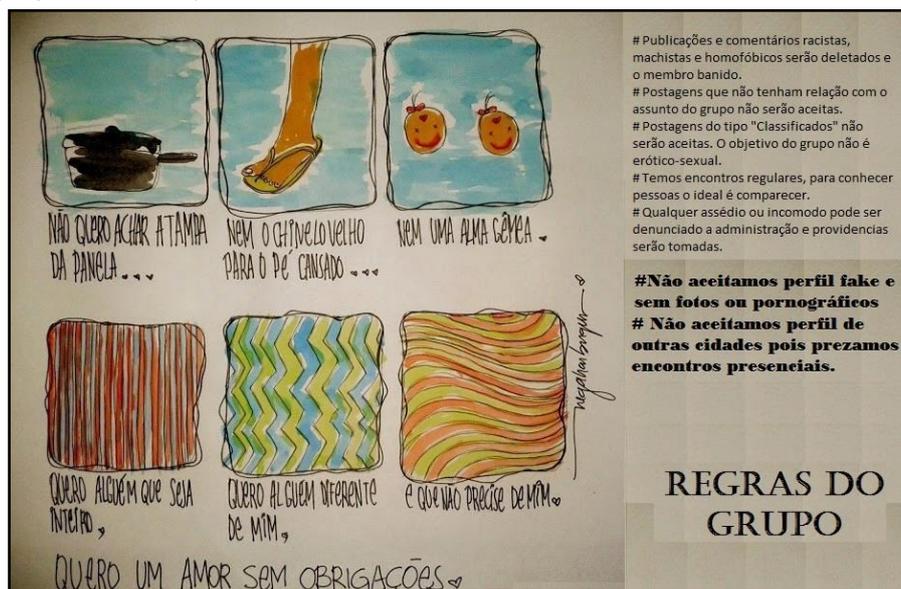


Fonte: Página oficial do grupo Poliamor BSB.

Dentro do perfil oficial Poliamor BSB no *facebook*, que é aberto a todo e qualquer visitante, há um convite na *time line* para quem quiser participar do grupo fechado chamado Poliamor Brasília-DF, desde que o visitante envie um convite ao moderador para que seu perfil seja analisado e posteriormente aprovado mediante algumas observações contidas na própria página, esta medida é para que os moderadores tenham controle de atos discriminatórios, homofóbicos, machistas ou qualquer outro gerador de violência. Segue a informação da página:

- # Publicações e comentários racistas, machistas e homofóbicos serão deletados e o membro banido do grupo;
- # Postagens que não tenham relação com o assunto do grupo não serão aceitas;
- # Postagens do tipo "Classificados" não serão aceitas. O objetivo do grupo não é erótico-sexual;
- # Temos encontros regulares para conhecer pessoas, o ideal é comparecer;
- # Qualquer assédio ou incômodo pode ser denunciado à administração e providências serão tomadas

**Figura 4** – Imagem da capa do grupo Poliamor Brasília – DF no *facebook* em 2015 (grupo fechado).



Fonte: Poliamor Brasília – DF

Na linha do tempo do grupo Poliamor Brasília-DF em 2015 – (informação fixa):

Existe um grande esforço da administração desse grupo em mostrar o tema do Poliamor da maneira mais séria possível, precisa ser assim, pois já estamos saturados de estigmas e preconceitos. Há muitas pessoas que usam o nome "Poliamor" para fins que nada tem a ver com a proposta real desse modelo de relação, se informe e conheça antes de generalizar pelo que "ouviu falar". Poliamor é acima de tudo uma relação, é uma forma de relacionamento que implica responsabilidade, amor, amizade e respeito como base.

Leia as regras. Temos encontros regulares sempre organizados pelo perfil oficial Poliamor Bsb. Não aceitamos "classificados" nesse grupo, não aceitamos perfil fake, sem fotos, perfil pornográfico (Se encontrar denuncie), nosso whatsapp oficial é administrado por Carol Netto e Alice Sales e lá seguimos as mesmas regras desse grupo, inclusive com abertura para denúncias.

Na descrição do grupo Poliamor Brasília - DF em 2015:

O objetivo é fazer debates sobre o Poliamor, tirar dúvidas, fazer amizades, compartilhar experiências e desmistificar esse tema. O Grupo existe para dizer "Você não está sozinho". Temos encontros regulares. Respeitos em primeiro lugar, machistas e homofóbicos serão banidos. A ordem é ser feliz! Sejam todos bem-vindos. AVISO: Não teremos "classificados" aqui e quem está querendo aventuras sexuais pode e deve procurar em grupos com essa finalidade. Aqui, queremos que haja muito amor e muita troca de experiências, mas de modo natural e com o objetivo principal de debater a temática, tirar dúvidas, fortalecer o movimento.\*Queremos deixar claro que Poliamor e Relações Livres não são a mesma coisa. No entanto, há pontos em comum e acreditamos que somos parceiros na causa não monogâmica. Sites para conhecer mais de ambos: <http://www.poliamor.pt> e <http://rederelacoeslivres.wordpress.com/>.

Mensagem de advertência na linha do tempo do grupo Poliamor Brasília- DF postada em 16 de outubro de 2014:

**SOBRE AMORES NO GRUPO – Esclarecimentos**

Para quem não entendeu algumas regras que o grupo tem vou tentar dar algumas explicações. Texto pequeno leiam todo, please!

Paqueras, romances, beijos na boca, pegação e etc. são ótimos e acho que muitos aqui no grupo querem conhecer pessoas, criar novas relações e amar, amar. Isso é maravilhoso e nós fazemos encontros presenciais com debates e momentos de socialização também para que essas pessoas se conheçam. Porém, muitos entram no grupo achando que aqui é Tinder! Olhando as fotos e mandando *inbox* (Sim, nem todos gostam disso!). Muitos querendo somente aventuras sexuais, fazem do grupo classificados de amor e sexo, par perfeito e tais. E esse não é o OBJETIVO do grupo, REPITO que nada contra quem procura essas interações, mas existem grupos específicos para isso, e não é aqui! Sem contar que muitos já associam o Poliamor unicamente à putaria e queremos também desconstruir esse preconceito, afinal, putaria pode existir em qualquer tipo de relacionamento. Então se você conhecer um novo amor, paquerar, interagir e fazer novos amigos compareça principalmente aos encontros presenciais, além de debater esse assunto maravilhoso temos momento para socializar. Se você é tímido fale com a administração, faremos questão de ajudar nisso, podemos promover brincadeiras, há uma infinidade de coisas a fazer. Se você tem dúvida, opinião, não gosta de algo, FALE PARA GENTE, se você falar pros outros nada será resolvido. É nas interações pessoalmente que o Poliamor se constrói, nas misturas de opiniões que de fato podemos crescer, ainda confio que um olhar é mais importante que um clique. Não vamos abrir mão disso para virar entidades virtuais. Não nos peçam isso, por favor!

Alice Sales.

Após ser adicionada ao grupo iniciei a “viagem” ao mundo poliamoroso daquela página, repleta de textos informativos, reflexivos e polêmicos. Havia convites para participações em palestras nesta temática assim como convites para os “poliencontros”, que são rodas de conversas com propósito de discutir sobre temas pré-definidos ou norteados de acordo com a demanda dos participantes, no que tange basicamente a relacionamentos não monogâmicos com ênfase no poliamor e são debates abertos para monogâmicos, não monogâmicos e qualquer que seja a orientação sexual e estado civil.

**“Quando será o próximo poliencontro?”**

Integrantes do grupo que participam ou participaram de algum debate promovido pelo grupo querem saber: “Quando será o próximo poliencontro?”, esta é uma das perguntas que encontrei na página Poliamor – Brasília DF, identificando o quanto as pessoas se interessam pelo assunto e o quanto são

participativas. Em geral, o público das rodas de conversa foi entre 15 (quinze) a 30 (trinta) pessoas, com exceção da “polifesta” (8º encontro) que reuniu em torno de 50 (cinquenta) participantes, considerando que todos os encontros são abertos a monogâmicos e não monogâmicos.

Como parte da metodologia estive presente em alguns dos poliencontros (4º, 5º, 7º, 8º e 14º encontros), de forma que não pude escolhê-los pelo tema, mas pela disponibilidade e compatibilidade de agendas. Assisti há duas palestras **Diálogos Acadêmicos: Poliamor e o Direito Civil Constitucional Brasileiro**, realizado pelo Centro Acadêmico de Direito – UnB no auditório da Faculdade de Direito no dia 02 de dezembro de 2014, e **Poliamor e Direito das Famílias**, no auditório da OAB/DF no dia 08 de setembro de 2015. O quadro abaixo indica quantos poliencontros foram realizados até setembro de 2015, com os respectivos temas, locais de realização e datas.

**Tabela 1** – Frequência de Poliencontros realizados de julho de 2014 a setembro de 2015.

Nº	Evento	Local	Data
1º	Encontro no Museu	Museu Nacional de Brasília	26-07-2014
2º	Poliencontro do Amor: roda de conversa e música	Parque da Cidade Sarah Kubitschek	03-08-2014
3º	Happy Hour Poliamor	Pôr do Sol – CLN 408	21-08-2014
4º	Poliencontro do Amor: “Pegação e outros estigmas do poliamor”	CASESO – Centro Acadêmico de Serviço Social - UnB	11-09-2014
5º	Pic Nic do Amor: Tema- Ciúmes	Parque Ecológico de Águas Claras	18-10-2014
6º	Happy Hour Poliamor e Relações Livres	Balaio Café – CLN 201	30-10-2014
7º	Poliencontro do Amor: Poliamor e Feminismo	Parque da Cidade Sarah Kubitschek	30-11-2014
8º	Policamp do Amor: A Festa	Residência de um integrante do grupo – Taguatinga/DF	20-12-2014
9º	Policerva de Natal	Campinense – SCLN 410	26-12-2014
10º	Poliencontro do Amor: Privacidade e Respeito	Parque da Cidade Sarah Kubitschek	11-02-2015
11º	Poliencontro do Amor: “Apresentando o Poliamor”	Evento Cancelado	-
12º	Pic Nic do Amor na Feira Livre Edição IV	Eixão – 115 Norte	24-05-2015
13º	Policerva das Férias	Pôr do Sol – CLN 408	17-07-2015
14º	Poliamor na Feira Livre Edição V	Eixão – 115 Norte	07-09-2015

**Fonte:** Tabela própria construída a partir de dados coletados na página do *facebook* do grupo Poliamor – Brasília-DF.

Participar destes eventos é sair do anonimato, não ser indiferente ao que se passa na sociedade pesquisada, é ter a visão de alteridade assim como disse certa vez no programa Escola da Vida, na Rádio CBN, o professor Mário Sérgio Cortella (21/06/2012) <sup>21</sup>, “ser capaz de olhar o “outro” como “outro” e não como estranho e menos ainda como inimigo”. A alteridade dá o direito ao “outro” de existir tal como ele é, com suas diferenças e semelhanças, e não como eu gostaria que fosse, para tanto é necessário que eu vá ao mundo do “outro” para conhecê-lo, senti-lo e percebê-lo, é preciso observar de perto para compreender os múltiplos aspectos, e mergulhar nas questões inerentes aos relacionamentos poliamorosos é confrontar o que tenho como referencial de experiência de vida com as experiências dos outros, sob a ótica de outro olhar que não o meu ou além do meu.

### **Aspectos éticos da pesquisa**

Os poliencontros são realizados em ambientes públicos, como o Parque da Cidade Sarah Kubitschek, localizado na Asa Sul, bairro nobre de Brasília, um local de lazer ao ar livre que permite a prática de esportes e eventos culturais, possui bares, restaurantes, e extensa área verde que proporciona relaxamento e meditação, além dos encontros acontecerem em outros parques nas cidades satélites e bares da capital. São nestes ambientes que os praticantes e adeptos do poliamor realizam as rodas de bate papo, na maioria das vezes com um tema gerador da discussão previamente estipulado para nortear a conversa e posteriormente finalizam com uma confraternização regada à bebida, comida, música, brincadeiras e fotos que farão parte do registro histórico do grupo. O evento é criado no perfil do grupo no *facebook* constando local, horário e tema para debate.

Minha participação como pesquisadora tanto nas rodas de conversa quanto nos encontros pessoais com as famílias, teve aceitação amigável por parte dos membros do grupo em geral e das famílias em particular, além, sobre tudo da aprovação do projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética e

---

<sup>21</sup> Rádio CBN – Programa Escola da Vida, professor Mário Sérgio Cortella: “Quando foi que ficamos complacentes frente à violência do dia a dia?”. Disponível em < <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/mario-sergio-cortella/2012/06/21>> Acesso em: 14 dez 2014.

Pesquisa do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília – CEP/IH, parecer nº 916.727.

Em cumprimento à Resolução 466 da CONEP/MS, que trata sobre a ética nas pesquisas com seres humanos foi esclarecida aos participantes a natureza da pesquisa e seu vínculo com a Universidade de Brasília. Convidando-os por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a participarem voluntariamente da pesquisa, fornecendo informações sobre a percepção que têm construído a respeito de família, saúde, cuidados e acerca da relação que estabelecem com a sociedade em geral. O sigilo na identificação dos pesquisados e a segurança dos instrumentos utilizados (diário de campo e entrevistas) foi garantido, bem como foi dado o direito de recusar a participar, retirar o consentimento ou interromper a participação a qualquer momento sem que acarretasse penalidade de qualquer natureza. Ainda, foi-lhes informado sobre a devolução do resultado da pesquisa por meio de uma apresentação ao final do trabalho podendo ser publicado posteriormente na comunidade científica.

### **Elementos relevantes para saúde e bem-estar das famílias plurais**

O conceito de família sob vários aspectos e disciplinas é amplo em alguns momentos e específico em outros. O dicionário Michaelis conceitua da seguinte forma:

**sf (lat família)** **1** Conjunto de pessoas, em geral ligadas por laços de parentesco, que vivem sob o mesmo teto, particularmente o pai, a mãe e os filhos. **2** Conjunto de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem ou provenientes de um mesmo tronco; estirpe. **3** Pessoas do mesmo sangue ou não, ligadas entre si por casamento, filiação, ou mesmo adoção, que vivem ou não em comum; parentes, parentela. **4 fig** Grupo de pessoas unidas por convicções, interesses ou origem comuns.

A bíblia também faz alusão à família no Antigo Testamento (Gênesis cap.2, verso 24) “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”. Claramente é uma visão tradicional e conservadora que dialoga com o conceito jurídico<sup>22</sup>.

---

<sup>22</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)

Art. 226. A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado.

§ 3º Para efeito da proteção do Estado, é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar, devendo a lei facilitar sua conversão em casamento.

§ 4º Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes.

O assunto que permeia os debates no âmbito jurídico, legislativo e midiático na atualidade gira em torno da formação familiar tradicional e o reconhecimento de outros arranjos familiares, como por exemplo, o de famílias homoafetivas com filhos, fato que interfere profundamente na questão do bem-estar das pessoas envolvidas.

Publicou-se no dia 18 de março de 2015, no Diário Oficial, a decisão da Ministra Cármen Lúcia do Supremo Tribunal Federal (STF) reconhecendo a adoção de crianças por pessoas do mesmo sexo (Processo n. 846.102 do STF), isto porque o STF passou a considerar o afeto como fator principal para a composição familiar. Deve-se ressaltar que a primeira adoção por casal homoafetivo que se tem notícia foi em 2005, na cidade de Catanduva – São Paulo<sup>23</sup>.

A tabeliã Fernanda de Freitas Leitão, titular do 15º Ofício de Notas da Comarca do Rio de Janeiro, defende o reconhecimento da união poliafetiva como entidade familiar com base nos mesmos preceitos que admitiram a união homoafetiva. Na nota “União poliafetiva. Por que não?”<sup>24</sup>, ela declara:

No meu entendimento, qualquer grupo poderia fazer uma união como esta - um homem e duas mulheres, uma mulher e dois homens, três homens, três mulheres -, desde que respeitadas alguns pressupostos contidos no art. 1.723, do nosso Código Civil, como, por exemplo: ser pública, ser contínua, ser duradoura (não há limite temporal), apresentar objetivo de constituir família, não apresentar impedimentos matrimoniais, contidos no art. 1.521 (e.g., ascendente não pode se casar com descendente), também do Código Civil.

Agora lhes pergunto: por que não reconhecer a união poliafetiva como uma nova forma de entidade familiar, se estão presentes todos os pressupostos para isso? Afetividade,

<sup>23</sup> Reportagem retirada do Jornal Online G1. Disponível em: < <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2012/08/primeiro-casal-homossexual-adotar-crianca-no-pais-fala-sobre-dia-dos-pais.html>>. Acesso em: 30 Out 2015.

<sup>24</sup> Jornal online com publicações de artigos e textos na área do Direito. Disponível em: <http://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/100129558/artigo-uniao-poliafetiva-por-que-nao-por-fernanda-de-freitas-leitao>

relação duradoura, respeito recíproco, objetivo de constituir família, nenhum impedimento previsto no art. 1.521, do Código Civil. Existe alguma lei que proíba? Definitivamente não. Não há nenhuma lei que proíba esse tipo de união. Além disso, cumpre, também, destacar que, no âmbito do direito privado, o que não é vedado, é permitido. E agora? Como se posicionará o Supremo Tribunal Federal depois que concedeu às uniões homoafetivas o status de entidade familiar? Pois os fundamentos que deram ensejo ao festejado acórdão são exatamente os mesmos (ubiademratioibi idem ius).

A tabeliã se pronunciou por meio deste artigo após tomar conhecimento da nota no Jornal “O Globo” em 23 de agosto de 2012, com a notícia: “Cartório de São Paulo registra união estável de três pessoas”, possivelmente, esta seria a primeira união estável nos moldes poliafetivos. O fato ocorreu no Tabelionato de Notas na cidade de Tupã, interior de São Paulo por escritura lavrada pela tabeliã Cláudia do Nascimento Rodrigues, que na época cursava doutorado na Universidade de São Paulo (USP) sobre “famílias poliafetivas”.

Fernanda de Freitas também exemplifica em seu artigo algumas estruturas familiares: Monoparental formado por pai ou mãe solteira, viúvos, separados etc. que moram com seus filhos; Anaparental, família em que não há a figura de um ascendente; Mosaico, família composta por pessoas com filhos a partir do seu 2º, 3º ou até 4º casamento/união; Homoafetiva, união entre pessoas do mesmo sexo, além dos padrões socialmente aceitos como os de famílias compostas por tios, avós e outros parentes que criam as crianças, consanguíneas ou adotadas, em decorrência do falecimento dos pais (biológicos ou não) ou em detrimento de não poderem criá-las por falta de condições psicológicas, financeiras ou até por estarem em restrição de liberdade (os presidiários).

Tal questão provoca e promove neste trabalho acadêmico a discussão sobre a visibilidade social dos relacionamentos poliamorosos ou poliafetivos e o contraste com a ideologia da família nuclear, uma vez que, existem elementos que implicam no processo da saúde e bem-estar dos indivíduos deste segmento de gênero ainda velado (poliamor, poliafetividade, poliamorismo).

A saúde e a doença estão relacionadas intimamente com o “contexto social, cultural, político e econômico” como aponta Moacyr Scliar (2007) na História do Conceito da Saúde.

O conceito de saúde reflete a conjuntura social, econômica, política e cultural. Ou seja, saúde não representa a mesma coisa para todas as pessoas. Dependerá da época, do lugar da classe social. Dependerá de valores individuais, dependerá de concepções científicas, religiosas, filosóficas. O mesmo, aliás, pode ser dito das doenças. Aquilo que é considerado doença varia muito (SCLAR, 2007, p. 30).

Sendo assim, a saúde e o bem-estar podem ser mapeados de forma ampla, aquela que no contexto da escolha pelo relacionamento poliamoroso vai além da reprodução, além da visão global, sinalizando aspectos psicológicos importantes como parte do argumento empoderador dos sujeitos, valorizado na observação empírica. A saúde no corpo social reflete no corpo físico, este é um dos pontos em comum percebido nos diálogos dos poliamorosos (tanto nos poliencontros quanto das famílias entrevistadas e dos depoimentos e discussões nas redes virtuais), sendo assim, o pleito não gira em torno somente dos direitos civis ou dos constitucionais, mas também, no que tange ao que todo cidadão em uma sociedade democrática almeja, ter suas escolhas e práticas respeitadas.

O princípio norteador do SUS no que se refere ao conceito de saúde baseia-se nos conceitos definidos pela Organização Mundial da Saúde – “Saúde é o estado do mais completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de enfermidade” - e no artigo 196 da Constituição Federal de 1988.

A saúde é direito de todos e dever do Estado garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação.

### Capítulo III

O presente capítulo é dedicado aos dados encontrados no campo exploratório, compreendendo o perfil dos adeptos ao poliamor no grupo Poliamor Brasília DF, as características de duas famílias poliafetivas, sua dinâmica relacional, social e a relação do que foi observado com os dados bibliográficos. Inicialmente farei uma abordagem geral de como foi a experiência de ir a campo.

#### **“Prazer sou pesquisadora em Saúde Coletiva”**

Conquistar um campo para pesquisa não é das mais tranquilas tarefas, principalmente quando se é iniciante neste ramo. É necessário ter argumentos plausíveis para que o trabalho tenha a credibilidade necessária e esperada, provar que não quer entrar na vida íntima das pessoas para expô-las em alguma rede midiática como mais um noticiário que gera ibope.

Antes de obter dessas pessoas a essência do objetivo proposto no projeto e dar início aos trabalhos, algumas questões naturalmente vieram à mente. Quem são os sujeitos? Chamo-os de pessoas? De Sujeitos? De indivíduos? Que diferença fará? O que veem? O que sentem? O que querem? Quem os apoia? Como colocar no papel o que li, vi, ouvi e senti durante estes longos meses? Conseguiria ser distante como a pesquisa exige que seja? Até que ponto é esta distância se faço parte da sociedade comum em que os pesquisados estão inseridos? Afinal, os poliamoristas não são os nativos, “primitivos”, das tribos nas Ilhas Trobriand da Nova Guiné, como se vê no campo de Malinowski<sup>25</sup> ao estudar o Kula - sistema de comércio intertribal - (MAUSS, 2003a, p. 214).

Os poliamoristas fazem parte da sociedade ocidental. A diferença limítrofe entre eles e os demais sujeitos dessa sociedade está na especificidade e peculiaridade das práticas relacionais amorosas e afetivas serem multiplicadas, compartilhadas, não limitadas aos padrões socialmente estabelecidos.

---

<sup>25</sup>O antropólogo Bronislaw Malinowski (1884-1942) é considerado o pai da etnografia após ter escrito em 1922 o livro *os Argonautas do Pacífico ocidental*.

“Pensei torto” diante de algumas situações até então “estranhas”, mas também tive empatia ao ouvir e escutar os depoimentos. Então, como encontrar o equilíbrio entre a pesquisadora e o ser humano que escuta, sente e tem seus próprios valores? Foi preciso compreender à luz de Claude Lévi-Strauss (1976)<sup>26</sup> a necessidade de relativizar meu olhar, evitando o particularismo cego do etnocentrismo, distanciando-me dos meus valores para conseguir interpretar a lógica dos valores dos sujeitos desta pesquisa.

Stéplane Beaud e Florence Weber (2014, p. 69) alertam que “o pesquisador pode ser visto pelos pesquisados como uma pessoa ‘esquisita’, por vezes até invasiva, que deve questionar e manter-se distanciado”, o que reforça a colocação feita acima e que confirma como me senti em algumas ocasiões durante o campo.

Provavelmente, este feito se afinará cada vez mais na prática dos próximos trabalhos, porém, acredito que nesta obra foi possível a partir de alicerces teóricos consistentes, além da expertise de minha orientadora, juntas aparamos as arestas para chegar ao alvo.

“Prazer sou pesquisadora em Saúde Coletiva”, foi desta forma que me aproximei dos meus sujeitos de pesquisa. O ponto de partida para que as portas começassem a se abrir a um universo de exploração do conhecimento para além dos muros acadêmicos. A pesquisa que me levou por horizontes até então não visitados no campo da Saúde Coletiva, guiou-me por seara onde o homem é capaz de se organizar e se relacionar, afetiva e ou sexualmente, de forma de intensidades diferentes com mais de uma pessoa simultaneamente, e de maneira não excludente. A “nova leitura” de relacionamento proposta pelo “fenômeno poliamoroso” mostra-se capaz de refletir e influenciar gerações futuras.

---

<sup>26</sup> Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um grande pensador da antropologia que marcou o século XX ao defender o relativismo cultural, afirmando que uma cultura não é superior a outra, por meio do artigo *Raça e História*, solicitado pela UNESCO em 1980.

## O perfil dos adeptos e simpatizantes do poliamor

Era tarde de sábado, 18 de outubro de 2014, no Parque Ecológico de Águas Claras, cidade satélite de Brasília, assentados sob as cangas estendidas e compartilhadas estavam reunidas em torno de 30 (trinta) pessoas. Diversidade de gênero, orientação sexual, idade, estilo e cores, são nítidos no agrupamento (Diário de Campo – 18/10/14).

Os poliamoristas e simpatizantes do poliamor no Distrito Federal formam um grupo heterogêneo, de estilo predominantemente alternativo, com idade entre 18 e 30 anos, maior frequência do gênero feminino, sem distinção clara de raça/cor, porém percebo pouco negros (as). Gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, assexuados, pansexuais, heterossexuais são declarações presentes nas rodas de conversa. Trabalhadores (as) formais, informais, funcionários (as) públicos (as), estudantes universitários (a maioria), monogâmicos (as), não monogâmicos (as), divorciados (as), casados (as), solteiros (as), namorados (as), ora acompanhados, ora não, prevalecendo a classe média à classe média alta. Entre curiosos, entendidos do assunto, empoderados, tímidos, militantes e os observadores, neste agrupamento há algo em comum, o poliamor.

A diversidade de gênero, a sexualidade e número de parceiros que observei nos poliencontros, nos sujeitos entrevistados e nos participantes do programa “Amores Livres” no canal de televisão GNT, coadunam com a compreensão de Pilão (2012, p. 17), ao vincular a liberdade de amar no poliamor com a vasta possibilidade de arranjos em intensidade e afinidades distintas, com presença ou ausência de relação sexual.

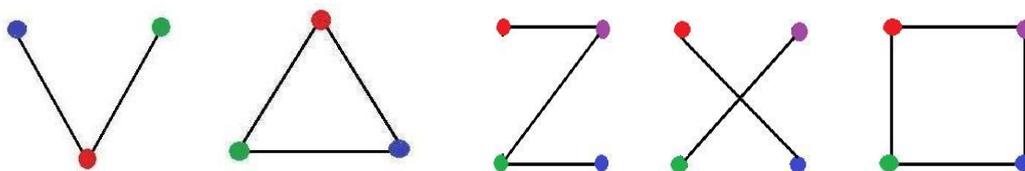
As conformações dentro do arranjo poliamoroso são diversificadas, como já foi dito, mas o mais comum é o “trisal”, referência que se faz ao relacionamento poliamoroso composto por três pessoas, que pode ser representado em forma de triângulo – quando todos os sujeitos se relacionam entre si – em forma de V – quando somente um sujeito do trio se relaciona com os outros dois- em forma de T – quando há um vínculo maior entre dois sujeitos do trio (hierarquia) -. Torna-se mais complicado nomear nesta modalidade de relacionamento as composições com quartetos, quintetos ou mais pessoas, mas Wolfe (2003, p. 20) menciona “Quads” referindo-se a quarteto. Fato é que, tanto no trisal quanto nas demais formações pode ou não ser firmado o acordo

de polifidelidade, que significa a não inserção de outro sujeito no grupo já formado. Todas as possibilidades no arranjo são permeadas pelo consenso dos parceiros (as), é uma liberdade para amar conquistada à base de diálogos constantes.

A imagem abaixo mostra algumas possibilidades de arranjos encontrados no jornal eletrônico da rede BBC Brasil em São Paulo<sup>27</sup>, neste veículo também é possível acessar várias reportagens nacionais e internacionais a respeito da expansão do poliamor.

Círculos indicam pessoas e linhas indicam envolvimento sexual e/ou afetivo:

**Figura 5**– Arranjos conjugais no Poliamor.



**Fonte:** Jornal Eletrônico BBC Brasil.

Os arranjos, obviamente, não se restringem a estes, mas a lógica da dinâmica citada anteriormente é a mesma em qualquer um deles, porém, a diferença se encontra nos acordos que são estabelecidos entre cada grupo, de forma que haja ou não a hierarquia, a polifidelidade ou a abertura para envolvimento com mais parceiros (as). Em campo, conheci alguns desses arranjos poliamorosos e, a partir deles, explorarei as questões pertinentes à saúde e saúde pública.

### **“Por que um único amor quando se pode viver amores únicos?”**

O amor conjugal no poliamor não é percebido na perspectiva do amor romântico do século XIX, quando homens e mulheres se apaixonavam e

<sup>27</sup> Disponível em:

<[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141206\\_salasocial\\_poliamor\\_rs](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/12/141206_salasocial_poliamor_rs)> Acesso em: 05 out. 2015.

enfrentavam a fúria das famílias descumprindo os acordos dos casamentos arranjados, “muitas vezes o namoro não aprovado pelos pais encorajou o rapto da moça pelo pretendente [...], fugas de novela marcam o declínio da família patriarcal e o início da família romântica” (DEL PRIORE, 2005, p.151). A autora também faz referência aos romances literários de príncipes e princesas que enfrentavam perigos para alcançar o final feliz, baseado neste amor romântico e idealizado por alguns na vida real daquela época. Pode-se perceber que episódios deste tipo ainda são alimentados no imaginário de algumas pessoas nos tempos atuais quando nos deparamos com relatos de mulheres que dizem sonhar/aguardar o seu príncipe encantado.

A fidelidade no poliamor também é vista de outra forma, não no sentido de um amar somente o outro devendo fidelidade eterna, “até que a morte os separe” (juramento nas cerimônias religiosas cristãs). Ou o que, conforme os ditos sociais poderiam ser pensados como “quero a tampa da minha panela”; “a metade da minha laranja”; “o chinelo velho para meu pé cansado” e a “minha alma gêmea”.

Todas estas expressões na visão dos poliamoristas limitam a realização afetiva e amorosa, além de atribuir a si e ao (a) parceiro (a) a responsabilidade pela felicidade ou infelicidade um do outro. O que infere dizer que, no amor romântico da monogamia um indivíduo completa o outro e só assim é possível alcançar a felicidade plena. Vale dizer o mesmo para o sexo, a fidelidade sexual a um único parceiro também limita as possibilidades de satisfação e realização dentro do relacionamento poliamoroso.

**Para que o projeto de “honestidade” poliamorista se estabeleça é necessário que o ideal romântico de dois sujeitos se completando seja desfeito. Uma comunicação “sem barreiras” pressupõe que não seja esperado ser o único amado do parceiro - parece ser esse o principal divisor entre o Poliamor e a monogamia: a legitimação de múltiplos vínculos íntimos e profundos.** A quebra de barreiras na comunicação poliamorista implica uma transformação na forma de lidar com a liberdade do amado, ao invés de “ciúme” e “controle” são valorizadas a “flexibilidade” e a “compersão”. (PILÃO, 2012, p. 07). (Grifo nosso)

Para os poliamoristas a relação de dependência, exclusividade, possessividade e ciúme são incompatíveis com o que se propõe no poliamor. São sentimentos e comportamentos que merecem atenção de modo a

serem trabalhados no íntimo de cada um que queira levar a diante tal modelo de relacionamento. Concordo quando Pilão; Goldenberg (2012, p.69) e Lima; Almeida (2013, p. 384) afirmam que a monogamia é um “fantasma” permanente, que tais comportamentos e sentimentos são resquícios oriundos da monogamia, que não existe um ritual de passagem preciso, pelo contrário, é um processo evolutivo do abandono do “EU” monogâmico.

### **Uma família poli “trisal”: a relação familiar, o cuidado, a saúde.**

Localizado na Asa Norte, bairro da capital de Brasília, o apartamento é simples, na sala um sofá de tecido listrado colorido nos sentamos, ao lado uma poltrona de vime, uma estante tipo rack com livros, TV, som e impressora, paredes claras com quadro colorido e alguns enfeites, é neste cenário acolhedor que começamos nossa conversa (Diário de Campo – 05/03/15).

O arranjo trisal é comum em relacionamentos poliamorosos, nessa família em especial é formado por uma mulher e dois homens, identificados por Marília, Marcelo e Marcos. A mulher se relaciona exclusivamente com os dois rapazes em ocasiões distintas e eles não se relacionam entre si, é o arranjo em V sem polifidelidade, pois eles têm envolvimento amoroso com outras pessoas fora da tríade. Marília é branca, tem 46 (quarenta e seis) anos de idade, muito simpática e extrovertida, formada em Direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Declarou-se sem orientação sexual definida, agnóstica, sempre estudou em instituições públicas, atualmente cursa a segunda graduação na UnB, veio à Brasília para sair do clima frio do Sul que prejudica sua saúde. É funcionária concursada em uma instituição bancária. Antes de se compreender poliamorosa manteve o relacionamento monogâmico, se casou oficialmente em 1997 com Marcelo, que tem 40 (quarenta) anos de idade, é branco, mostra-se tímido, bastante observador e analítico, funcionário público, estudou somente em instituições públicas, declarou-se ateu e heterossexual.

Marcelo não tem filhos, mas Marília tem uma filha de outro relacionamento que foi criada desde os 09 (nove) anos de idade por ele como se fosse filha legítima. Quando se mudaram para Brasília, a filha já estava adulta, permanecendo na cidade de origem. Marcos é o outro parceiro de Marília e primo de Marcelo, 22 (vinte e dois) anos de idade, branco, faz

graduação na UnB, se declarou pansexual e de religião “multideterminada”. Traçado o perfil dos interlocutores desta família passo para uma breve construção do relacionamento:

Marília já conhecia Marcos por ser primo de Marcelo, seu marido. Numa viagem dele ao Vietnã, ela se via muito sozinha e começou a ficar mais próxima do primo. Viajavam e acampavam juntos com a namorada dele na época, ficaram muito amigos, confidentes e intimamente ligados. Marcos, quando adolescente, era monogâmico por uma convenção social, mas em seu íntimo esta condição não lhe satisfazia, sentia-se reprimido, não valorizava o amor atrelado ao ciúme e à posse como a maioria das pessoas fazem. Não acredita que o ciúme seja demonstração de amor, fato que levou ao desgaste no relacionamento com a namorada. **Marília era monogâmica e não conhecia outra forma de se relacionar, era a única que ela conhecia socialmente praticável, até se apaixonar pelo primo do marido.** Percebo que se trata de uma mulher que não se vê ou não se sente reprimida diante de suas vontades, porém, quanto a gostar afetivamente de duas pessoas e viver um poliamor não passava por sua mente porque só amava até então uma única pessoa: “Na minha cabeça não existia repressão, mas não tinha surgido a ideia (poliamor), a ideia só surge quando a gente se apaixonou” (Marília). Desde então, Marília e Marcos conversaram com Marcelo sobre o assunto e concordaram em manter um relacionamento poliamoroso, sendo que somente Marília se relaciona com os dois, mas eles não se relacionam entre si (Diário de Campo – 05/03/15). (Grifo nosso).

Marília, Marcelo e Marcos estavam vivendo o poliamor, mas somente o casal casado morava na mesma casa. Resolveram depois de um tempo morar os três juntos a convite do casal quando, por desavença familiar, Marcos saiu do convívio com a mãe e vagava na casa de um amigo e outro. Para Lima e Almeida (2013, p. 381), essa atitude de morarem juntos trás benefícios como a economia doméstica, por que as despesas da casa passam a ser partilhadas com mais pessoas e a redução do estresse por que não é preciso mentir para se relacionar com outras pessoas. Este convite foi feito a partir do consenso e conclusão de que Marcos faz parte da família, não só consanguineamente por ser primo de Marcelo, mas afetivamente por ser o “namorado” de Marília.

O relacionamento é pacífico entre o trio, mas Marcos tem um namorado que não concorda com o poliamor. Marcelo não se relaciona com outras mulheres por muito tempo, elas se afastam quando ele comunica que é casado ou quando elas chegam a conviver com a esposa dele, mas não conseguem lidar com o ciúme, veem Marília como uma adversária.

Esporadicamente, Marília precisa de cuidados médicos (sente dores no quadril desde pequena) e Marcelo pode não estar por perto para prestar

assistência, contando então com a participação de Marcos neste cuidado. Como descrito, houve momento em que eles revezaram no acompanhamento dela quando precisou ser hospitalizada, enquanto um trabalhava o outro cuidava dela e vice versa. Mais uma vez a situação vem de encontro aos benefícios do poliamor apontados por Lima e Almeida (2013).

Para esta família é unânime o consenso de que nem a sociedade, nem os profissionais de saúde estão preparados para acompanhar e conviver com famílias poliamorosas. No período em que ficou internada não houve a necessidade de se apresentar como poliamorosa, pois o documento de identidade consta que é casada, mas Marília declara que os apresentariam como família caso alguém perguntasse, não entraria em detalhes por que não suportaria os olhares e comentários pejorativos. Marcos considerou importante essa interação entre eles, porque ambos puderam revezar nos cuidados prestados. Marília descontraíu na entrevista dizendo que se não fosse tanta dor, ela ficaria mais tempo doente só para continuar recebendo os cuidados dos seus “amores”.

A saúde na percepção do trio tem uma singularidade, mostra a relevância do bem-estar dentro do relacionamento que mantém. Para eles, é a saúde psicológica que reflete na saúde física, quando a primeira vai mal deixa vestígios no corpo, que causa dor de cabeça, desânimo, aflição, pensamentos negativos, etc. Para eles, há uma ligação forte entre relacionarem-se bem entre eles para manter o bem-estar do corpo, da mente e do lar. É poder ir e vir sabendo que será acolhido, respeitado e amado. O lar é sinônimo de mundo reservado ao prazer e felicidade em família, desfrutar do cotidiano familiar proporciona o descanso pós-laboral deixando porta a fora os problemas que não cabem dentro de casa.

Saúde é a gente estar bem assim! **Conviver bem é saúde**, ou pelo menos tentar se entender. Eu amo ficar nessa casa, eu acho que saúde na casa da gente é a gente amar, querer ficar e chegar em casa (Marília).

**Ter paz, um ambiente saudável e respeitoso** (Marcelo).

**Eu me sinto hoje em um lar**, porque na minha infância e adolescência eu nunca me senti verdadeiramente em um lar. Na verdade o máximo de vezes que eu pudesse estar fora, melhor era pra mim. Eu simplesmente sumia e tipo voltava quatro, cinco dias depois e quando eu passei a morar com eles foi totalmente diferente,

**é um lugar de acolhimento, de estar à vontade, de estar feliz, de estar despreocupado com tudo lá fora** (Marcos).  
(Diário de Campo – 05/03/2015). (Grifo nosso)

Pude perceber que há o respeito pelo espaço um do outro e a liberdade é preservada. Não se estabelece hierarquia conjugal como relacionamento “primário” e “secundário” (WOLFE, 2003, p. 16), a proposta do poliamor em si já declara haver esta liberdade na construção dos acordos: “A hierarquia talvez traga uma insegurança para pessoa mais nova na relação, coisa que eu nunca senti aqui, inclusive esperei que fosse me sentir assim e não foi o que aconteceu” (Marcos). Noto que no poliamor desta família existe muito do ideário proposto na monogamia no que diz respeito ao sentimento de cuidado com o outro e consigo, é o amor sentido e ofertado como numa via de mão dupla, para eles a saúde se estabelece quando se tem um ambiente saudável e bom convívio entre as pessoas.

### **Uma família poli + um: a relação familiar, o cuidado, a saúde.**

A entrevista com esta família se deu no dia 11 de maio de 2015 no apartamento da Asa Norte, bairro da capital de Brasília, onde moram com mais outras pessoas. Flávia é branca, 30 anos de idade, universitária, declarou-se bissexual, estudou em escolas privadas durante o ensino fundamental e médio, é agnóstica. Seu companheiro, Fernando, é branco, tem 26 (vinte e seis) anos de idade, declarou-se heterossexual, ateu, arquiteto, frequentou o ensino médio e superior sempre em instituições privadas.

Flávia e Fernando não são casados oficialmente, se relacionam há mais de cinco anos e moram juntos. Mantiveram o relacionamento aberto por um período e depois optaram pela relação nos moldes do poliamor:

A gente resolveu mudar porque fomos conhecendo a teoria do poliamor, as questões de poliafetividade que são inevitáveis, queríamos uma relação mais transparente, mais honesta. E também encontramos vantagem em incluir mais pessoas por proporcionar melhor qualidade de vida, ou seja, mais amigos, mais bem-estar, mais gente pra dividir a vida (Diário de campo – 11/05/2015).

Há quase um ano Flávia tem relacionamento com mais outro rapaz, não há polifidelidade entre os três, é uma formação em desenho de T, em que o vínculo maior se concentra entre Flávia e Fernando.

O título do tópico foi proposital para elucidar que o casal se considera uma família poliamorista, mas para que os companheiros (as) externos a dupla sejam considerados membros da família seria necessário mais aporte de vínculo e de tempo.

Eu considero família o que a gente tem aqui (em casa), isso está excluindo as outras pessoas com quem eu me relaciono e está excluindo as outras pessoas que Flávia se relaciona. **Para mim, família é quem eu tenho convivência diária, com quem eu troco experiências diárias. Na minha concepção, tem que ter uma convivência diária, tem que morar junto**, inclusive uma pessoa poderia ter duas famílias, vamos dizer que o “fulano” (o rapaz que divide a casa com eles), por exemplo, tem duas famílias, ele tem a gente aqui e vive 2 ou 3 dias da semana com o pai e a mãe dele (Fernando).

[...] uma menina que Fernando venha se relacionar pode vir a ser parte da família, mas por enquanto só é outra relação [...] **nós somos uma família poliamorosa, é possível que outras pessoas venham fazer parte da família**, mas ainda não aconteceu. **Eu não acho que tem que morar junto, mas eu acho que tem que ter um vínculo longo e suficientemente forte nessa relação familiar**, porque se acontecer alguma coisa eu posso ligar pra ela e dizer assim: “Olha eu estou com problema e preciso de você”. Para mim, família é onde eu tenho uma pessoa que pode cuidar de mim no meu pior momento, para mim é uma pessoa assim. Por exemplo, o outro rapaz que eu me relaciono, a relação está se construindo, um dia ele pode vir ser da família (Flávia). (Diário de Campo – 11/05/2015). (Grifo nosso)

Para Flávia e Fernando, a família está intimamente ligada ao cuidado, ao respeito e a harmonia. Vai além do número de pessoas que a compõe, e mais, supera a composição nuclear tradicional, pai, mãe e filhos que não se ajudam e não prestam suporte um ao outro na busca de harmonia no lar. Na visão deles, este exemplo de família não seria uma família verdadeira, para eles é mais válido ter convivência e união com outras pessoas por laços não consanguíneos, mas que fossem companheiros uns dos outros no dia a dia para resolução dos conflitos.

[...], por exemplo, aqui eu tenho uma família, seis pessoas que algumas têm relações sanguíneas e afetivas e outras não e ainda dois animais e está todo mundo vivendo em harmonia, em família (Fernando). (Diário de Campo 11/05/2015).

A experiência do casal em relação à rede de atenção à saúde, tema deste TCC, é pouca e nada que tenha causado dificuldades ou estranhamento. Para eles a saúde está relacionada com o “bem-estar físico e mental, é ausência de doenças físicas e um mínimo de bem-estar mental para lidar com

os estresses do dia a dia, lidar com a sua vida”, diz Flávia. No entanto, eles têm consciência de que no futuro pode sim haver necessidade de mudanças de comportamento dos profissionais da saúde, além de já haver uma necessidade de mudança de cunho jurídico.

**Eu acho que o problema não seria o sistema de saúde, mas as pessoas que estão compondo lá, talvez o problema que a gente teria seria o mesmo de um casal homoafetivo**, alguma coisa assim. Não digo que com a mesma frequência ou com a mesma intensidade, mas seria assim, uma pessoa que tem um problema com aquela questão e que ia colocar uma coisa pessoal dela para gerar um problema e vir a impedir o atendimento (Fernando).

Se um profissional de saúde viesse me perguntar quem são eles dois (os homens com quem ela se relaciona) eu falaria na boa. **Na verdade, o fato de ter mais de uma pessoa nesse contexto hospitalar seria mais uma ajuda do que um problema**, por exemplo, se Fernando tiver uma namorada e ele esteve doente e a pessoa fala: “A não, eu estou aqui com ele, relaxa!” A! Então está bem, qualquer coisa me liga que eu vou aí. Então de certa forma **você tem uma rede de apoio maior. Eu acho que isso vai ser uma pressão para o futuro.** Aqui (Brasília) eu desconheço isso, mas no interior existe, na verdade se você for pensar o que existe hoje é assim: “fulano é casado com duas mulheres”, eles falam logo é assim. E aí todo mundo faz vista grossa para aquela coisa e elas frequentam a rede de saúde. Quando eu trabalhava em hospital acontecia da gente receber gente assim: “ó o marido dela é meu marido também” [...] é comum lá um homem ter várias mulheres, mas o contrário nunca aconteceu. Isso é no contexto do interior mesmo, no interior do Ceará, no interior onde a gente fazia alguns trabalhos não era incomum não, mas efetivamente nunca foi um problema (Flávia).

(Diário de Campo – 11/05/2015).(Grifo nosso)

Explorando a colocação de Fernando de que o problema não está no sistema de saúde, mas nos profissionais de saúde, pode-se inferir um possível juízo de valor por parte destes sujeitos quando do atendimento ao usuário do SUS que venha a se identificar como poliafetivo, entra em cena o preconceito institucional que Fernando compara ao que ocorre com os homossexuais.

Das especulações diante deste contexto poderiam surgir constrangimentos, falta de atendimento adequado ou até mesmo em situação extrema a negligência no atendimento ao paciente. Como não há proibição ou limitação perante as leis que regem o atendimento ao usuário na rede de atenção à saúde em detrimento de sua raça/cor, religião, orientação sexual, posição social etc., muito ao contrário disso, tendo a concordar com meu interlocutor de que o problema pode surgir diante na falta de preparo e conhecimento dos profissionais que venham a se deparar com situações no

contexto do poliamor. Há que se pensar se o sistema de saúde público e privado está preparado para atender as demandas da população poliamorista, bem como, quais as possíveis variáveis que podem surgir no contexto hospitalocêntrico e fora dele, e em que medida se daria este impacto, visto que meu interlocutor já imagina que seja parecido com o que se apresenta em relação aos homossexuais.

Flávia faz algumas observações a partir de suas experiências afetivas quanto aos obstáculos enfrentados no processo de transição para o poliamor e os que surgem após estar inserido nele. Relata que alguns problemas são minimizados através de psicoterapias que podem auxiliar no autoconhecimento, além das leituras sobre o assunto, em que as experiências de outras pessoas servem de orientação para enfrentamento de dificuldades diversas. Para ela é preciso também saber lidar com a questão da disputa com a terceira pessoa que passou a fazer parte do relacionamento, não permitir que se torne uma adversária, mas alguém que chegou para somar. Ter em mente que há a possibilidade das pessoas amarem verdadeiramente mais de uma pessoa e que o sentimento que se tem por um (a) parceiro (a) não anula o sentimento que nutre pelo outro (a).

### **Da monogamia ao poliamor**

Uma relação monogâmica começa muito bem e depois vai ficando difícil. Uma relação não monogâmica (referindo-se ao poliamor) começa difícil e depois vai melhorando [...], eu internalizei o poliamor, então consigo lidar com estas coisas (Fernando). (Diário de Campo – 11/05/2015).

O limiar padrão dos relacionamentos conjugais na nossa sociedade está pautado na família patriarcal, portanto, caracteriza-se pela monogamia restrita à heterossexualidade, ao domínio do homem sobre a mulher e a figura da mulher meramente reprodutora (MEIRA, 2008, p. 153; 154), o que condicionou as pessoas a conviverem e viverem em lares com a formação familiar tradicionalmente nuclear – pai, mãe e filhos –. Com o advento da pílula anticoncepcional, a mulher no mercado de trabalho, a educação, o direito ao voto, a liberdade sexual e o divórcio, frutos do movimento feminista, e fatores outros, as famílias estão em constante transformação (HINTZ, 2001, p. 03;

TOLEDO, 2007, p. 25; MEIRA, 2008, p. 152). Partindo disso, vê-se com muito mais frequência famílias formadas por mãe e filho (a), pai e filho (a), avós e netos (as), tios (as) e sobrinhos.

Pode-se perceber que estas novas conformações familiares emergem da necessidade de suprir de cuidado a criança, pois precisa da tutela de um adulto para o sustento e alcançar seu desenvolvimento, o que vem de encontro ao que versa o Art. 227 da Constituição Federal de 1988:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 65, de 2010).

Tais transformações no contexto familiar ao longo dos anos foram permeadas não só por mudanças econômicas e políticas, mas também por reivindicações que motivaram os juristas a compreenderem que o que importa é o afeto e o amor que as pessoas estão dispostas a oferecer às crianças, como já mencionado na página 44 do capítulo II. Por estas e outras razões, o vínculo familiar para além do parentesco e da orientação sexual, têm contemplado também as famílias homoafetivas a adotarem crianças, elas passaram da condição de excluídas (nos orfanatos) a incluídas (nos lares), de órfãos (ãs) a filhos (as) legítimos.

Esta conquista da adoção precede a conquista do casamento com pessoa do mesmo sexo, aumentando assim as possibilidades de igualdade entre os sujeitos garantindo seus direitos. Diante das últimas mudanças podemos perceber que a figura inicial da família tradicional perdeu algumas características para garantir a manutenção do bem-estar dos sujeitos, tanto das crianças sem lar quanto dos adultos dispostos a aumentar a família com seus filhos adotivos.

Talvez, possa-se fazer um paralelo entre a família tradicional, que outrora crescia predominantemente com o número de filhos gestados, e a família poliafetiva, que cresce com a inserção de adultos e filhos oriundos de relacionamentos anteriores. O que quero dizer é que, antigamente as famílias eram grandes, tinham-se 08 ou 10 filhos, com o passar do tempo, as mulheres

foram ficando mais instruídas e empoderadas reduzindo esse número para 04 ou 02 filhos, e hoje eu percebo que na estrutura da família poliafetiva esse número volta a crescer, mas de forma um pouco diferente. São mulheres e homens poliamoristas que se relacionam formando uma família plural, e em alguns casos inserem os filhos que tiveram em relacionamentos anteriores.

Inclui-se a esta expansão da família poliafetiva os filhos frutos das uniões nessa nova leitura, como se pode conferir no texto do canal online VICE<sup>28</sup> ou no anexo II deste trabalho, “Cresci num Lar Poliamoroso”. Nesta publicação é possível perceber como é o dia a dia de uma família plural e as situações enfrentadas por adultos e crianças neste contexto.

Dos sujeitos participantes desta pesquisa, a maioria, se não todos, vieram de relacionamentos monogâmicos, seja por opção, sonho da juventude, tradição da família ou coerção por meio das representações de poder em nossa sociedade como a igreja e o Estado, além da influência da cultura, do machismo e da moral.

Com a falta de ajustes na área conjugal, estes sujeitos passaram a enxergar suas vidas sob outro aspecto, por não se encontrarem, não se encaixarem na monogamia em que estavam inseridos, optaram por arranjos não monogâmicos como relação aberta, relação livre e outros até chegarem ao consenso de se “converterem” ao poliamor. Como é o caso já mencionado de Marcelo e Marília que se casaram legalmente, viveram anos na monogamia e atualmente são poliamoristas. Marcos, que também é poliamorista e mora junto com Marília e Marcelo, formando uma família poliafetiva trisal, teve relacionamentos monogâmicos conflituosos, não se sentindo à vontade com as cobranças e ciúmes extremos.

As experiências monogâmicas, vividas por Marcos fizeram com que passasse a enxergar o poliamor como uma maneira positiva de se relacionar, uma forma de ter sua liberdade respeitada e de respeitar a liberdade do outro. Para ele, este posicionamento possibilita a felicidade e bem-estar dos (as) parceiro (as):

---

<sup>28</sup>A VICE é um grupo de mídia global jovem com 36 redações espalhadas por mais de 25 países. A VICE opera o primeiro canal online de vídeos originais, uma rede internacional de canais digitais, uma produtora de vídeo, um selo musical e uma agência interna de serviços criativos. Disponível em: <[http://www.vice.com/pt\\_br/pages/about](http://www.vice.com/pt_br/pages/about)>. Acesso em: 31 Out 2015.

**Uma pessoa não precisa ser a única fonte de felicidade da outra né? Ela pode estar feliz com outras pessoas estando feliz comigo também. Para mim, tem várias coisas que agregam a relação poliamorosa [...], na questão da liberdade é forte porque é uma forma de respeito, você respeitar a liberdade do outro e de se auto respeitar também, e que não é uma simples liberdade sexual, nem é questão de libertinagem, é muito mais.** A outra questão é que quando você pensa em poliamor, há esse sentimento bom em ver a outra pessoa feliz, em ver a outra pessoa amada e não só por você. É não ver na outra pessoa aquele lugar onde você cria todas as suas expectativas, então o poliamor quebra esse 'esperar do outro', 'esperar a minha felicidade' (Marcos) (Diário de Campo – 05/03/2015). (Grifo nosso).

Outro exemplo de união que é poliafetiva, mas que começou baseada na monogamia é o casal Flávia e Fernando, que também relatei neste capítulo:

Fernando teve um relacionamento estável nos ditames da monogamia com outra pessoa antes do atual relacionamento, que é nos moldes do poliamor, porém, ele e sua atual companheira, Flávia, mantiveram o relacionamento aberto por um tempo. Mas descobriram afinidades com o poliamor e vantagens que os levaram a decisão de escolhê-lo (Diário de Campo – 11/05/2015).

Nos debates dos poliencontros e nas entrevistas, foi comum ouvir que o relacionamento de origem não dialogava com o íntimo do sujeito, com sua ideologia, com o estilo de vida e as expectativas esperadas em um envolvimento amoroso e afetivo, fazendo com que o indivíduo procurasse por outra opção de relacionamento que não o monogâmico.

### **Amor e Sexo: Entre ou Tras Coisas frente ao poliamor**

Amor é amor e pronto! Amor é aquilo que tu não pode ficar longe. (Marília).  
(Diário de Campo 05/03/2015)

Início este tópico com a frase de Marília ao declarar o amor de forma imensurável e ao mesmo tempo relevante para vida dela. Cada pessoa tem sua forma particular de expressar o amor, seja com palavras seja com atitudes, mas não podemos desconsiderar que há aqueles que não conseguem expressá-lo. Algumas pessoas consideram amor e sexo indissociáveis e lhes agregam mais elementos, outras acreditam que sejam conceitos muito diferentes. Sendo assim, o contato físico, os sentimentos, o ambiente, as experiências de vida, a cultura, entre outras coisas influenciam na compreensão que cada um tem sobre a sexualidade.

Sandra Freire (2013, p. 75-94) expõe em sua tese o amor presente na arte, na literatura, na religião, em filmes. Remonta a história dos deuses na obra “O Banquete de Platão”, cita diversos autores que analisam as mudanças sociais transformadoras do amor que emergem em ressignificações que exigem “um esforço por parte das pessoas para construir uma relação bem sucedida” (p. 77), que relacionam ações como beijo, sexo, sentimentos, companheirismo, felicidade, afeição, respeito e casamento ao amor.

Ainda a autora, aborda a “Teoria das Cores do Amor” (assim como as cores, o amor possui variações, não pode ser percebido somente em preto e branco) e a “Teoria Triangular do Amor” (amor baseado na intimidade, paixão e decisão/compromisso). Percebe-se a ênfase que as Ciências têm dado ao tema em várias vertentes, por isso, nesse trabalho não seria diferente, busca-se compreender o que é o amor e o sexo na visão dos adeptos do poliamor.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa percebem o amor e o sexo para além da reprodução. De modo geral, para os poliamoristas, o amor é um sentimento nutrido de afeto, cuidado e carinho. Nem sempre se separa o amor do sexo, da relação física, porém, não se limita a penetração. Esta observação vem de encontro com o que afirmam Linssen e Wik (2012, p. 74) sobre a tendência de a cultura ocidental juntar os conceitos de amor e sexo, haja vista os casos em que a pessoa se sente sexualmente atraída por outra pessoa sem deixar de amar seu (sua) parceiro (a), evidenciando o poder da energia sexual de que tratam certas correntes espiritualistas e culturais, tanto ocidentais quanto orientais.

De fato, no grupo poliamor, há frequentadores das rodas de conversa de diferentes correntes que vivenciam sua intimidade conforme suas crenças ou estilo de vida, dialogando com as considerações que Linssen e Wik (2012) trazem a respeito da relação entre espiritualidade e filosofia de vida com a sexualidade. Segundo os autores, tradições do Sexo Tântrico na Índia e do Yoga Sexual Taoista na China trabalham a energia sexual de modo consciente e livre de preconceitos, afirmando que o sexo é visto de forma positiva. Estes autores acrescentam que o Tantra promove uma visão de mundo completa, voltada para o desenvolvimento espiritual, enquanto que a prática sexual

taoista implica na espiritualidade e na saúde física, em contrapartida na ótica “judeu-cristã o poder do sexo é temido, reprimido e fonte de vergonha”<sup>29</sup>.

De acordo com os entrevistados, a felicidade é um sentimento presente no amor/sexo que lhes gera saúde no sentido de promover bem-estar, e esta fusão entre saúde e felicidade ultrapassa os limites afetivo/sexuais, sendo considerada como um elemento importante para que possam administrar os problemas do cotidiano de uma forma menos estressante possível. Essa colocação dos poliamoristas pode ser comparada com a vivência daqueles que são monogâmicos, havendo do meu ponto de vista, muita semelhança, pois tanto na monogamia quanto no poliamor a saúde/bem-estar e a felicidade são condicionantes para que o indivíduo possa desempenhar com maior êxito suas atividades diárias.

Pude notar que o cuidado e o amor unem-se na interação entre os poliamoristas em geral, mas em particular obtive nas entrevistas com as famílias poliafetivas. Por exemplo, Marília e Marcos compartilham um pouco mais de momentos sociais juntos do que com Marcelo, pois ele é muito dedicado ao trabalho e aos estudos, pretende alcançar cargos mais elevados profissionalmente, então acredita que a relação poliamorosa entre sua esposa e o primo favorece nos momentos em que ele viaja a trabalho ou para prestar concursos. Ele preza pela segurança de Marília, e vê no poliamor uma forma dela não se sentir sozinha em sua ausência. Marília diz que é “privilegiada”, “uma princesa”, porque tem dois amores que a amam e que cuidam muito bem dela, não diferencia o amor que nutre por eles.

**Eu acho que é a felicidade do outro.** Dar liberdade para o Marcelo conquistar o que ele quer, para Marcos conquistar o que ele quer, eu digo assim nesse sentido amoroso, eu acho que isso é amar. Para mim, o que tem de bom é isso assim. Deixar o Marcelo tranquilo nas questões dele para ele poder viver a vida dele. Deixar Marcos tranquilo para as questões dele para viver a vida dele, é a questão principal que eu curto em sentir isso (Marília).

Para mim também, eu vou tá plagiando a Marília, mas o mais importante pra mim... Sei que Marcos consegue ser feliz de qualquer jeito, ele é mais resiliente e eu também, mas eu acho que a Marília, pode ser até uma concepção meio paternalista e injusta até da minha parte, mas acho que ela tem mais necessidade afetiva do que a gente, então hoje, por exemplo, eu trabalhei até às oito da noite, mas pensei... A Marília está lá com Marcos, estou tranquilo, então eu sinto

---

<sup>29</sup> Cf. LISSEN; Wik, 2012, p. 75-76. “Energia sexual e amor nas tradições espiritualistas”.

que a Marília **está mais feliz agora, eu sinto menos pressão em mim**. Tenho tempo pra procurar mais as minhas coisas, não só afetivas, mas profissionais, tenho TCC no final do ano porque comecei outra faculdade, [...] quero ter a tranquilidade de saber que a Marília está bem, eu acho que Marcos foi uma coisa maravilhosa que aconteceu na vida da Marília, acho que ficou um pouco utilitário, mas... (todos riem), ele leva a Marília para passear, diverte-a, conversa com ela (Marcelo).

Então, como eu e Marília somos pessoas conversativas e Marcelo não tem tanta necessidade de conversar, para mim é superimportante. **Não é uma questão de ter uma demanda e dizer eu vou suprir, mas é uma questão de que as pessoas são diferentes mesmo e os relacionamentos são diferentes também** (Marcos).

(Diário de Campo – 05/03/2015).(Grifo nosso).

A transcrição acima parece mostrar que a proposta do poliamor neste relacionamento favorece a família em pontos práticos do cotidiano, parece ser importante ter alguém para cuidar daquele que aparentemente é mais fragilizado em determinada situação, tornando necessária a companhia de um na ausência do outro, essa dinâmica parece ser prática e fácil gerando tranquilidade e sossego sem deixar de observar o aspecto do cuidado, além de oportunamente proporcionar momentos de satisfação pessoal e relacional entre os sujeitos como relatei em tópico anterior deste capítulo ao descrever o trisal em questão.

Para conceituar a sexualidade de forma abrangente e mergulhar na complexidade do tema ante ao poliamor nos depoimentos de meus interlocutores em seguida, conduzirei o leitor a Paulo Bearzoti (1994). Na concepção deste autor, Sigmund Freud foi um compêndio da sexualidade humana na percepção psicanalítica. Segundo sua leitura, a sexualidade seria:

**[...] energia vital instintiva direcionada para o prazer, passível de variações quantitativas e qualitativas, vinculada à homeostase, à afetividade, às relações sociais, às fases do desenvolvimento da libido infantil, ao erotismo, à genitalidade, à relação sexual, à procriação e à sublimação** (BEARZOTI, 1994, p. 05). (Grifo do autor).

Para dimensionar os pontos relevantes numa discussão sobre amor, sexo, sexualidade e afins no cerne da dualidade entre monogamia versus poliamor no contexto social, político e econômico, acho necessário reproduzir na íntegra a fala da moderadora do grupo Poliamor Brasília-DF:

**Eu acho que a própria política feminina** (referindo-se às políticas públicas para as mulheres)**ela já é de grande ajuda em relação ao**

poliamor, você não consegue estabelecer uma relação poliamorosa dentro do machismo. Na minha visão, as políticas de atenção à mulher elas são maravilhosas inclusive para o poliamor. Ainda tem a questão racista, porque não é a mesma coisa um casal poliamoroso negro e um casal poliamoroso branco, não é... Não é... **Inclusive classe social também**, o poliamor ele tem que ser debatido com essa profundidade, porque se você chegar pra uma mulher negra e disser assim: "Ah! Você tem que aceitar que o seu marido fique com outras mulheres porque existe o poliamor e é muito bonito"... Mas cara, a mulher negra nunca teve fidelidade na vida dela, **a mulher negra ela é objetificada, ela é hiper sexualizada**: "Ah! a mulata, gostosa, é pra comer, é pra levar pra cama". **A afetividade à mulher negra ela é muito negada, tanto que uma recomendação que a gente tem em relação ao feminismo, na marcha das vadias, quem tem que tirar a blusa é a mulher branca, mulher negra não tem que tirar a blusa lá não porque ela já é hiper sexualizada**. Então eu nunca vou chegar para uma mulher negra e dizer o quanto o poliamor é maravilhoso e que ela deveria seguir, porque ela é que sabe o que ela passa em relação a isso. **A questão do homem negro é outra, "ele é um homem viril, do pau enorme, que não consegue ser fiel a ninguém", você pode ver que existe um imaginário em relação ao homem negro**, e aí o quê que esse homem tá fazendo no poliamor? Qual o papel dele? **Você tem que considerar raça, classe social. É muito mais fácil para mim ser poliamorosa na condição de vida que a gente tem, financeiramente falando, do que uma pessoa que passa necessidade, que tem que trabalhar 24 horas ali, e chega em casa é o serviço de casa, quando vai dormir dorme 4 horas por dia e tem uma série de problemas financeiros. Como que eu vou falar para uma pessoa dessa para dividir o marido dela? Como que eu vou dizer para ela ter duas famílias se ela não consegue nem dar conta da de cá?** Por isso que eu sempre falo que **o poliamor é uma opção, é um modelo de relação**, ele não é melhor que outros, até porque a gente não vive numa sociedade igualitária a ponto da gente poder dizer assim. **Ah! Seria maravilhoso se todos nós pudéssemos ficar com outro apenas por não obrigação, mas não é real, e não sei se um dia isso se tornará real, porque as desigualdades são muito profundas, são muito grandes, mas é uma luta que ninguém pode esquecer isso, da questão poliamor, raça, classe social, gênero, se não levar essas questões em consideração você não vai viver o poliamor não, você vai viver uma doidice, uma loucura, vai ter confusão e vai ter muita**. Por isso que minha orientação toda de faculdade ela tem sido no sentido de me especializar em terapia de casais e é uma coisa que eu quero estender para o poliamor, que você possa fazer uma terapia com trisal ou com quatro pessoas, justamente porque você tem que expor estas questões, imagina a questão de gênero? Se seu marido acha que tu só pode ficar com mulheres? Tipo eu aceito esse poliamor, mas tu só pode ficar com mulheres... E aí como fica? Tem uma amiga minha que eu disse para ela, "fulana então diga para ele que tu só vai querer que ele só fique com homens", e aí ele vai aceitar? **Então são questões machistas mesmo que a gente às vezes não percebe, questões de poder, de posse, da submissão da mulher, tudo isso tem que ser levado em consideração para você conseguir ter uma relação poliamorosa saudável, mas não só o poliamor, eu estou falando do poliamor porque é mais difícil, mas até na relação monogâmica se você esquece dessas coisas você entra em automático, você vira mais do mesmo, começa a seguir todo mundo, vai no fluxo e acha que é normal... Aceita né? Não discorda. Agora pensa numa mulher negra, feminista,**

**lésbica e poliamorosa, é muito preconceito para uma pessoa só levar. Por isso é preciso profissionais preparados para lidar com esse tipo de coisa, daí a necessidade da escola preparar para essa questão da diversidade, as pessoas precisam entender que existe outro e esse outro não precisa ser como eu, ele é diferente.** Se você quer ser uma religiosa que ora dia e noite, maravilha, se você quer ser dona de casa nenhuma feminista vai dizer que não seja, seja o que você quer, **o ruim é quando você não quer ser uma dona de casa e é obrigada a ser, o ruim é quando você não quer ser monogâmica e você é obrigada a ser, então eu acho que tem que ter isso na escola, é importante que as pessoas saibam de tudo isso.** Que eu saiba, não existe uma entidade que represente a comunidade poli aqui, mas seria ótimo, seria muito bom se houvesse, mas nesse momento não existe, eu acho que talvez num futuro mais distante possa existir, **eu acho que políticas públicas e representatividade vai demorar e a gente não estará aqui para ver.** (Diário de Campo 11/05/2015 - Alice Sales). (Grifo nosso).

Apesar de eu ter optado por um recorte de família neste trabalho, a fala dos sujeitos que se consideram família poliafetiva dialoga com a fala dos adeptos ao poliamor que são solteiros – aqueles que não optaram por nenhum tipo de união ou não moram junto com seus (as) parceiros (as) – na medida em que os sujeitos expõem experiências vividas de assédio, machismo e discriminação num discurso que relaciona o poliamor com o feminismo e o antirracismo.

Assédio e machismo são questões frequentemente levantadas como problemas na perspectiva do poliamor. Há uma questão de gênero acentuada no tratamento diferenciado quando é um homem poliamoroso ou quando é uma mulher poliamorosa. No caso do homem o machismo o apoia na prática do poliamor, já a mulher passa pelos constrangimentos causados pela falta de respeito e anulação do direito de decisão.

É uma coisa muito chata... Quando a pessoa sabe que você é poliamorosa de certa forma ela se sente no direito de te desrespeitar, entendeu? Ah, porque você é poliamorosa então certamente você deve ficar com várias pessoas, então você vai ficar comigo, ai ela já vai dando em cima de você, ela já se sente no direito de te mandar mensagens *inbox* no *facebook*, de te mandar uma mensagem no *whatssap*: “Oi... Você não sei que, não sei que... E tal”. Aí você diz: não estou disponível, o outro diz: “nossa, mas você não é poliamorosa?” Eu digo: desculpa, não estou disponível. Então na minha vivência essa é a parte mais chata que tem, **o fato das pessoas saberem que você é poliamorosa acham que você está solteira, e não só solteira, é como se eu não pudesse dizer não. É como se por eu ser poliamorosa eu perdi o direito de dizer não,** entendeu? Ou então alguém pergunta: “você fica com quantas pessoas por semana?” (risos) Como assim criatura? **Eu não fico com várias pessoas por semana e não seria por eu ser do poliamor, existem pessoas solteiras que ficam com várias pessoas por semana.** Elas associam

necessariamente uma coisa à outra né? [...] que fique claro que eu não tenho nada contra sexo, nada contra swing, todos estes tipos são outras coisas que não o poliamor, e **já basta da gente que vive o poliamor ter que ficar aguentando certos preconceitos**, porque as pessoas relacionam uma coisa com a outra (Flávia).

**Como sou homem e ela é mulher as pessoas tratam diferente, no meu caso as pessoas acham que é putaria**, acham que a minha relação é putaria, eu não sei nem dizer com outras palavras, acham que não é sério, que não vou respeitar elas, que eu não respeito a pessoa com quem eu estou. É basicamente a mesma coisa que acham, que é putaria, **só que eu recebo de um jeito diferente por que ela é mulher e eu sou homem** (Fernando).  
(Grifo nosso).

Notei uma tendência de queixas de mulheres nas declarações nos poliencontros, nas falas dos entrevistados e na rede virtual do grupo a respeito de atitudes e correntes de pensamento que alimentam e perpetuam o machismo.

O poliamor por ter um caráter feminista tende a empoderar as pessoas a não admitirem as desigualdades entre os gêneros. Sendo assim, o discurso nos debates conduzem os sujeitos a reflexões sobre as consequências de atitudes machistas. Os participantes de minha pesquisa afirmam que poucos homens estão dispostos a enfrentar a barreira do ciúme e do machismo. Afirmam também que as mulheres assumem mais facilmente seu lado bissexual, e este pode ser um dos fatores que indicam mais trisais compostos por um homem e duas mulheres, como é o caso das duas famílias entrevistadas neste trabalho acadêmico.

O antirracismo parece seguir esta mesma linha de raciocínio. É a continuação da luta contra a discriminação e preconceito racial feminino. O fato de a mulher negra muitas vezes ser sexualmente objetificada, e sua afetividade negligenciada pede um olhar diferenciado quanto à forma de lidar com as questões do poliamor, assim como a classe social. Se é preciso pensar o poliamor sob o recorte de gênero, raça e classe social, pode-se inferir que o poliamor tende a privilegiar os homens, as mulheres brancas e a classe média à classe média alta.

Fernando considera importante desconstruir o que é o poliamor na visão da sociedade a ter que conceituá-lo, alega que não gosta de limitar o conceito, prefere algo que abarque todas as relações saudáveis (relação saudável seria aquela que não agrida os companheiros de nenhuma forma - física,

psicológica, verbal) do que pegar algum conceito que por ventura exclua outro, mas mesmo assim ele tem uma concepção do que é o poliamor.

**Poliamor é uma filosofia**, e que diferente do que a sociedade coloca você entende que as pessoas podem ter diferentes formas de amor, afeto, paixão e **sentimentos** com relação a outras pessoas ao mesmo tempo, e que eles **não são excludentes**, que um não afeta negativamente o outro. O poliamor é você saber que isso existe e permitir que o outro viva isso, e também se respeitar, se dar o direito de viver isso (Fernando).(Diário de Campo – 11/05/2015).(Grifo nosso).

De modo geral, os adeptos do poliamor têm a concepção de que o poliamor é um modelo de relacionamento construído, assim como é a monogamia. Entendem que as pessoas naturalizam a monogamia quando na verdade ela é historicamente construída. O mérito de o poliamor ser certo ou ruim não vem ao caso, mas afirmam ser uma construção que prima pela liberdade e consenso dos envolvidos, não sendo preciso abdicar de um sentimento em prol de outro, então, entra em cena a compersão, termo pouco conhecido, considerado o opositor do ciúme, forjado a partir da transformação do sentimento de posse. Pilão (2012) acrescenta que é o ato de ficar feliz com a felicidade dos (as) seus (suas) parceiros (as).

**O termo “compersão” é uma tradução do neologismo em inglês “compersion” e é considerado um “novo” sentimento, oposto ao ciúme e fruto de um movimento de superação do sentimento de posse, a partir da aceitação da liberdade de amar do(s) parceiro(s)** (PILÃO, 2012, p. 07). (Grifo nosso).

Muitos poliamorosos afirmam que é possível ficar feliz desta forma, porém, Flávia e Fernando alertam que não é tarefa fácil, exige prática diária de controle do ciúme e que as circunstâncias do momento também influenciam nesse processo.

Às vezes eu me sinto uma pessoa compersiva, eu acho que isso é muito ligado ao seu estado emocional também, sei lá, o dia que eu estou mal e ele vai sair com outra pessoa... Nossa! Eu quero que seja péssimo o encontro dele (risos), quero que seja bem ruim e que ele volte logo para casa (risos), mas às vezes não, é uma coisa muito nítida mesmo. A poxa ele saiu... Está se divertindo, está aproveitando, está gostando, nossa! Será que aquela menina é legal? Será que a gente vai ficar amiga? **Será que vai ser uma pessoa pra somar?** Então dá uma alegria assim, mas é o que eu estou falando, não é sempre, mas metade das vezes acontece de eu ficar feliz (Flávia).

**Eu acho que quando eu me dei conta de que o amor que eu tenho por ela e que ela tem por mim não diminui por conta dessas coisas**

**ficou tudo mais fácil.** Eu deixei de ser uma pessoa tão carente quanto eu era antes, então o momento que eu estou com ela é o momento que a gente é feliz e os outros momentos também (Fernando).  
(Diário de Campo – 11/05/2015).(Grifo nosso).

A impressão que se tem sobre o que ainda é desconhecido causa transtornos, desconfortos e especulações. Para Flávia é também um sinal de que as outras pessoas são incapazes de lidar com as próprias questões afetivas, levando-as a se incomodarem com o estilo de vida dos poliamoristas diante da liberdade que eles têm e que alguns monogâmicos almejam.

Eu estava conversando com ele sobre um teórico chamado René Girard e ele fala **da violência que você causa no outro pelo simples fato de você ser o que você é**, pela sua vida. Então eu imagino que para as pessoas que não gostam de estar casadas, deve ser uma violência muito grande ver uma pessoa poliamorosa, porque se eu não posso fazer isso porque que ela tá fazendo? Porque ele tem esse direito de viver isso e eu estou aqui preso nessa coisa que é o casamento que eu odeio? Eu posso estar errada quanto a isso que eu vou dizer, mas você percebe quando as pessoas estão bem com a própria vida, várias pessoas que eu converso falam assim: “nossa cara, interessante esse modo como tu vive, eu sou monogâmica, gosto muito de estar na monogamia, mas achei legal”... Então você vê que a pessoa está tranquila, que ela é monogâmica e ela está tranquila com isso. Agora tem gente que não, é inaceitável, um absurdo! Como pode! Jamais eu ia conseguir lidar com isso! Deve ser uma putaria! **Então você começa a desqualificar para você não querer, é muito assim, eu preciso tornar aquilo ruim, eu tenho que procurar o que é ruim para eu não aceitar.** Então tem muito disso, **a instituição casamento hoje se tornou muito violenta, justamente porque as pessoas não sabem mais como lidar, não sabem fazer (construir) relações, e nem é isso às vezes também, porque você nem gosta daquilo e faz porque a sociedade te impõe** (Flávia).  
(Diário de Campo – 11/05/2015).(Grifo nosso).

A mentira é um dos fatores que causam mal estar nas pessoas de modo geral. Neste caso, às pessoas que não podem assumir seus relacionamentos, seja por medo do preconceito, seja pelo rompimento dos laços familiares, seja por outros motivos.

Levando em consideração os conceitos do poliamor que apresentei no início deste trabalho, os comportamentos observados e as declarações concedidas, alguns poliamoristas parecem realmente remar contra a mentira. A partir disto, passam a estabelecer seus acordos de convivência vislumbrando a honestidade na relação, descaracterizando o relacionamento poliamoroso de algo traidor ou trapaceiro.

Contudo, esse movimento parece ter mais a ver com as pessoas dentro dos relacionamentos, porque há uma tensão em relação às pessoas fora do contexto mais íntimo dos sujeitos, que depende da aceitação social, e muitas vezes passa pelo crivo do juízo de valor, ou melhor, não consegue ultrapassar esta barreira. Então, parece vigorar uma preocupação ética ou pacto de respeito entre aqueles que participam do relacionamento, muito distante de algo considerado a priori como promiscuidade.

### **Saúde e preconceito social: o mundo particular do poliamor**

Entendo que o cuidado e atenção à saúde e ao bem-estar que Marcelo e Marcos dispensam à Marília são recíprocos. O revezamento deles quando ela precisou ser medicada e hospitalizada mostra a consideração e respeito pela pessoa, pelo indivíduo. Dessa maneira, a ética do cuidado parece ser equivalente na família tradicional e na família poliamorosa. A divergência encontra-se na questão da moralidade social, o juízo de valor que algumas pessoas fazem a respeito do arranjo poliamoroso.

No entendimento das duas famílias as quais entrevistei e descrevi neste trabalho, assim como pude perceber nas declarações de outras pessoas nos poliencontros, a preservação da identidade relacional evita transtornos, constrangimentos, preconceitos, questionamentos desnecessários, rompimentos de vínculos com a família de origem. No entanto, Lima e Almeida (2013, p. 384) apontam estes aspectos como um dos conflitos existentes e alertam que é preciso “saber lidar com o repúdio e a incredulidade social”.

Manter o sigilo para os “outros”, os “de fora”, é necessário conforme o ponto de vista de alguns membros dessas famílias. Marília afirma que o elo entre os parentes dos rapazes seria rompido, pois é uma geração interiorana, cuja compreensão do contexto em que vivem não seria alcançada. No entendimento dela, seus familiares aceitariam sem muito alarde seu relacionamento, pois um de seus parentes é homossexual e houve aceitação, mesmo assim ela não vê necessidade de declarar sua intimidade. Busca apenas respeitar os espaços e opiniões dos seus companheiros e dos parentes de ambos os lados, mesmo porque, muito provavelmente, se sua família soubesse que são poliamoristas, a notícia se espalharia comprometendo a

relação dos seus “amados” com os demais. O impacto do preconceito social os faz ocultar a própria identidade, forçando-os a manter um mundo particular.

[...], eu não falo porque eles vão se encontrar com a família deles, mas eu não posso me revoltar com isso. Também não tenho necessidade de falar por aí “eu tenho dois amores”, se as pessoas que vem aqui em casa e notam ou não eu também não me importo. Na rua ninguém sabe, o meu chefe às vezes me pergunta, eu fico assim tipo olhando... Tipo assim, porque perguntou né?... Não dou nenhuma risada, não falo que sou contra nem a favor, tipo assim, só diz respeito a mim, qual a diferença? Não me aumenta em nada nem me diminui em nada... **É que nem nascer bonito, não é pior nem melhor, é uma sorte do destino e quiçá um azar também, porque dá trabalho né?** (Marília).

**O maior incômodo pra mim nesse sentido é saber de todo incômodo que vai ser gerado por me apresentar como realmente sou,** isso todo mundo tem, em vários quesitos da vida, seja a sexualidade, o sexo da pessoa, seja na profissão, seja um defeito que ela tem, seja o que for. Eu gostaria que fosse uma coisa completamente aceita, assim como são aceitas as relações monogâmicas, assim como são aceitas as relações heterossexuais também. É um balanço entre a não necessidade de falar e esse incômodo que vai ser gerado (Marcos).  
(Diário de Campo – 05/03/2015). (Grifo nosso).

Os três preferem evitar explicações constrangedoras e o sofrimento dos parentes. Para eles, a família de origem deve ser poupada da realidade que vivem, mas enfatizam que o clima da mentira é desconfortável. Deixar de assumir o relacionamento poliamoroso gera insatisfação e exige vigilância comportamental constante, o que foi comprovado em certa ocasião quando a mãe de Marcelo foi hospedada na casa deles e a rotina da casa precisou ser mudada, no sentido de que Marília teve que direcionar sua atenção como esposa somente ao marido legítimo que é o Marcelo, e ele e Marcos também tiveram que se conter em relação ao trato com Marília. Sendo assim, Marcos teve que restringir seu comportamento a condição de primo de Marcelo. Com essa situação, Marília ficou enraivecida e pressionou seu marido para que contassem à sogra que eram uma “família poli”, mas o diálogo entre eles fez com que a esposa respeitasse o espaço e argumento de Marcelo.

A cautela e sigilo sobre a identidade poliafetiva observada no relato acima, também se estende à família de Flávia e Fernando diante daqueles aos quais eles não querem se expor:

Para mim é muito, muito, muito difícil, faculdade, trabalho, amigos, para todas as pessoas, se me perguntar eu falo, não preciso ficar falando,

mas se perguntar eu falo. Mas para minha mãe (em Fortaleza) eu sei que **eu nunca vou contar para ela**, é evangélica fundamentalista, é uma pessoa que... Nossa... Eu acho que não precisa contar já o resto da minha família é a seguinte situação, não vou contar, mas se ficar sabendo não vou negar, entendeu? Se meu tio, que mora aqui em Brasília, me ver num restaurante com o “fulano” (o outro companheiro) ele vai ficar louco, mas eu não vou negar, vou explicar que a gente tem uma relação, entendeu? **Para minha mãe eu não conto de jeito nenhum, na cabeça dela ela não vai entender** já o resto da minha família, eu sei que alguns vão entender outros não vão e quem não entender eu não posso fazer nada, infelizmente, mas **com a minha mãe eu me importo o suficiente para ter esse tipo de conduta** (Flávia).

Eu tive que falar num contexto específico para minha família mais próxima, meus pais e minhas irmãs, e **eu acho que eles fingiram que nunca souberam e continuam vivendo como se nunca tivessem sabido disso** (risos do casal). Eu acho que eles pensam assim: eu vou apagar da minha mente e isso nunca aconteceu. No trabalho eu já contei para algumas pessoas, mas é uma situação complicada por que... **É tanto machismo** [...], já que eu não posso ser sincero (dizer que é poliamoroso) eu prefiro fingir [...], e também acaba que eu deixei de falar isso no trabalho porque tem um cara amigo meu que eu falei e quando ele olha para mim parece que sempre que ele tem oportunidade de falar ele fala mesmo na frente de outras pessoas. Eu despertei curiosidade nele, acho que ele deve ficar pensando “ele tem e eu não tenho”. Enfim, eu prefiro deixar só para os amigos, **até para as pessoas que eu venha me relacionar é difícil porque eu tenho que ver a hora ideal de contar e até hoje eu não descobri porque quem eu venha me relacionar a coisa não caminha por conta disso**(Fernando).(Diário de Campo – 11/05/2015)  
(Grifo nosso)

Quanto à possibilidade de atendimento na rede de atenção do SUS na condição de família poliamorosa, Marília afirma não ter estrutura emocional para abrir a constituição da família em questão. Optaria por se preservar, “não aguentaria olhares”. Quando era adolescente e encaminhou sua filha ao Centro de Saúde para atendimento, o profissional de saúde perguntou se era mãe solteira, ela diz que esse questionamento foi uma “agressão psicológica e moral”. Provavelmente, para este profissional, a família não estava completa, teria que ser composta pelo pai, mãe e filho, a família tradicional brasileira:

**Não! Eu sou mãe, solteira é o meu estado civil.** Tu imagina, com aquela idade, novinha, tu ouvir no sentido pejorativo que tu é mãe solteira! **Isso agride!** Numa situação de ter que me apresentar como poliamor **eu não teria condição emocional para enfrentar**, porque tu já tá numa situação delicada de precisar de um tratamento ou de ter um filho e tal aí tu ter que lidar com isso... (Marília).  
(Diário de Campo – 05/03/2015)  
(Grifo nosso)

Nas falas das famílias poliamorosas e dos adeptos do poliamor nos poliencontros, o preconceito e a discriminação aparecem como elementos segregadores e são percebidos na família de origem, no trabalho, na faculdade, no convívio social no geral. As pessoas reproduzem o machismo, o racismo, usam dos seus conceitos morais para diminuir o poliamor à promiscuidade, para objetificar o gênero feminino, para delegar ao gênero masculino direito “privilegiado” sobre o feminino (muitas atitudes dos homens são consideradas naturais, para as mulheres as mesmas atitudes são proibidas). Pode-se dizer que, a rejeição das pessoas que não conhecem ou não aprovam o poliamor e suas práticas, é próxima daquela que é reproduzida frente às comunidades vulneráveis, como negros, homossexuais, bissexuais, portadores de alguma limitação física ou mental.

Tal rejeição social é fruto da identidade projetada pela sociedade e que, Goffman (1963, p. 06) conceituaria de “identidade social virtual”, baseada em categorias e atributos estipulados a partir da observação do “outro”, em contrapartida a “identidade social real” tem por base o que o “outro” realmente é comprovado por ele próprio. Assim, quando um indivíduo não possui características, atributos ou não faça parte de uma categoria socialmente aceitável, o caráter imputado ao “outro” de forma depreciativa é considerada estigma.

Do ponto de vista de Flávia, sempre haverá alguém para apontar e desqualificar, desrespeitar e tirar proveito de alguma maneira daquele que é diferente. Este comportamento segregador reflete negativamente no bem-estar dos sujeitos, afasta as pessoas, traz um ar pesado para o ambiente de trabalho, causa mal-estar, como podemos perceber no depoimento de Fernando:

Teve uma vez que um evangélico no trabalho, logo no começo que eu soltei uma ideia sobre as pessoas não necessariamente precisarem ser monogâmicas, aí o cara disse: “você acredita numa verdade absoluta, numa moral absoluta?” Aí eu perguntei o que era pra ele uma moral absoluta, já prevendo que ele viesse com a ideia dele. Aí eu disse: não, não acredito. E ele é **uma pessoa tão conservadora nos seus pensamentos** que uma colega do trabalho que disse que não queria ter filhos, ele disse que ela era uma pessoa egoísta, como se ela tivesse uma função sobre aquilo, como se fosse obrigação dela, e aí chegou o momento que eu parei de conversar com ele, porque as opiniões dele... Ele acha que tem o direito porque é a religião dele,

então eu tive que falar assim: **tu tá sendo preconceituoso**, tu tá sendo **machista**, tu tá sendo racista, inclusive, quer dizer tu não tá sendo racista porque tu é negro, mas na tua opinião **tu tá reproduzindo racismo** aí, cara. Então eu tenho certeza que se chegasse nesse ponto do poliamor ele não ia nem falar comigo, por isso que eu prefiro não falar (Fernando).  
(Diário de Campo – 11/05/2015).(Grifo nosso).

Em contrapartida, Marcos assevera que os próprios poliamoristas não devem se tornar reprodutores da mesma hostilização que recai sobre as minorias, não é interessante que se crie um círculo de devolutiva negativa, a sabedoria de um movimento político coeso encontra firmamento em atitudes pacíficas e racionais.

**Eu acho que há um perigo negar a monogamia, assim como há um movimento contrário querendo negar a existência da monogamia, porque a gente acaba caindo na mesma armadilha do outro lado. Eu acho que a gente tem que aceitar que o diferente existe** (Marcos).  
(Diário de Campo – 05/03/2015). (Grifo nosso).

Dessa maneira, partindo dessa leitura, nota-se a importância do estudo da família enquanto unidade formadora da sociedade, com ênfase na família poliamorosa enquanto um dos elementos transformadores das práticas profissionais na área da saúde. Como também bem valida Féres-Carneiro (2009, p. 23):

Na clínica temos nos defrontado, cada vez mais, com os temas da relação amorosa, do casamento, da separação e do recasamento, contidos na demanda de psicoterapia dos indivíduos, dos casais e das famílias. Temos encontrado também um número, cada vez maior, de diferentes modos de vivenciar a relação amorosa em diversos arranjos conjugais. Investigar a formação destes diferentes arranjos, mapeando as concepções dos mesmos e o modo como os sujeitos neles inseridos interagem, permitirá uma compreensão aprofundada dos diversos temas relacionados a tais configurações.

Refletindo sobre o sistema de saúde brasileiro, o SUS, no que se refere à promoção à saúde e prevenção de doenças, há buscas estratégicas para proporcionar qualidade de vida e saúde aos indivíduos. Frente a isto, a forma em que os interlocutores descrevem sua inserção dentro do serviço, demonstra que tais estratégias ainda precisam ser pensadas, partindo da concepção estabelecida de família.

Marcelo considera que há uma prática discriminatória em relação às orientações sexuais e os gêneros não normativos. Este fato, em seu entendimento, tem gerado estigma diante das campanhas de saúde promovidas pelo MS, pois o foco gira em torno das DSTs sugerindo que sejam gêneros sexualmente promíscuos e os gêneros normativos isentos de promiscuidade:

As campanhas dizem: vamos distribuir camisinha, vamos fazer teste de HIV/AIDS, hepatite, então beleza! É como se todas as não normatividades em termos de sexualidade, de gênero e de relacionamento se resumissem a questão sexual (Marcos).  
(Diário de Campo – 05/03/2015)

A colocação do meu entrevistado leva a refletir sobre a vulnerabilidade do coletivo poliamoroso, pois são sujeitos fora da norma, fora do padrão social e sem uma identidade reconhecida. A respeito disso o artigo de Trevizan e Amaral (2010) nos traz o seguinte:

Pode-se conceituar grupos vulneráveis como sendo um conjunto de pessoas, ligadas por ocorrências fáticas de caráter provisório, o qual não possui identidade, havendo interesse em permanecer nessa situação, sendo seus direitos feridos e invisíveis aos olhos da sociedade e do poder público. Exemplificando: **idosos, mulheres, crianças e etc.** (TREVIZAN; AMARAL, 2010, p. 05). (Grifo nosso)

Partindo da análise do perfil heterogêneo dos poliamoristas descrito no capítulo II, a meu ver, estes se enquadram como “grupo vulnerável” (mulheres, negras, homossexuais, bissexuais etc.) de que tratam Trevizan e Amaral (2010). Pois as características das pessoas do grupo poliafetivo e suas práticas são alvo de discriminação e preconceito, aliando isto à falta de reconhecimento identitário pode ser um dos fatores que os tornem “invisíveis aos olhos da sociedade e do poder público”.

Nesse caso, certamente, a falta de visibilidade da comunidade poliamorista pode ser mais um complicador que retroalimente a violência oriunda do estigma, o que leva a refletir sobre a observação feita por Borba e Lima (2011, p. 233) em relação à “importância de gerir alternativas que viabilizem a valorização da vida, da saúde, da cidadania e da dignidade humana”.

Um dado importante que surgiu no dia 21 de setembro de 2015 e comprova a intolerância à diferença foi a denúncia da página oficial do grupo

Poliamor BSB. Provavelmente, alguém que não se identifique ou não admita a modalidade de relacionamento poliamorista, acionou os mecanismos de denúncia do *facebook* fazendo com que a página ficasse fora do ar por um tempo, mas como a própria moderadora explica essa não foi a primeira vez que isto ocorreu:

A questão da denúncia da página eu vejo de modo muito tranquilo, não é algo que me surpreende em decorrência dos tempos conservadores. E também porque não foi a primeira vez, é a terceira. Soube da denúncia quando tentei acessar e estava bloqueada. Nesse caso bastou eu alterar o nome e o *facebook* liberou o perfil novamente de modo "simples". Na segunda vez que aconteceu eu coloquei o celular como dado de acesso e isso facilita em termos técnicos. O nome ficará como está até a próxima denúncia (risos) (Alice Sales em 12/10/2015 via mensagem no *facebook*).

Diante disto, quando o leitor acessar a página do perfil oficial do grupo não encontrará mais o nome Poliamor BSB, como constava no início desta pesquisa de campo, mas sim, a seguinte atualização até então: Frida Poliamor NãoKhalo (Brasília)<sup>30</sup>. Este nome faz menção à artista plástica mexicana Frida Khalo, considerada uma mulher a frente do seu tempo que enfrentou muitas dificuldades.

### **A ética como compromisso no poliamor**

As máximas da ética como compromisso em um relacionamento poliamoroso estão na honestidade, no consenso e na responsabilidade. Estes coadunam com a fidelidade e lealdade ao acordo e promessa firmada entre os parceiros (as); confiança, dignidade e respeito entre todos (as) os (as) parceiros (as) no sentido de aceitação em vez de apenas tolerar/suportar um ao outro; apoio mútuo não sendo permitido prejudicar o outro; comunicação e negociação como mecanismo fundamental de ajustes caso haja violação de acordos; por último e não menos importante a não possessividade (COOK, 2005; KLESSE, 2006; ANAPOL, 2010 apud FREIRE, 2013, p. 43). A honestidade implica em responsabilidade para com todos os envolvidos no relacionamento, a manutenção do diálogo franco sempre que necessário é fundamental para saúde relacional em todos os seus desdobramentos.

---

<sup>30</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/poliamorbsb?fref=ts>> Acesso em: 12 Out 2015.

A filosofia adotada no poliamor considera que amar uma única pessoa pelo resto da vida é algo inconcebível, que o amor não deve excluir o mundo ou as pessoas. Desse modo, os indivíduos podem amar e ser amados por mais de uma pessoa simultaneamente; esta é a lógica que esta ideologia procura defender. Contudo, para que essa forma de relacionamento seja possível, seus adeptos tendem a cultivar princípios que são norteadores para tal prática. Dois princípios se destacam: honestidade e consenso (FREIRE, 2013, p. 43).

Terezinha Féres-Carneiro (2009, p. 19) aponta que para os adeptos ao poliamor este arranjo é “um modo melhor e mais honesto de se relacionar do que a monogamia, já que muitos indivíduos se sentem atraídos por mais de uma pessoa”, e na monogamia essa atração tende a ser reprimida. A militante e moderadora do grupo Poliamor Brasília-DF, Alice Sales, em palestra ministrada no auditório da OAB no dia 08 de setembro de 2015, disse que o “mantra do poliamor é comunicação, comunicação, comunicação [...], só com muita comunicação é possível estabelecer os acordos no relacionamento”.

A palestrante orienta que a honestidade e o consenso devem ser seguidos como padrões éticos dentro do poliamor, pois para se relacionar com outras pessoas é preciso que todos os envolvidos participem da negociação dos acordos a serem firmados, sendo estas prerrogativas importantes para que não se multipliquem as desigualdades já citadas anteriormente neste capítulo.

A ética também está no cerne do cuidado no contexto biomédico entre os poliamoristas. Alice Sales solicita/sugere que os poliamoristas não deixem de cuidar da saúde própria e dos seus parceiros, reafirmando nos encontros presenciais e na rede social virtual a importância do uso de preservativo na relação sexual, além da realização de exames médicos periódicos para ambos os gêneros. Diante do quadro de escassez de recursos financeiros que o SUS enfrenta, essa atitude passa a ser relevante no âmbito da saúde pública.

Freire (2013, p. 41) confirma a conduta de segurança na relação sexual entre poliamoristas em sua tese de doutorado.

Nessas relações são adotadas diversas regras de funcionamento, que variam de indivíduo para indivíduo e seus respectivos parceiros. Normalmente, existem acordos de sexo seguro, em que se podem incluir a realização de testes de doenças sexualmente transmissíveis para novos parceiros e o uso de preservativos para todos os parceiros fora da relação principal. Alguns acordos podem limitar o contato erótico, como, por exemplo, evitar beijos profundos, não praticar sexo oral, proibir a nudez do corpo inteiro, restringir a visita ao amante apenas nos dias designados etc.

Recentemente (dia 30 de outubro de 2015), uma nota foi publicada no Brasil<sup>31</sup> pelo colunista Jairo Bouer, que de acordo com a descrição que consta em sua página da internet, é médico formado pela Faculdade de Medicina da USP e desenvolve seu trabalho na área da sexualidade a partir de um projeto do Hospital das Clínicas da USP. O artigo informa que pesquisadores da Ball State University, nos Estados Unidos, fizeram um trabalho com 556 homens e mulheres com mais de 18 anos e parceiro (a) estável. Os monogâmicos somavam um total de 351 pessoas e outras 205 mantinham algum tipo de relacionamento consensualmente não monogâmico.

A pesquisa consistiu em verificar a quantidade de parceiros sexuais, o uso de camisinha e com que frequência os participantes deste estudo costumavam passar por testes de AIDS e outras DSTs. A comparação dos resultados indicou que o número de envolvimento sexuais fora da relação principal e o número de diagnósticos de DST em ambos os tipos de relacionamentos foram bem parecidos. O trabalho foi publicado no *The Journal of Sexual Health* e divulgado no jornal britânico *Independent*.

### **Saúde e bem-estar para além dos limites jurídicos: “A ausência de Lei não pode justificar o não reconhecimento do poliamor”.**

Na leitura do teórico clássico Marcel Mauss (2003), em “A noção de pessoa, a de EU”, o reconhecimento depende da ação do “outro”, ou seja, é o “outro” quem nos reconhece. Portanto, é necessário que haja uma relação entre os sujeitos para o reconhecimento da “noção de pessoa”, do “EU”.

Os laços sociais e os papéis que cada indivíduo exerce no mundo estão intimamente ligados à identidade. É a identidade responsável por dar sentido à existência do indivíduo. Mas antes que o outro me reconheça é preciso, primeiramente, que eu me reconheça enquanto pessoa, que eu reconheça a minha identidade e a identidade que os papéis sociais me conferem diante das funções que eu assumo.

A reflexão que Mauss traz em sua obra, mostra as “formas que esse conceito assumiu na vida dos homens, das sociedades, com base em seus direitos, suas religiões, seus costumes, suas estruturas sociais e suas

---

<sup>31</sup> Disponível em <<http://doutorjairo.blogosfera.uol.com.br/tag/aids/>> Acesso em 31 out 2015.

mentalidades” (MAUSS, 2003b, p. 371). Os índios da tribo do Pueblo de Zuñi, no México, só são reconhecidos como parte da tribo se possuírem personagens pertencentes a um clã e este tem que ter um número determinado de personagens. Essa prática identificava o parentesco entre eles, as funções de cada um dentro do grupo, a relação entre gerações conferindo-lhes títulos e direitos. Nos rituais religiosos e de guerra os índios de outras tribos também eram reconhecidos pela linhagem dos nomes, das máscaras e vestimentas utilizadas, essas práticas não foram abandonadas pela sociedade contemporânea, perpetuam-se traços culturais da história social.

Empreende-se, portanto, que na perspectiva de Mauss a relação cultural com a noção do “EU” é uma construção social que varia ao longo do tempo e do espaço, e que por trás da identidade há o reconhecimento da pessoa dentro de um grupo, comunidade, nação. A identidade fundamenta-se na categoria da semelhança e da diferença, direcionando o sujeito ao processo de inclusão ou exclusão social. Na atualidade há um pouco de cada uma das noções de pessoa das civilizações antigas sob influência religiosa, jurídica, moral, racional e psicológica.

Esse raciocínio maussiano nos leva a compreender que assumimos papéis diferentes nos espaços em que convivemos. Cada um de nós possui uma identidade diferente a depender do lugar em que estamos e da função que assumimos, em casa, no trabalho, no grupo de amigos, na igreja, por consequência, os outros nos reconhecerão a partir da identidade constituída.

Nota-se que a identidade é uma forma de rotular, classificar, categorizar, o que leva a crer no caráter imbuído de sentido valorativo ou pejorativo (processo de inclusão e exclusão), a depender da interpretação que o outro faz das informações apresentadas a respeito daquela identidade. Vê-se desse ponto a necessidade de trazer à sociedade a real identidade dos poliamoristas e suas famílias, para que se estabeleça o reconhecimento identitário e de suas práticas.

Na entrevista, Marcos enfatizou que já refletia internamente sobre a questão da monogamia, mas ainda não conhecia o termo poliamor, começou a se interessar pelo assunto através da internet. Tinha em mente que não queria reproduzir que o que existe é “a norma e o que está fora da norma”. Para ele,

existe tudo e cada um pode ser o que quiser. Acredita que não há porque diferenciar o que é normal do que não é, assim como faz a maioria das pessoas. Meu interlocutor prefere mostrar seu respeito pelas diferenças, e almeja que essa compreensão seja alcançada pela sociedade, sendo capaz de gerar mudanças no comportamento social.

O rótulo não é só negativo, não é uma questão simplesmente de classificar ou reduzir algo, rotular também é afirmar. A identidade através do rótulo passa a ser um ato político, seja para gay, transexual, transgênero, poliamor, etc. É encontrar-se em um grupo que tem características parecidas com as suas, a partir dali firmar sua existência e buscar o reconhecimento social, garantir sua permanência harmoniosa em meio aos diferentes de você (Marcos).  
(Diário de Campo – 05/03/2015)

Segundo Rafael Santiago (2014, p. 136), é tradição dos movimentos sociais acionarem o poder jurídico em apoio à “busca pela aceitação social, os direitos civis e a igualdade”. O magistrado identifica em sua tese, razões capazes de validar o poliamor como “entidade relacional” possível para constituição de famílias, e vai além, afirma que famílias poliafetivas:

merecem especial proteção do Estado[...]a partir dos reflexos da constitucionalização do Direito de Família mediante os princípios: (i) da dignidade da pessoa humana, (ii) da liberdade nas relações familiares, (iii) da solidariedade familiar, (iv) da igualdade, (v) da afetividade, (vi) da especial proteção reservada à família, (vii) do pluralismo das entidades familiares e (viii) da mínima intervenção do Estado na família.

A despeito de qualquer lei que trate especificamente sobre o tema, o reconhecimento do poliamor pode e deve ser implementado por meio dos juízes, em virtude do princípio da igualdade e de todos os outros princípios aqui expostos, não sendo medida restrita ao Estado-legislador.

Diante do princípio da igualdade, o juiz deve reconhecer o poliamor enquanto identidade relacional capaz de dar origem a uma família, protegendo seus integrantes e garantindo as condições para exercer seus legítimos direitos.

**O poliamor é capaz de constituir uma família merecedora de tutela, na medida em que é amplamente compatível com a Constituição, funda-se no afeto e instrumentaliza-se à promoção da dignidade de seus integrantes, de modo que se o legislador – por discriminação, preconceito, pressões de setores da sociedade ou por qualquer outro motivo injustificado – é silencioso, cabe ao juiz abolir tal desigualdade.**

**Aliás, a ausência de lei não pode justificar o não reconhecimento do poliamor (p. 154).**

(Grifo nosso)

No grupo Poliamor Brasília-DF existem famílias poliafetivas que aguardam por este reconhecimento perante o Estado, o Direito e a sociedade, uma vez que existem questões práticas que merecem atenção no que diz

respeito à prole, aquisição de bens, garantia de direitos de forma a resguardar e a assegurar os integrantes destas famílias.

Eu acho que é uma questão que o direito precisa intervir, precisa realmente estar nesse trabalho de quem são essas famílias? E esses filhos que estão nascendo destas famílias? Os direitos que elas têm de se casar? De até comprar um bem? Então eu acho muito importante por causa disso, porque é sério (Flávia).

**Eu acho que é o básico da justiça de reconhecer tanto no meio legal quanto no meio institucional a família não tradicional e também tratar isso num ambiente escolar... Eu acho importante, porque primeiro que as pessoas não conhecem isso, não consideram essa possibilidade e quando conhecem elas têm medo, elas criticam, elas massacram, ou então mesmo que elas respeitem entre aspas é aquele respeito do “mas”... “Tudo bem eu respeito, mas... Eu acho que é putaria”(Fernando). (Diário de Campo – 11/05/2015). (Grifo nosso).**

O reconhecimento e legitimação das questões das famílias plurais ultrapassam os limites jurídicos, tem reflexo em suas próprias vidas, na relação com as pessoas, no seu cotidiano. Diz respeito ao bem-estar e a saúde de modo geral a partir do estabelecimento de laços afetivos. Este fato também foi observado nos episódios da série documental “Amores Livres”<sup>32</sup>, no canal GNT.

O quarto episódio exibido no dia 26 de agosto de 2015 revelou a rotina do trisal Audhrey (ká), Eustáquio e Ricota (todos com mais de 40 anos de idade) que vivem juntos há 08 anos. Do primeiro casamento (legal) entre Ká e Eustáquio veio um filho, separaram-se e surgiu o segundo casamento (também legal) entre Ricota e Eustáquio. Anos mais tarde e após várias tentativas conseguiram chegar ao consenso de se tornarem uma família poliafetiva.

Estabeleceram-se acordos de convivência que permitiram Ká e Ritoca se tornarem amigas, das famílias de origem compartilharem momentos de confraternização juntas. Ká faz uma observação interessante em relação ao marido, “nós somos diferentes, mas ele tem que tratar igual”, percebe-se aqui a noção de equidade em respeito à individualidade dos sujeitos. As cenas mostraram que há a aceitação e o reconhecimento dos parentes mediante a não normatividade do trio, este caminho leva a comportamentos de tolerância à

---

<sup>32</sup> A trajetória do trio e de outras famílias encontra-se disponível em: <<http://globosatplay.globo.com/gnt/v/4421834/>> Acesso em 21 Set 2015.

diferença que reflete na boa convivência mantendo o relacionamento familiar saudável, evocando o bem-estar e a qualidade de vida.

O documentário registrou nos episódios semanais cenas do cotidiano entre famílias plurais e as famílias de origem, e a rotina dos solteiros adeptos ao poliamor. Nas declarações e nos comportamentos, foi possível observar que prevaleceu a afetividade, o cuidado e o respeito entre os (as) parceiros (as), que os conflitos inter-relacionais e extra relacionais são semelhantes entre, que a rotina diária de todos eles muito se assemelha à rotina de relacionamentos monogâmicos e de outros tipos não monogâmicos.

A dimensão do que foi exposto até o momento leva a crer na relevância do reconhecimento do poliamor e suas práticas, bem como, das famílias poliafetivas. A visibilidade destes sujeitos e suas questões pode trazer à sociedade de modo geral informações legítimas que, progressivamente, podem gerar o reconhecimento identitário no âmbito dos serviços de saúde e quiçá no jurídico.

### **Movimento político para uns, viver em paz para outros.**

Antes de surgir como movimento, o poliamor foi tema de conferência em 1990 na cidade de Berkeley por Oberon Zell e sua esposa Morning Glorym, dentro da vertente espiritualista e pagã da Igreja de Todos os Mundos. O casal pretendeu difundir a importância das práticas saudáveis e medidas preventivas contra DSTs para que os relacionamentos com mais de uma pessoa fossem duradouros, pautados pela responsabilidade (FREIRE, 2013, p. 38; CARDOSO, 2010, p. 11). Estes autores também mencionam os preceptores da vertente poliamorista e fundadores da “Loving More Magazine” em 1995, Deborah Anapol e Ryam Nearing, como figuras representativas do movimento social e citam o livro *Polyamory: The New Love Without Limits* (1997) de Anapol como referência na corrente libertária amorosa.

Conforme Lima e Almeida (2013, p. 378), o “movimento organizado existe nos Estados Unidos há mais de 20 anos, em novembro de 2005 foi realizada a Primeira Conferência Internacional em Hamburgo, na Alemanha”. Em Portugal, há um movimento com representatividade marcante desde 2009,

conhecido como PolyPortugal<sup>33</sup> e que tem influenciado vários países, inclusive o Brasil.

A corrente favorável aos movimentos sociais não monogâmicos nacionais ainda é modesta, porém, tem mostrado tendência de crescimento através de grupos consolidados nos estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Brasília. Na capital federal integrantes do grupo Poliamor Brasília-DF têm progressivamente representado o movimento e se empenhado em proporcionar visibilidade participando de palestras, promovendo eventos relacionados ao tema e divulgando publicações.

Leandro Viana, que é companheiro de Alice Sales e apoiador do movimento, acredita que a visibilidade gerará o reconhecimento com efeito nos próximos 20 anos por meio das novas gerações. Acredita que os mais jovens terão conhecimento maior que os adultos de hoje, daí a importância dos poliencontros, da informação, da divulgação. Ressalta que mesmo que as futuras gerações não sigam os moldes poliamorosos de relacionamento, ao menos ele espera que sejam cidadãos com maior compreensão das questões poliafetivas, e concorda com a colocação da Alice de que o governo pode contribuir com esse progresso.

Marcos concorda com a relevância dos movimentos sociais. Para ele é uma forma de gerar representatividade e firmar identidade, mas se incomoda com a visão de algumas pessoas de que é necessariamente obrigatório ter que assumir algo que é tão pessoal. Acredita que é direito de cada um se identificar quando, onde e para quem achar conveniente ou necessário.

**Pra mim é um ato político sim, é extremamente importante, mas eu acho que não de forma limitada. Eu acho que o ato político do assumir-se vai até o ponto onde não se tornar compulsório pra pessoa.** Inclusive no meu processo de me assumir pansexual... Eu li um texto que dizia assim, se você é uma pessoa homo você tem essa obrigação moral para com as outras pessoas, de se assumir pra que elas vejam que pode estar em todos os espaços e que você não nega essa parte de você como sendo um defeito que você quer esconder, entende? Mas **eu acho que é uma leitura completamente errada devocê colocar um problema onde ele não está. O problema está na sociedade, da forma como ela enxerga, da forma estigmatizada, limitada** e você dizer que é uma responsabilidade da pessoa se assumir! Eu achei assim... Sabe... Aquilo me fez muito mal, **é você colocar o que tem de errado daquela opressão sendo**

---

<sup>33</sup> Disponível em: <<http://polyportugal.blogspot.com.br/2009/06/apresentacao-o-poly-portugal-em-5.html>> Acesso em: 03 out 2015.

vivida justamente no grupo que está sendo oprimido. Então eu acho que é um ato político sim, você tá gerando representatividade ao fazer isso, você tá se mostrando, as pessoas estão vendo, pra mim foi importante também ter as outras formas de representação sobre sexualidade sobre relacionamento, acho importante até que esbarre nessa obrigatoriedade de ter que se assumir assim como eu falei. Cada pessoa sabe exatamente quando, em que espaço e com quais pessoas ela vai se assumir ou não. É completamente da pessoa e ninguém tem nada que ver com isso, seja pro poliamor, seja pra uma outra sexualidade ou gênero, acho que isso é da pessoa e ninguém tem nada a dizer sobre ela se afirmar como ela é além dela mesma (Marcos).

(Diário de Campo – 05/03/2015). (Grifo nosso).

Percebo que avisão daqueles que já se debruçaram sobre estudos referentes ao poliamor e dos próprios sujeitos poliamoristas, indica que trazer ao público informações capazes de esclarecer do que se trata e como vivem, pode contribuir para desmistificar pensamentos pejorativos, equivocados, etalvez, influenciar positivamente o comportamento violento daqueles que são contrários a esta corrente. Logicamente, existem pessoas como Marília, que não sentem a necessidade de se engajarem no movimento político a favor do poliamor, apenas querem a liberdade de ir e vir, de viverem suas vidas de forma que não tenham que ser excluídas do seio familiar ou dos grupos de amigos em detrimento de escolhas que só dizem respeito a elas mesmas.

Não sei se com o tempo eu fiquei em cima do muro sobre as coisas, porque eu sou formada em direito, teria que ser a primeira pessoa a defender essa bandeira, mas não sinto a necessidade. O que eu defendo ultimamente sobre o tempo que eu vivi e que eu senti no meu corpo e na minha cabeça, que eu aprendi assim é que **agora eu quero viver com a minha bandeira...** Atualmente eu estou levantando a minha bandeira mesmo, **que é eu viver**, porque eu sempre vivi sem me olhar demais. Agora eu estou querendo me olhar, **não sei se sou mais feliz ou menos feliz com isso, eu sei que eu durmo melhor com isso.** Eu sempre senti o lado de ser a mãe solteira, o lado de não ser a mais bonita e blá, blá, blá, mas isso nunca me incomodou, porque **eu estou me dando conta que eu sou eu assim, [...]**, estou **conseguindo resolver as minhas coisas porque estou me sentindo mais autêntica e ponto** (Marília).

(Diário de Campo – 05/03/2015). (Grifo nosso).

Freire (2013) comenta que Weitzman; Davidson e Phillips Jr. (2009) fizeram estudos interessados em saber se os psicólogos estariam preparados para atender em seus consultórios demandas de pessoas poliamorosas com problemas de saúde mental em detrimento da escolha relacional. Partindo da

revisão da literatura obtiveram “evidências empíricas para apoiar a visibilidade das relações poliamorosas”, e além:

**Necessariamente, tais estilos de vida alternativos não seriam responsáveis por desencadear a manifestação de personalidade patológica, nem tão pouco estes indivíduos se diferenciariam daqueles que vivem relacionamentos monogâmicos** (FREIRE, 2013, p. 51). (Grifo nosso).

A autora ainda julga importante expandir o campo de pesquisa relativo ao poliamor para que outras questões sejam levantadas, com a intenção de dinamizar a discussão e para que possam fornecer explicações relevantes para compreensão da estrutura dos relacionamentos alternativos à monogamia.

Tendo em vista a diversidade social, seja nas diferenças de gênero, de relacionamento, de concepções de família, entre outras, refletir a respeito do poliamor enquanto movimento social torna-se relevante no processo de saúde e cuidado. Assim como os sujeitos com os quais conversei, concordo que é preciso trazer o poliamor à visibilidade social - incluo aqui a comunidade acadêmica, profissionais da saúde no geral, autoridades governamentais e legais -. É necessário refletir sobre as novas leituras de família e os fatores que possam interferir na rede de atenção à saúde e suas práticas, além de pensar em quais aspectos e em que medidas os protagonistas dessas transformaçõesna sociedade necessitarão de apoio em detrimento da violência que ocupa leitos nos hospitais e geram boletins de ocorrência nas delegacias.

## Considerações Finais

Do ponto de vista profissional tive uma experiência ímpar em cada etapa da pesquisa, foram momentos de insegurança, alguns impactantes, e muitos os de satisfação nas descobertas e atuação como pesquisadora em campo exploratório. Pude comprovar, além das bibliografias, que existem novas leituras de famílias que não necessariamente a nuclear, e testemunhar com os próprios olhos é percorrer o caminho entre a verdade e a realidade.

Compreende-se de modo geral, haja vista não ter um consenso sobre o conceito do poliamor, que se trata de um modelo de relacionamento não monogâmico, que afirma ser possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e manter uma relação de compromisso, responsabilidade e liberdade, sem domínio/posse sobre quem se ama, opondo-se à monogamia, ou seja, sem exclusividade afetiva e/ou sexual. Tende a ser um relacionamento duradouro, baseado na honestidade, consenso, fidelidade e lealdade perante o acordo e promessa firmada entre os parceiros (as). A comunicação e negociação funcionam como mecanismo fundamental de ajustes caso haja violação dos acordos.

Pesquisas realizadas ao longo de mais de 40 anos, levaram a especialista Regina Navarro Lins a crer que o poliamor é uma tendência na sociedade ocidental contemporânea:

O amor romântico começa a sair de cena, levando com ele a idealização do par romântico, com a ideia de os dois se transformarem num só e, conseqüentemente, a ideia de exclusividade. Com isso, abre-se a possibilidade de se amar e de se relacionar sexualmente com mais de uma pessoa ao mesmo tempo (LINS, 2007, p. 331).

O desenho etnográfico da pesquisa permitiu delimitar o perfil dos adeptos e simpatizantes do poliamor no grupo Poliamor Brasília-DF. Estes formam um grupo heterogêneo, de estilo predominantemente alternativo, com idade entre 18 e 30 anos, maior presença do gênero feminino, sem distinção clara de raça/cor, porém percebo pouco negros (as). A orientação sexual vem embaralhada nesse universo plural. A ocupação varia, mas a maioria é estudante universitário, prevalecendo a classe média à classe média alta. Monogâmicos (as) e não monogâmicos (as) podem frequentar os

poliencontrosque são abertos a todo público, cujos encontros acontecem geralmente nos parques ou bares do Plano Piloto e das cidades satélites.

Existem várias formas de conjugalidades dentro do poliamor em se tratando de gênero, orientação sexual, hierarquia e número de parceiros (as). Podendo ainda variar em relacionamento aberto ou fechado, sendo este último conhecido como polifidelidade.

O relacionamento poliafetivo por sua complexidade, notadamente, não é possível para todas as pessoas, é preciso entender que a liberdade para relacionar-se com mais de uma pessoa também esbarra na liberdade daquelas que escolheram se relacionar afetivamente e/ou sexualmente com apenas uma.

Os sujeitos participantes dessa pesquisa percebem o amor e o sexo para além da reprodução, sendo que o estado de felicidade nestes dois aspectos proporcionam saúde e bem-estar. De modo geral, o amor é um sentimento nutrido de afeto, cuidado e carinho que nem sempre se separa do sexo, porém, não se limita a penetração, havendo uma relação entre a filosofia de vida com a sexualidade.

Percebo como tendência ou o mais próximo da realidade que os espaços de divulgação sobre este tema estão se multiplicando, principalmente no mundo virtual, que tem se tornado uma grande ferramenta de organização do movimento, promovendo maior visibilidade às questões pertinentes ao poliamor na tentativa de firmar sua identidade e a garantir seus direitos como cidadãos.

Os resultados apresentados identificaram que o poliamor tende a privilegiar homens, mulheres brancas e a classe média à classe média alta, a partir do recorte de gênero, raça e classe social apresentado durante o campo. Os achados levam também à compreensão de que os constrangimentos que já ocorreram e os que podem vir a ocorrer frente ao atendimento dos usuários poliamoristas, na rede de atenção à saúde, causam receio de se apresentarem como tais. Como a saúde envolve bem-estar emocional e psíquico, para eles, infere-se pensar que os profissionais da saúde no geral (psicólogos, sociólogos, antropólogos, sexólogos, sanitaristas, enfermeiros etc.) estarão mais preparados para auxiliar as pessoas em conflitos amorosos, e também

para ajudar a sociedade a entender e respeitar as diferenças quando conhecerem o poliamor, os sujeitos que o praticam, sua dinâmica relacional e as questões que podem interferir nas práticas de saúde.

A participação da Saúde Coletiva no processo de acompanhamento das transformações na família e na sociedade é relevante para que sejam pensadas enquanto tais nas políticas públicas de saúde, para que a realidade e suas transformações alcancem as políticas de saúde. Ao longo da formação do sanitarista, cursos como “Saúde e Sociedade”, preconizam a compreensão do processo saúde-doença considerando aspectos biológicos, sociais, naturais, culturais, do trabalho do profissional da saúde enquanto prática social, da relevância da formação de grupos/movimentos sociais e a interferência e/ou influência destes aspectos no processo social, econômico e político.

Do ponto de vista acadêmico é interessante que haja estudos sistematizados capazes de produzir maior conhecimento sobre o fenômeno poliamoroso. Buscando uma perspectiva baseada na análise das normas de convivência do homem e dos modos de sua organização social a partir da História, da Antropologia, do Direito Civil, do Direito Social, da Política Social, da Psicologia, da Sociologia e da Filosofia entre outras Ciências, uma vez que, esta e outras organizações não monogâmicas tendem a refletir e influenciar futuras gerações.

Quando os profissionais da saúde, os educadores, os dirigentes do Estado e os juristas se dispuserem a conhecer a filosofia e as práticas do poliamor, bem como reconhecê-lo como possível de constituir famílias, talvez, haja mais espaço para diálogos capazes de discutir sobre os estigmas que giram em torno das famílias que não seguem a mononormatividade e os reflexos no contexto econômico, político e social.

A observação nos poliencontros, as palestras e programas de TV assistidos, os depoimentos acompanhados nas redes sociais, as entrevistas com os sujeitos de pesquisa, a escuta aos programas de rádio e as leituras me permitem afirmar que há muitos pseudomonogâmicos, aqueles que contraem matrimônio ou dizem ser monogâmicos, mas alegam não ter um comportamento monogâmico por causa do instinto da natureza humana (a teoria biológica) ou por convenção social patriarcal e machista de que o

“homem pode e a mulher não”, e os pseudopoliamorosos que acham que terão a liberdade desejada dentro do poliamor sem realmente compreender essa filosofia de relacionamento e de vida.

Por fim, não navego no barco daqueles que acreditam que a monogamia é pior ou melhor que a não monogamia, apenas acredito como profissional da saúde e bacharela em Saúde Coletiva, que cada um é um, é único, é diferente, portanto, suas escolhas podem sim divergir das minhas, divergir do fluxo, e que elas também podem mudar de acordo com as circunstâncias. Os barcos em direções semelhantes ou distintas estão no mesmo oceano da vida, na luta por um espaço ora à sombra ora ao sol, assim é a jornada, e que seja livre, se possível leve.

## Referências

- BEARZOTI, P. Sexualidade: um conceito psicanalítico freudiano. **Arq. Neuro-Psiquiatr.**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 113-117, mar. 1994. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0004-282X1994000100024&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0004-282X1994000100024&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 05 Out 2015.
- BEAUD, S; WEBER, F. **Guia para Pesquisa de Campo: Produzir e analisar dados etnográficos**. 2ª ed. Petrópolis, RJ. Editora: Vozes, 2014.
- BÍBLIA. Português. **ABíblia da Mulher: leitura, devocional, estudo**. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- BIRMAN, J. A interdisciplinaridade na Saúde Coletiva. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1-2, 1996.
- BOSI, M. L. M; PAIM, J. S. Graduação em Saúde Coletiva: limites e possibilidades como estratégia de formação profissional. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, Jul. 2010.
- BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).
- BORBA, A. A.; LIMA, H. M. Exclusão e inclusão social nas sociedades modernas: um olhar sobre a situação em Portugal e na União Europeia. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 106, p. 219-240, 2011.
- CARDOSO, D. S. **Amando vári@s: individualização, redes, ética e poliamor**. Dissertação. Universidade Nova de Lisboa, 2010.
- CAPRARA, A; LANDIM, L.P. Etnografia: uso, potencialidades e limites na pesquisa em saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 12, n. 25, Jun. 2008. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000200011&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000200011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 20 fev. 2015.
- DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ECKERT, C; DA ROCHA, A. L. C. Etnografia: saberes e práticas. **ILUMINURAS**, v. 9, n. 21, 2008.
- EMMERICK, R. As relações Igreja/Estado no Direito Constitucional Brasileiro. Um esboço para pensar o lugar das religiões no espaço público na contemporaneidade. **Revista Latinoamericana. Sexualidad, Salud y Sociedad**. n.5 – 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/383/822>>. Acesso em: 03 out. de 2015.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Conjugalidades contemporâneas**: um estudo sobre os múltiplos arranjos conjugais da atualidade. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. p. 37, 2009.

FERREIRA, G. G; AGUINSKY, B. G. Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 223–232, dez. 2013.

FRANÇA, M. “Quero um amor sem obrigações”: Notas antropológicas sobre um estudo entre poliamentes. In: **Novos Debates**: fórum de debates em antropologia. Vol.2. N. 1. p. 146 – 152, 2005.

FREIRE, S. E. A. **Poliamor, uma forma não exclusiva de amar**: Correlatos valorativos e afetivos. 2013. 258f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Brasil: Editora LTC, 1963p. 124.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333–361, ago. 2011.

HINTZ, H. C. Novos tempos, novas famílias? Da modernidade à pós-modernidade. **Pensando famílias**, v. 3, n. 1, p. 8-19, 2001.

JESUS, J. G. Psicologia social e movimentos sociais: uma revisão contextualizada. **Psicologia e Saber Social**, v. 1, n. 2, p. 163-186, 2013.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e História. In: **Antropologia Estrutural**. II Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, capítulo XVIII, pp 328-366.

LIMA, R. D; ALMEIDA. T. Relações poliamorosas: quando o amor se multiplica. In: ALMEIDA. T. (Org). **Relacionamentos amorosos**: o antes, o durante... e o depois. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, p. 375-390, 2013.

LINS, R.N. A cama na varanda: Arejando nossas ideias a respeito de amor esexo. **Edição revista e ampliada**. Rio de Janeiro: Best Seller, p. 430, 2007

LINSSEN, L.; WIK, S. **Amor Sem Barreiras**: As alegrias e os desafios dos relacionamentos abertos e poliamorosos nos dias de hoje. 1. ed. São Paulo: Editora Pensamento, 2012. p. 268.

LOYOLA, M.A. O lugar das Ciências Sociais na Saúde Coletiva. **Saúde Soc.** São Paulo, v.21, n.1, p.9-14, 2012.

LUZ, M. T. Especificidade da Contribuição dos saberes e práticas das Ciências Sociais e Humanas para a saúde. **Saúde Soc.** São Paulo, v. 20, n. 1, p. 22-31, 2011.

MATOS, M. **Reinvenções do Vínculo Amoroso**: Cultura e Identidade de Gênero na Modernidade Tardia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000. p. 332.

MAUSS, M. As dádivas trocadas e a obrigação de retribuí-las (Polinésia). In: **Sociologia e Antropologia**. SP: Cosacnaify, 2003a.

\_\_\_\_\_. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: **Sociologia e Antropologia**. SP: Cosacnaify, 2003b.

MEIRA, M. C. R. **Pleiade**, Foz do Iguaçu, v. 2, n. 1, p. 151-152 162, jan./jun. 2008.

MONTARDO, S. P; PASSERINO, L. M. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. **RENOTE**, v. 4, n. 2, 2006.

OLIVEIRA, R.C. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed. Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006. p.17-38.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995. cap 2, p. 30-54, 1995. Disponível em: <[http://www.marizapeirano.com.br/livros/a\\_favor\\_da\\_etnografia.pdf](http://www.marizapeirano.com.br/livros/a_favor_da_etnografia.pdf)>. Acesso em: 17 Set 2014.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. **Horiz. Antropol.**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, Jul/Dez. 2014. Disponível em < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832014000200015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832014000200015&script=sci_arttext)>. Acesso em: 18 dez. 2014.

PILÃO, A.C. Poliamor e bissexualidade: idealizando desvios. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 36., 2012, Águas de Lindoia. **Anais...**São Paulo: ANPOCS,p. 25, 2012.

PILÃO, A.C.; GOLDENBERG, M. Poliamor e Monogamia: Construindo Diferenças e Hierarquias. **Revista Ártemis**, Paraíba, v. 13, p. 62-71 jan./jul. 2012.

Poliamor. In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/poliamor>>. Acesso em: Acesso em 17 ago 2015.

QUEIROZ, D, T. et al. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Rev. enferm. UERJ**, v. 15, n. 2, p. 276-283, 2007.

RITCHIE, A.; BARKER, M. ‘There Aren’t Words for What We Do or How We Feel So We Have To Make Them Up’: Constructing Polyamorous Languages in a Culture of Compulsory Monogamy. **Sexualities**. V. 9. London, 2006.

SANTIAGO, R. S. **O mito da monogamia à luz do direito civil**constitucional : a necessidade de uma proteção normativa às relações de *poliamor*.

Dissertação. Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/16193>>. Acesso em: 15 set. 2014.

SCLIAR, Moacyr. História do conceito de saúde. **Physis**, Rio de Janeiro, v.17, n.1, p. 29-41, 2007.

TOLEDO, L. R. D. M. C. A família contemporânea e a interface com as Políticas Públicas. **Ser Social**, Brasília, n. 21, p. 13 – 44 jul./dez. 2007.

TREVIZAN, A. F.; AMARAL, S. T. **Diferenciação entre Minorias e Grupos Vulneráveis.** Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile/2319/1814>> . Acesso em: 22 de setembro de 2015.

WOLFE, L.P. **Jealousy and transformation in polyamorous relationships.** Tese de Doutorado. The Institute for Advanced Study. 2003.

## Apêndice

### Instrumento de Pesquisa – Questionário semiestruturado

#### Bloco 1 – Informações sociodemográficas

Com o objetivo de conhecer algo mais acerca dos participantes do estudo, rogamos que responda as perguntas a seguir. Lembramos que a identificação na monografia dar-se-á apenas pelas iniciais do nome ou por nome fictício e os meios de contato servirão para futuras entrevistas, caso necessário, os quais não serão divulgados.

1. Nome \_\_\_\_\_
2. Idade: \_\_\_\_\_ anos
3. Cidade/ Estado de nascimento: \_\_\_\_\_
4. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino
5. Qual das seguintes opções melhor lhe define?  
( ) Heterossexual ( ) Bissexual ( ) Homossexual ( ) Outra: \_\_\_\_\_
6. Estado civil: ( ) Solteiro ( ) Casado/convivente ( ) Separado/ divorciado ( ) Outro
7. Se casado/convivente, quanto tempo? \_\_\_\_\_
8. Se tiver filhos, quantos? \_\_\_\_\_
9. Qual sua profissão/ ocupação? \_\_\_\_\_
10. Qual sua escolaridade? \_\_\_\_\_
- 10.1 Ensino Fundamental foi ( ) instituição pública ( ) instituição privada
- 10.2 Ensino Médio foi ( ) instituição pública ( ) instituição privada
11. Qual sua formação religiosa?  
( ) Católica ( ) Evangélica ( ) Espírita ( ) Nenhuma ( ) Outra: \_\_\_\_\_
12. Moradia em bairro nobre de Brasília ( ) ou cidade satélite ( )
13. Atividades sociais e culturais que frequenta:  
( ) 1 vez por semana ( ) 1 vez por mês ( ) outros \_\_\_\_\_
14. Contato:  
Email: \_\_\_\_\_  
Telefone(s): \_\_\_\_\_

#### Bloco 2 – Para você o que é amor, sexo, afeto, bem estar, família e felicidade?

#### Bloco 3 – O poliamor

1. Que palavras vêm à cabeça quando você pensa em poliamor?
2. O que é poliamor?
3. É possível amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e conciliar estes amores de forma honesta? Explique.
4. O que você pensa a respeito de uma pessoa que vive uma relação poliamorosa? (esta questão é para quem não vive em um contexto poli)
5. Em uma relação poliamorosa o que é mais relevante para boa convivência?
6. É possível uma pessoa sentir prazer ao saber que seu (sua) parceiro (a)

está envolvido afetivamente e/ou sexualmente com outra pessoa (compersão)? Justifique.

7. Você se reconhece enquanto FAMÍLIA poliamorosa?

8. Os outros membros da sua família aceitam e convivem bem com a forma a qual você escolheu se relacionar?

9. Existe preconceito ou discriminação em relação à comunidade poliamorosa?

10. O poliamor é um movimento levado a sério por seus componentes? O que o movimento pleiteia na esfera governamental, jurídica e social?

#### **Bloco 4 – Sistema de Saúde**

1- O que é saúde para você no contexto do poliamor e/ou fora dele?

2- Já passou por alguma dificuldade ou constrangimento em relação ao atendimento na rede pública ou privada após se identificar como poliamoroso?

3- Acha que o sistema de saúde público e privado está preparado para atender uma família ou um indivíduo poliamoroso? Justifique.

4- Já frequentou com seus/suas parceiros (as) alguma reunião de planejamento familiar na rede de saúde? Ou precisou de algum serviço da rede que fosse necessário ir com seus (suas) parceiros (as) e se identificou como poliamoroso (a)?

5- O que te motiva ser poliamoroso (a)?

6- Há algum ponto que te incomode por ser poliamoroso (a)?

7- Já enfrentou algum tipo de problema na família, entre colegas, no trabalho, no meio social (agressão física ou verbal, psicológico ou social) por ser poliamoroso (a)? Procurou ajuda profissional para enfrentá-los? Como se comportou e como se sentiu?

8- Acha que é necessária alguma política pública para a população poliamorosa, assim como há para outras minorias? Qual sua sugestão para este contexto?

9- Você se sente representado (a) como poliamoroso (a) em alguma instância social ou governamental?

10. Espaço destinado a qualquer observação:

## Anexos

## Anexo I – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.

<div style="display: flex; justify-content: space-between; align-items: center;"> <div style="text-align: center;"> <p><b>INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS / UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA / CAMPUS</b></p> </div> <div style="text-align: right;">  </div> </div>								
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>								
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>								
<b>Título da Pesquisa:</b> POLIAMAR É POSSÍVEL: saúde, cuidados e famílias.								
<b>Pesquisador:</b> Rosamaria Carneiro								
<b>Área Temática:</b>								
<b>Versão:</b> 1								
<b>CAAE:</b> 39470114.6.0000.5540								
<b>Instituição Proponente:</b> Instituto de Ciências Humanas								
<b>Patrocinador Principal:</b> Financiamento Próprio								
<b>DADOS DO PARECER</b>								
<b>Número do Parecer:</b> 916.727								
<b>Data da Relatoria:</b> 11/12/2014								
<b>Apresentação do Projeto:</b>								
<p>A presente pesquisa se propõe a fazer um estudo qualitativo, de caráter etnográfico para compreender a concepção que os adeptos do poliamor ou de relações poliamorosas têm construído de famílias, saúde, cuidados e acerca da relação que estabelecem com a sociedade em geral. Para tanto, pretende-se realizar um acompanhamento dos poliencontros do grupo "Poliamor BsB", grupo virtual que também se reúne presencialmente e é aberto a todo e qualquer participante. A partir do grupo, o intuito é realizar entrevistas semiestruturadas com 4 quatro sujeitos de pesquisa participantes do grupo que vivam relações poliamorosas, no período de sete meses de pesquisa de campo. Para o registro, será utilizado o registro no diário de campo. O campo de pesquisa será desenvolvido a partir de observação participante resultando em um conteúdo teórico que subsidiará entender as práticas do poliamor na perspectiva desses sujeitos, sobretudo, no que tange aos desenhos de família, de cuidados com a saúde e eventuais preconceitos vivenciados a partir da sociedade em geral.</p>								
<b>Objetivo da Pesquisa:</b>								
<b>Objetivo Primário:</b>								
<p>Descrever as concepções de amor, de família, de sexualidade e de gênero que circulam no grupo poliamoroso, "Poliamor BSB", de Brasília, e refletir sobre a sua relação com a noção de saúde e bem</p>								
<table style="width: 100%; border: none;"> <tr> <td style="border: none;"><b>Endereço:</b> CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC 2 ALA NORTE 2 MEZANINO 2 SALA B1 2 606 (MINHOÇÃO)</td> <td style="border: none;"><b>CEP:</b> 70.910-900</td> </tr> <tr> <td style="border: none;"><b>Bairro:</b> ASA NORTE</td> <td style="border: none;"></td> </tr> <tr> <td style="border: none;"><b>UF:</b> DF</td> <td style="border: none;"><b>Município:</b> BRASÍLIA</td> </tr> <tr> <td style="border: none;"><b>Telefone:</b> (61)3307-2760</td> <td style="border: none;"><b>E-mail:</b> ihd@unb.br</td> </tr> </table>	<b>Endereço:</b> CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC 2 ALA NORTE 2 MEZANINO 2 SALA B1 2 606 (MINHOÇÃO)	<b>CEP:</b> 70.910-900	<b>Bairro:</b> ASA NORTE		<b>UF:</b> DF	<b>Município:</b> BRASÍLIA	<b>Telefone:</b> (61)3307-2760	<b>E-mail:</b> ihd@unb.br
<b>Endereço:</b> CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC 2 ALA NORTE 2 MEZANINO 2 SALA B1 2 606 (MINHOÇÃO)	<b>CEP:</b> 70.910-900							
<b>Bairro:</b> ASA NORTE								
<b>UF:</b> DF	<b>Município:</b> BRASÍLIA							
<b>Telefone:</b> (61)3307-2760	<b>E-mail:</b> ihd@unb.br							

INSTITUTO DE CIENCIAS  
HUMANAS / UNIVERSIDADE  
DE BRASÍLIA / CAMPUS



Continuação do Parecer: 916.727

estar.

**Objetivo Secundário:**

• Traçar um perfil demográfico dos simpatizantes e adeptos das relações poliamorosas de Brasília;•  
Descrever possíveis dificuldades enfrentadas (ou a enfrentar) no tratamento recebido pelos profissionais da  
área da saúde em detrimento da opção de relacionamento não monogâmico;•  
Conceituar o poliamor no âmbito geral e para o grupo Poliamor Bsb;• Identificar se neste tipo de  
relacionamento não monogâmico existem regras ou acordos como nos demais tipos de relacionamentos  
(swing, RLi, relação aberta e monogamia).

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

A pesquisa prevê riscos mínimos.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O desenho da pesquisa está claro e atende as recomendações éticas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos apresentados estão adequados.

-Justificativa para a não apresentação do aceite institucional

-TCLE

-Roteiros de entrevista

**Recomendações:**

Nenhuma recomendação

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Nenhuma pendência

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Endereço: CAMPUS UNIVERSITARIO DARCY RIBEIRO - ICC   ALA NORTE   MEZANINO   SALA B1   606 (MINHOCÃO)  
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900  
UF: DF Municipio: BRASILIA  
Telefone: (61)3307-2760 E-mail: ihd@unb.br



## Cresci num Lar Poliamoroso

agosto 7, 2015

por Benedict Smith



Poucos símbolos culturais têm tanto peso quanto a família nuclear "tradicional". Sabe: dois pais heterossexuais, dois filhos, um cachorro e duas colheradas de cerquinha branca; em seguida, mexa gentilmente. Não me entenda mal, não há nada de errado nisso – só não fui criado assim.

Meus pais eram poliamorosos, uma palavra grega/latina que significa amor romântico não monogâmico com o consentimento de todos os envolvidos. Quando era garoto, eu morava com meu pai, minha mãe, o parceiro da minha mãe e, por um tempo, a parceira do parceiro da minha mãe. Minha mãe podia ter até quatro parceiros por vez. Meu pai também tinha parceiras. Fui criado numa rede de adultos cujos relacionamentos não eram exclusivos, mas que se mantinham comprometidos por anos, até décadas.

Eles me explicaram isso pela primeira vez quando eu tinha oito anos. Meu irmão de quatro perguntou por que James, o parceiro da minha mãe, passava tanto tempo com a gente.

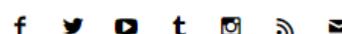
"Porque eu o amo", disse minha mãe, indo direto ao ponto.

"Isso é bom", meu irmão respondeu, "porque eu também o amo".

Nunca foi muito mais complicado do que isso. Pensando agora, era isto que eu achava mais extraordinário na nossa situação: como tediosamente comum era tudo aquilo. Eu até queria que houvesse mais emoção – um garoto assustado, tropeçando numa orgia abastecida por metanfetamina com mímicos de circo pelados, freiras e galinhas –, mas éramos como toda família ligeiramente disfuncional do nosso quarteirão.

Nunca tive ressentimento dos meus pais por terem outros parceiros. Todo mundo ia ao cinema ou passava as férias juntos. Ter mais adultos na casa significava mais amor e apoio – e mais adultos em quem me inspirar. Meu pai e James não ficavam com ciúmes ou ressentidos um com o outro, muito longe da briga de chifres de machos alfa que você poderia esperar. Eles eram amigos.

### CONECTE-SE



### MAIS POPULARES



Selecionamos as Melhores Fotos Inéditas da Missão Apollo da NASA



Tudo que Sabemos Até Agora sobre os Sigilos da Gestão de Geraldo Alckmin



Fotos Cândidas de Heróis, Vilões e Pikachus na New York Comic Con



Círio de Nazaré: Água, Suor e Dois Milhões de Pessoas



'A Droga mais Perigosa do Mundo' Cresce em Toda Parte na Romênia

Lembro-me da primeira vez que o James me passou um sermão. Eu tinha oito anos e quase saí correndo no meio do trânsito. Ele me puxou da rua e gritou comigo por não olhar para os dois lados antes de atravessar. Lembro-me de pensar: "Ah, esse adulto também pode me disciplinar?". Mas não demorou muito para perceber que isso também significava que eu tinha outro adulto com quem contar – e me impedir de ser atropelado por um ônibus –, e isso era uma coisa boa.

Foi sorte estar vivendo em relativa felicidade familiar em casa na época, porque a escola era um pesadelo. Eu gaguejava e gostava de power ballad dos anos 80 – contar sobre minha situação doméstica seria como me dar um cuecão por procuração. Outro garoto era zoadado pelos valentões (estranhamente patriarcais) por ter um pai dono de casa – então, eu não queria sair falando que minha mãe tinha quatro namorados. Eu tinha só um melhor amigo (um a mais teria interferido no meu caminho espiritual de estudar devotadamente as enciclopédias de *Guerra nas Estrelas* e me divertir com minhas experiências masturbatórias epifânicas). Ele era o único que sabia sobre os meus pais e simplesmente deu de ombros.

A comunidade da nossa igreja, por outro lado, acabou descobrindo sobre o arranjo dos meus pais. Estávamos muito próximos da nossa paróquia numa igreja anglo-católica de East London – minha mãe chegou a dar aulas na escola dominical. Nunca mentimos sobre nossa dinâmica familiar, só não queríamos espalhar isso. James era chamado de "um amigo da família", o que funcionou por um tempo. Porém acabamos desmascarados. Alguém achou o LiveJournal da minha mãe e correu a notícia de que minha família era poli.

A maioria das pessoas tentou entender, mas nem todo mundo conseguiu. Uma família ficou tão revoltada com o estilo de vida dos meus pais que proibiu seus filhos de brincar comigo e meu irmão. Isso acabou num telefonema particularmente desagradável para o serviço social, essencialmente confundindo paternidade poliamorosa com abuso infantil e mandando um enxame de assistentes sociais para nossa casa. Lembro-me de estar sentado no chão da sala com meus brinquedos Robot Wars, Hypno-Disc numa mão, Sir Killalot na outra, tentando convencê-los de que meus pais não estavam me machucando.

**"Bons pais são bons pais, seja um, dois, três ou quatro deles. Felizmente, os meus eram incríveis."**

Hoje em dia, se menciono que tive pais poliamorosos, as reações oscilam de "Que bizarro" a "Que legal". Muitas pessoas gostam da novidade. Algumas se sentem ameaçadas, embora geralmente fiquem bem quando garanto que isso não é uma crítica à monogamia delas.

No final das contas, minha criação moldou minha personalidade para melhor. Pude falar com adultos de todos os tipos e origens, fossem parceiros dos meus pais ou **parceiros dos parceiros dos parceiros** deles. Convivi com gente hétero, gay, bi, trans, escritores, cientistas, psicólogos, adotados, pessoas das Bermudas, de Hong Kong, ricos e gente que vivia de seguro-desemprego. Crescer nesse caldeirão cultivou e ampliou minha visão de mundo, me ajudando a me tornar o cara que sou hoje.

Nunca invejei os pais monogâmicos dos meus amigos. Eu conhecia garotos que viviam com dois pais ou apenas um, com padrastos, avós, tias e tios. Logo, o que eu tinha não parecia estranho. Acho que há pouquíssimas variações na forma como pais monogâmicos ou poli estragam os filhos. Bons pais são bons pais, seja um, dois, três ou quatro deles. Felizmente, os meus eram incríveis.



Pedidos de Fotos de Prisioneiros nas Solitárias dos EUA



Hou Hsiao-Hsien, o Diretor de 'The Assassin', Fala Sobre seu Filme Feminista de Artes Marciais



O Ato dos Estudantes em SP Terminou com Pedradas, Carros Destruídos e Gás Lacrimogêneo



Os Cabelos Coloridos do Pixel Show



Tentei Viver como a Gwyneth Paltrow por Uma Semana

Não acho que o poliamor seja superior à monogamia – é apenas algo diferente. No entanto, eu queria que isso não fosse algo tão estigmatizado. Só 17% das culturas humanas são estritamente monogâmicas: a maioria das sociedades humanas envolve uma mistura de tipos de casamentos. Não existe família tradicional. Em seu livro *Sex at Dawn*, o autor Christopher Ryan argumenta que a monogamia humana só veio com a revolução agrícola. Antes disso, vivíamos em pequenas comunidades de caçadores-coletores e compartilhávamos nossas propriedades (comida, abrigo, clavas, madeira, tangas de pele, etc.). Aí, com a pós-agricultura, a monogamia se desenvolveu devido a preocupações com paternidade e herança de bens materiais. Ryan explica que nossas atitudes românticas modernas são desnecessariamente puritanas, "um senso vitoriano desatualizado da sexualidade, que encara o desejo com direitos de propriedade". Desde o século 20, muitos de nós começaram a retornar às **raízes poliamorosas**, seguindo a revolução sexual, o feminismo e, por extensão, a independência financeira cada vez maior das mulheres. Essa tendência deve apenas continuar.

Muitas pessoas me perguntam se ter tido pais poli moldou o jeito como vejo o amor enquanto adulto, o que é difícil de se responder. Crescendo com poliamor como norma, monogamia me parecia estranha e contraintuitiva. Podemos amar mais de um amigo ou familiar ao mesmo tempo; então, a ideia de amor romântico só funcionar linearmente era confusa. Tenho 20 e poucos anos hoje e tendo a ter múltiplos parceiros (apesar de isso ocorrer mais por libido do que por convicção filosófica). Não me considero poli, mas estou aberto a ter múltiplos parceiros ou apenas um.

A vida é principalmente dor e luta – o resto é amor e pizza. Por um piscar cósmico, vivemos nessa pequena partícula de poeira que chamamos de planeta; logo, por que não podemos simplesmente aceitar que amor é amor, seja ele inter-racial, entre pessoas do mesmo sexo ou poli? Discriminação contra o amor é uma doença no coração – e já temos o suficiente disso comendo muita pizza.

Siga o *Benedict Smith* no [Twitter](#).

Tradução: *Marina Schnoor*

